



**Novas representações da mulher:
um estudo dos editoriais da revista *Tpm*¹**

Bruna Mariano Rodrigues²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

RESUMO

O presente artigo busca discutir quais são as representações criadas pela revista *Trip para Mulher (Tpm)*, publicada pela Editora TRIP, acerca de seu público leitor. Para tanto, analisamos os editoriais de 12 edições da revista mensal, veiculadas entre os anos de 2010 e 2011, buscando identificar marcas que indicassem as representações da chamada “mulher *Tpm*”. Utilizando técnicas de análise de discurso, investigamos e discutimos se tais representações sobre as leitoras da revista são inovadoras em relação àquelas criadas pela imprensa feminina tradicional, já que *Tpm* se posiciona como um produto diferenciado das demais publicações voltadas para mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: *Tpm*, imprensa feminina, editoriais, representações.

INTRODUÇÃO

Veículos midiáticos voltados para mulheres são tradicionalmente criticados por serem conservadores e reforçarem estereótipos de gênero (BUITONI, 2009, p.191). É dentro desse contexto e buscando se contrapor a tal cenário que surge, em 2001, a revista *TRIP para mulher*, conhecida como *Tpm*, sigla que também faz alusão à tensão pré-menstrual feminina. Adotando posicionamento diferenciado dos demais títulos voltados para mulheres, *Tpm* é o objeto de análise deste artigo, que busca discutir se as representações sobre o público leitor de *Tpm*, criadas pela própria publicação, são inovadoras em relação àquelas criadas pela imprensa feminina tradicional.

¹ Trabalho apresentado no GT Comunicação e Diversidade do VIII Seminário de Alunos de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio.

² Mestranda em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Orientador: Márcio Gonçalves. Especialista em Gênero e Sexualidade pelo Instituto de Medicina Social/UERJ, graduada em Jornalismo pela UERJ e em Comunicação Social - Rádio e TV pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Email: brunamensagens@gmail.com



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

A relevância na investigação da revista *Tpm* está ancorada na premissa de que as representações sociais veiculadas na mídia formam um conhecimento que ajuda os indivíduos a se situarem em diferentes contextos e, dessa maneira, são relevantes objetos de pesquisa. “Essas representações, porque construídas socialmente, contribuem para constituir identidades, reproduzindo significados e produzindo outros tantos” (MATOS, LOPES, 2008, p.63).

Para investigarmos se as representações sobre a leitora de *Tpm* são efetivamente inovadoras, como propõe a publicação, foi selecionado um grupo de editoriais, veiculados entre os meses de julho de 2010 e julho de 2011, totalizando 12 edições (já que a revista não foi publicada no mês de janeiro de 2011). Acreditamos que esse número constitui um material de pesquisa representativo e adequado às limitações de tamanho do presente trabalho.

Utilizou-se como metodologia de pesquisa técnicas de análise de discurso, que ajudam a identificar e compreender a construção de sentidos em relação à leitora de *Tpm*. Após leitura exaustiva dos editoriais, foram criadas quatro categorias de análise que são explicativas em relação à chamada “mulher *Tpm*”.

Neste artigo, fazemos uma aproximação entre os termos “mulher *Tpm*” e “leitor implícito”, este último um conceito formulado por Wolfgang Iser, importante pesquisador dos processos de recepção. Tal conceito designa “uma estrutura que projeta a presença do receptor. Dessa forma, o leitor implícito não é mera abstração, uma vez que oferece determinados papéis a seus possíveis receptores” (Iser *apud* Oliveira; Matzenbacher, 2007).

Acreditamos que a análise do chamado “leitor implícito” é relevante por colaborar com a investigação acerca do próprio discurso midiático, como explica Milton José Pinto (1999, p.56): “[...] Não existem posições discursivas isoladas de uma proposta de recepção. O que, dito de outra forma, quer dizer que o lugar atribuído ao destinatário ou coenunciador é também determinante do ideológico de um texto”.

A escolha por analisar os editoriais de *Tpm* em busca do leitor implícito está pautada no fato de tais seções deixarem claro seu posicionamento em relação às temáticas abordadas em cada edição, apresentando matérias de destaque e refletindo sobre elas,



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

como explica Adriana Braga (2003, p.115). Entretanto, os editoriais de revistas, sejam elas de periodicidade semanal ou mensal, possuem uma lógica diferenciada daquela que opera na seção Editorial de jornais diários.

Tradicionalmente, os editoriais constituem-se em textos que representariam a posição da publicação com relação aos conteúdos veiculados; logo, assumindo o lugar de fala de um enunciador institucional, estes textos ocultam as marcas de sua autoria [...] No caso das revistas femininas [...] há uma *hiperpersonalização* da autoria do texto editorial, através de índices como a assinatura impressa, o nome legível, o cargo, o *e-mail* e, não raramente, uma foto da autora – *editora-chefe* ou *diretora de redação* – que, em tom de confiança, *revela todos os segredos* para produzir a mulher *perfeita* (*sic*). O tom geral desses editoriais é o de uma carta endereçada à leitora (BRAGA, 2003, p.114).

Feitas tais observações, notamos, por último, que este artigo apresenta apenas uma análise breve da temática e não se pretende aprofundado, já que faz parte de uma pesquisa mais ampla, cuja realização se dará ao longo do Mestrado da mesma autora.

IMPrensa FEMININA TRADICIONAL

A imprensa feminina no Brasil forma parte do contexto sociocultural no qual se insere a revista *Tpm* e deve ser, por isso, aqui discutida. Como explica Pinto (1999, p.44), a ligação entre discurso e sociedade deve ser pensada de forma dialética: “A produção, circulação e o consumo dos textos são controlados pelas forças socioculturais, mas os textos também constituem a sociedade e a cultura, de um modo que pode ser tanto transformativo como reprodutivo, e a análise não pode separá-los”.

A imprensa feminina trata de temáticas tradicionais que representam as quatro mais importantes editoriais dessa modalidade de comunicação: moda, beleza, culinária e decoração. Outro importante elemento que caracteriza as revistas voltadas para mulheres é a importância dada aos relacionamentos amorosos: “[...] quase não há revista que não trate, de alguma maneira, do tema coração. O enfoque pode ser o romance, o melodrama, a análise, o sexo” (BUITONI, 1990, p.22).

Já a importância da figura masculina é marcante em publicações dessa natureza, como explicam as pesquisadoras Cynthia Sarti e Maria Quartim de Moraes (1980, p.28):



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

“[...] as revistas especializam-se nos ensinamentos da arte de agarrar (e manter, é óbvio) o homem”.

Como analisa Buitoni, a imprensa feminina traz uma representação conservadora da figura feminina, representação que lhe diz como se comportar. “A utilização de formas verbais imperativas – ‘Faça’, ‘Olhe’, ‘Ande’... – diminui a faixa de liberdade da leitora. Numa linguagem muito próxima da publicitária, os textos dirigidos à mulher são verdadeira comunicação persuasiva, aconselhando-a a todo momento sobre o que fazer” (BUITONI, 1990, p.75).

No entanto, a mesma pesquisadora, no livro *Mulher de papel*, reeditado em 2009, aponta a revista *Tpm* como uma novidade no mercado editorial de revistas femininas, ao sugerir: “Como fazer uma revista vendável e ser ‘femininamente’ correta? Algumas tentativas como a americana *Ms.* e a brasileira *Tpm* são a prova de que é possível trilhar outros caminhos” (BUITONI, 2009, p.14). Sobre o conteúdo da revista, Buitoni (2009, p.207) afirma:

[...] com a pretensão de suprir a demanda de cultura e informação de mulheres que estavam insatisfeitas com o tratamento que as revistas femininas lhes davam [...] *Tpm* apresenta matérias inteligentes e aprofundadas, ao lado de seções de roteiro cultural e comentários humorísticos – coisa rara em imprensa feminina – e propõe outras visões de consumo, embora dentro de uma economia capitalista. Muitos padrões femininos de beleza são quebrados.

***Tpm*: BREVE HISTÓRICO E POSICIONAMENTO**

Apesar da análise de Dulcília Buitoni não ser compartilhada por muitas pesquisadoras, ela parece corroborar o discurso editorial de *Tpm*. Desde seu lançamento pela editora TRIP, em maio de 2001, *Tpm* busca se mostrar como uma alternativa às demais revistas femininas presentes no mercado. Na seção editorial de setembro de 2010, por exemplo, lê-se: “Você não vai encontrar fórmulas mágicas e infalíveis para adotar, simplesmente porque, uau!, não existe nada assim – apesar de a maior parte das revistas femininas insistir nisso. Mas vai conhecer várias opiniões que vão enriquecer seu ponto de vista” (*Tpm*, set. 2010).



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

A revista foi criada como a versão feminina de *TRIP*, publicação que está no mercado desde 1986. A razão alegada para sua criação foi o fato de um percentual representativo de leitores de *TRIP* ser composto por mulheres, como foi percebido a partir de uma pesquisa de opinião. Paulo Lima, atual editor de *Tpm*, afirmou: “[...] nos demos conta de que 25% dos leitores da *TRIP*, supostamente concebida e apontada para leitores homens, são garotas” (LIMA apud BENATTI, 2005, p.111). No editorial de lançamento da revista, Lima afirma:

[...] Descobrimos que há hoje no Brasil um número enorme de mulheres que busca e exige para a sua vida uma experiência mais rica. Mulheres que querem construir, aprender, se divertir, mudar o planeta, vivenciar opções bem diferentes das previstas nos planos traçados sem a sua participação. Prontas para viagens de todos os tipos, sem culpa com relação ao consumo, ao sexo, abertas à informação nova, aos esportes, às outras culturas e formas de ver o mundo. E, é claro, com a eterna vocação de espalhar o amor pelo mundo. É para as mulheres que dedicamos esta primeira e as próximas centenas de edições de *Tpm* (*Tpm*, maio de 2001).

Atualmente, *Tpm* tem periodicidade mensal e tiragem média de cerca de 30 mil exemplares. Segundo informações de seu mídia kit, disponível no site da publicação, *Tpm* tem como objetivo “atender às mulheres com maior acesso à cultura, à informação, com poder aquisitivo e insatisfeitas com o tratamento dispensado a elas pela maioria das publicações femininas do país”³.

O mesmo informativo traz ainda dados sobre o perfil da leitora de *Tpm*, obtido por meio de pesquisas qualitativas. Sabe-se que 81% de seu público leitor é formado por mulheres das classes A e B, sendo que 36% das leitoras possuem entre 21 e 25 anos. Além disso, em termos de escolaridade, 28% do público da revista possuem ensino superior completo⁴. Evidentemente, tais informações não representam a totalidade das leitoras da revista, tampouco garantem homogeneidade nesse grupo. Entretanto, acreditamos que tais dados são úteis para oferecer um panorama sobre a leitora imaginada pela publicação, como veremos adiante.

³ Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/midiakit/2011/midiakit_tpm_2011.pdf>. Acesso em 5 out. 2011.

⁴ Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/midiakit/2011/midiakit_tpm_2011.pdf>. Acesso em 5 out. 2011.



É importante notar, no entanto, que alguns elementos tradicionais em revistas femininas, como seu caráter conselheiro e persuasivo, são negados por *Tpm* mas parecem continuar presentes, como explica Patrícia da Silva (2006, p.8): “Se na *Tpm*, com exceção da seção de beleza, praticamente inexistente o manual ‘faça isso, faça aquilo’, tão comum nas publicações femininas, as narradoras embutem em seu discurso seus próprios ensinamentos e dicas”.

Já uma modificação de *Tpm* diz respeito à explicitação do sujeito narrador. A revista não esconde marcas discursivas pessoais tais como ‘nós’ ou ‘a equipe de *Tpm*’, por exemplo, relativizando o modelo jornalístico tradicional, que se pretende objetivo e imparcial. “[...] Inverte-se uma fórmula tradicional das revistas femininas: em vez de registrar as confissões de leitoras e entrevistadas, são as narradoras que compartilham a própria vida para promover a identificação do público” (SILVA, 2006, p.2).

No processo de explicitação da narradora, surge também a leitora imaginada, já que “cada vez que a narradora de *Tpm* diz ‘eu’ designa também a leitora” (Ibid., p.4). É essa leitora imaginada, ou a leitora implícita, nos termos de Iser, que buscamos discutir a seguir, a partir da análise dos editoriais selecionados. Quais são as representações criadas acerca da “mulher *Tpm*”? Ela é diferente das demais mulheres caracterizadas pela imprensa feminina tradicional?

REPRESENTAÇÕES SOBRE A LEITORA DE *Tpm*

Como dito, adotamos como ferramentas metodológicas técnicas de análise de discurso, que partem do pressuposto de que falas e textos são práticas sociais, construídas pelos indivíduos ao mesmo tempo em que constroem a realidade social. Os discursos são aqui compreendidos como elementos que, como explica Pinto (1999, p.24) “têm papel fundamental na reprodução, manutenção ou transformação das representações que as pessoas fazem e das relações e identidades com que se definem numa sociedade”.

Adotando tal perspectiva, buscamos identificar as representações criadas acerca da leitora da revista *Tpm*, criando quatro categorias de análise. As quatro categorias, entretanto, não são estáticas e foram diferenciadas apenas para fins analíticos.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

É útil notar ainda que os editoriais a partir dos quais constituímos nossa análise são assinados por Fernando Luna, diretor editorial da revista. A única exceção é a edição de março de 2011, cujo editorial é de responsabilidade de Carol Sganzerla, que ocupava então o cargo de diretora de redação interina.

As quatro categorias formuladas são descritas abaixo e brevemente exemplificadas:

a) Mulher que não pode ser enquadrada em um padrão

Essa categoria reúne todas as referências que demonstram que a leitora implícita de *Tpm* não aceita ser reconhecida como possuindo um perfil ou uma identidade única. Obviamente, quando a revista diz que sua leitora não se submete a ser encaixada em uma norma, ela própria restringe e classifica seu público, como analisa Hollenbach (2003, p.252): “[...] *Tpm* insiste em um imagem de mulheres fortes, agressivas e vitoriosas”. Os excertos a seguir são representativos:

“Ora, **não existe a mulher, existem as mulheres *Tpm***. A revista é ampla, abriga multidões. Esta é sua força: gostar do outro, gostar do diferente. Tentar entender as razões do outro, aprender com ele. O mundo está variado demais para, como ainda teimam umas cartilhas de marketing, caber em um único perfil. Por isso, ***Tpm* resiste a qualquer estereótipo, especialmente os femininos**: a mulher moderna, a mulher fatal, a mulher forte, a mulher melancia, a mulher romântica. Clichês, simplificações. **Por que escolher um único papel, com tantos por aí?** O universo feminino vai do rímel ao infinito, e está em expansão” (*Tpm*, julho de 2010). (grifos meus)

“A hora certa de ser promovida, o momento exato de se casar, o *timing* perfeito para comprar seu primeiro apartamento. A reportagem ‘Fora do ritmo’, investiga **essa mania que os outros têm de querer determinar em que tempo as coisas deveriam acontecer na sua vida**. Como se a existência fosse um previsível metrô inglês, com horários cronometrados para cada estação, e não um trem desgovernado que a gente tenta controlar” (*Tpm*, agosto de 2010).

b) Mulher poderosa

A categoria intitulada “mulher poderosa” trata das representações da figura feminina como um indivíduo autônomo e independente. Na edição de maio, mês em que se comemora o Dia das Mães, o diretor editorial fala de sua própria mãe, caracterizando-a como uma mulher “destemida”, que se casou e se separou mais de uma vez.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Evidentemente, a mãe de Luna não representa de forma direta a leitora implícita de *Tpm*, mas tratar dela no mês das mães mostra um certo distanciamento da revista em relação à representação conservadora do mundo materno.

“Minha mãe dirige bem. Uma das minhas memórias mais antigas é dela dirigindo o Fusca verde. Acho que foi meu pai que escolheu a cor, ou não existia Fusca vermelho? **Casou, separou, casou de novo, separou de novo, namorou, namora. Minha mãe é destemida:** teve o primeiro filho nos Estados Unidos, longe dos pais. Gostou e teve outros três filhos, no Brasil” (*Tpm*, maio de 2011).

A figura da “mulher poderosa” aparece ainda em contraposição à figura masculina. Em *Tpm*, o homem parece não ser tão valorizado quanto na imprensa feminina tradicional, havendo inclusive uma espécie de estímulo à competição entre os sexos, como no exemplo abaixo:

“O melhor movimento feminino não é o dos quadris – é o da língua. Ou melhor, o da linguagem. Basta ler os cartazes de qualquer passeata feminista, das sufragistas às vadias, para comprovar o que os neurocientistas já sabem: **mulheres são melhores que homens para juntar sujeito, verbo e predicado**” (*Tpm*, julho de 2011).

c) Mulher que tem sua individualidade valorizada

Nem todos os editoriais analisados falam explicitamente da condição feminina ou de um possível perfil de leitora, mas marcas que indicam o posicionamento da revista são recorrentes. “*Tpm* deixa clara a influência dos ‘outros’ textos no seu conteúdo, por seguidamente referir-se aos enunciados das outras revistas femininas, aos quais pretende se contrapor” (HOLLENBACH, 2003, p.250). No momento em que se apresenta como diferente, *Tpm* posiciona também seu público, como fica claro no exemplo abaixo:

“**Aqui na *Tpm*, em vez daquelas soluções mágicas que abarrotam as bancas de revistas, você encontra histórias que iluminam a questão – e ajudam a formar suas próprias conclusões.** Se não for assim, melhor apelar logo para outro livro, aliás da mesma editora que nos brinda com o tal curso relâmpago de transcendência: O Que a Baleia Shamu Me Ensinou sobre Vida, Amor e Casamento” (*Tpm*, abril de 2011).

A partir do discurso da revista, apreende-se que a leitora deve ter opinião própria, não seguindo de maneira acrítica as convenções sociais. “Enquanto outras revistas



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

propõem um modelo padrão [...] a *Tpm* estimula as leitoras a terem valores bem parecidos com os encorajados pelas outras revistas, mas sugere que elas ajam à sua maneira, ressaltando o seu estilo, a sua personalidade” (HOLLENBACH, 2003, p.258). Os trechos abaixo ilustram a questão:

“Afinal, dois séculos atrás, “a procriação era uma garantia de felicidade e um meio de obter reconhecimento social”, como afirma a psicóloga Luci Mansur na reportagem da página 60, “Filhos? Não, obrigada”. **Sobre a felicidade, cada mulher sabe como alcançar a sua**, mas o reconhecimento social... Esse ainda é cobrado” (*Tpm*, março de 2011).

d) Mulher culta e bem informada:

A categoria de “Mulher culta e bem informada” trata das referências identificadas nos textos que parecem ser direcionadas a pessoas que possuem determinado nível cultural ou educacional. A categoria pode ser relacionada ao perfil de público de *Tpm*, descrito em seu mídia kit. Pertencentes em sua maioria às classes A e B, é possível imaginar que as leitoras possuem acesso privilegiado a determinados bens culturais.

Dessa maneira, nos editoriais investigados são recorrentes menções a informações que não parecem ser de conhecimento da maioria da população. No trecho abaixo, por exemplo, Fernando Luna trata de uma matéria sobre sexo oral feminino e faz referência a diversos pesquisadores da área da Sexologia, como Alfred Kinsey, o casal Masters & Johnson e ainda Shere Hite.

“Melhor contar logo que não está funcionando, dar a real pro cara. É dando que se recebe, afinal. **E não precisa mandar ninguém ler obras completas de Alfred Kinsey, Masters & Johnson ou Shere Hite.** Uma ou duas dicas devem ser suficientes para passar o recado. A outra opção é instalar uma televisão no teto, assim pelo menos você se distrai com alguma coisa. **De repente, dá sorte e até pega um episódio de Hung**” (*Tpm*, outubro de 2010).

Para que o entendimento do parágrafo seja completo, é necessário algum conhecimento em relação ao assunto, já que não se explica quem são tais pesquisadores. Ou seja, Luna aposta na ideia de que suas leitoras sabem a quais personagens ele está se referindo. Como aponta Heloísa Buarque de Almeida (2002, p.186), os profissionais que trabalham nos meios de comunicação criam concepções simbólicas e sociais acerca de seu



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

público. No caso de *Tpm*, a leitora implícita parece possuir nível educacional mais elevado ou erudito.

Outra marca textual que se insere na categoria “mulher culta e bem informada” aparece no trecho a seguir, que trata de um documentário sobre o escritor português José Saramago, que não teve distribuição massiva no Brasil, sendo exibido em poucas salas de cinema:

“Em meio a tanto déjà vu, a novidade foi a posse da primeira presidente do Brasil. Ou, como Dilma Rousseff preferiu no discurso de posse, primeira presidenta. **Lembrou o documentário José e Pilar**, quando a jornalista espanhola Pilar del Río, viúva do escritor José Saramago e pós-feminista afiada, faz questão de ser tratada como ‘presidenta’ da fundação que leva o nome do ex-marido.” (*Tpm*, fevereiro de 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o exposto, pode-se afirmar que os editoriais analisados sugerem novas representações acerca da leitora implícita de *Tpm*, diferentes daquelas que marcam a imprensa feminina tradicional. As categorias ‘Mulher que não pode ser enquadrada em um padrão’, ‘Mulher poderosa’, ‘Mulher que tem sua individualidade valorizada’ e, por último, ‘Mulher culta e bem informada’ demonstram que a revista busca falar com outro tipo de leitora, oferecendo abordagens diferenciadas.

O discurso, que evidentemente não deixa de ser ideológico, parece ser direcionado a um outro tipo de público. No entanto, as considerações finais deste trabalho apresentam somente indicações. Uma investigação mais minuciosa acerca das próprias leitoras reais é uma pesquisa possível, já que a tais personagens possuem papel determinante no processo de leitura e compreensão, como explica Iser (*apud* Oliveira; Matzenbacher, 2007):

As perspectivas do texto visam certamente a um ponto comum de referências e assumem assim o caráter de instruções; o ponto comum de referências, no entanto, não é dado enquanto tal e deve ser por isso imaginado. É nesse ponto que o papel do leitor, delineado na estrutura do texto, ganha seu caráter efetivo. Esse papel ativa atos de imaginação que de certa maneira despertam a diversidade referencial das perspectivas da representação e a reúnem no horizonte de sentido.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Em que medida tais mulheres se identificam com as representações criadas pela revista? Como se dá o processo de apropriação dessas representações? Essas são algumas das questões que pretendemos discutir durante o Mestrado, ainda em estágio inicial.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Heloisa Buarque. *Melodrama comercial: reflexões sobre a feminilização da telenovela*. In: Cadernos Pagu, n.19, p. 171-194, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n19/n19a08.pdf>>. Acesso em 14 out. 2011.

BENATTI, Grahal. *Da TRIP à TPM: Um estudo sobre a produção de significados no mercado de revistas*. Dissertação de Mestrado. 2005. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000349571>>. Acesso em 26 set. 2011.

BRAGA, Adriana. *Corporeidade discursiva na imprensa feminina: um estudo de editoriais*. In: Revista Em Questão, Porto Alegre, v.9, n.1, p.109-120, jan/jun 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/64>>. Acesso em 5 out. 2011.

BITTONI, Dulcília H. Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

_____. *Imprensa feminina*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

HOLLENBACH, Gabriela Boemler. *O casamento e a TPM: novos tempos, novos sentidos*. In: Revista Em Questão, Porto Alegre, v.9, n.2, p.255-269, jul/dez 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/72>>. Acesso em 22 jul. 2011.

MATOS, Auxiliadôra Aparecida de; LOPES, Maria de Fátima. *Corpo e gênero: uma análise da revista TRIP Para Mulher*. Revista Estudos Feministas, v.16, nº 1, p.61-76, 2008.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de; MATZENBACHER, Tatiana. *A experiência estética da leitura*. Revista Entrelinhas, ano IV, n. 2, jul/dez 2007. Disponível em <<http://www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=7&s=9&a=48>>. Acesso em 10 out. 2011.

PINTO, M. J. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

SARTI, Cynthia; MORAES, Maria Quartim de. *Aí a porca torce o rabo*. In: BRUSCHINI, Cristina; ROSEMBERG, Fúvia (Org.). *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Brasiliense e Fundação Carlos Chagas, 1980.

SILVA, Patrícia Rocha da. *Narradoras da revista TPM: uma ruptura com a narrativa jornalística tradicional*. In: UNirevista, vol.1, n.3, p.1-11, julho 2006. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNirev_Silva.pdf>. Acesso em 5 out. 2011.



**A produção de um vampiro contemporâneo:
identidade, diferença e alteridade nas representações do vampiro.¹**

Diego Paleólogo²
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

O objetivo desse trabalho é pensar a figura do vampiro a partir do século XIX e estabelecer relações com os mecanismos que fundam nossas diferentes modernidades, corpos e processos de subjetivação. O Conde criado por Bram Stoker, fechando o século XIX, ressona durante o século XX como poderosa figura de alteridade, produzindo sentidos e encarnando, tanto no cinema quanto na literatura, os sinais dos tempos que sobrepõem. É objetivo também pensar a recepção dos produtos culturais que abordam o vampiro em uma sociedade que se pensa, compulsivamente, a partir das diferenças. Dessa maneira, o vampiro constitui uma figura fundamental do imaginário ocidental.

PALAVRAS-CHAVE: corpo, monstruosidade, alteridade, subjetividade, vampiro.

Introdução – a ausência de uma presença ou a presença de uma ausência

Jorge Luis Borges, ao escrever *O Livro dos Seres Imaginários*, produz também uma espécie de enciclopédia da ausência. Para cada uma das 116 entradas, tantas outras ficam de fora e o vampiro é uma dessas exclusões sintomáticas.

Mas Borges adverte que se trata de um work in progress que deve constantemente ser alimentado, sem que jamais termine: a fome é insaciável. Nossa capacidade de fabricar diferenças, produzir monstros e fazê-los falar é um dos aspectos essenciais da nossa humanidade.

¹ Trabalho apresentado no GT Comunicação e Diversidade do VIII Seminário de Alunos de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio.

² Doutorando em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientadora: Ieda Tucherman. Graduado em Comunicação Social pela ECO-UFRJ e Mestre em Literatura Comparada pela PUC-Rio. Email: pale7dp@gmail.com



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Nossa (re)mediação com a realidade, com o que nos define, o que nos sustenta, se dá através de jogos de imaginação, produção de sentidos e subjetividade. Nossas construções são, em primeira instância, imaginárias, ficcionais.

Cabe estabelecer, então, que a figura do vampiro como a concebemos emerge no século XIX, ou seja, é ontologicamente moderna. Em posição de observar e refletir sobre a constituição do vampiro (suas metáforas, linhas, imagens, subjetividades), estamos em um estranho e fantasmático trem que atravessa a Noite dos Tempos através de espessa neblina, que embaça o que fica para trás e dificulta ver o que está à frente.

Durante o século XIX a figura do vampiro está relacionada a um obscuro mecanismo de manutenção da vida *através* da morte. Se, de acordo com Michel Foucault, saberes e poderes mudam de direção e função a partir da transição do Clássico para o Moderno (passam a gerir a vida ao invés de permitir a morte)³, a figura do vampiro engendra uma dimensão conflitante entre esses dois lugares: ele é simultaneamente, conjuga as tensões no mesmo corpo, cria e destrói, mata e faz viver.

Mesmo não presente, o vampiro deixa resíduos: dois furos no pescoço, um filete de sangue, um espelho quebrado... É a monstruosidade próxima demais – e, por isso, a mais perigosa. Afinal de contas, na maioria dos casos, antes de ser um vampiro, ele era apenas humano.

Dispositivo de Sangue

A noção de dispositivo, estabelecida por Michel Foucault, engloba uma série de elementos heterogêneos que se entrecruzam; o dispositivo é a rede que se pode estabelecer

³ Pode-se pensar o vampiro também no âmbito de uma pré-figura da medicina contemporânea, da biologia e da genética. Podemos pensar também que o imaginário acerca do vampiro liberta o sexo da reprodução antes das reproduções controladas e pílulas anticoncepcionais: a reprodução, no caso do vampiro, se dá através da contaminação e não da gestação.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

entre esses elementos.⁴ A ideia de um dispositivo do sangue (ou dispositivo sangüíneo) dialoga com as possíveis relações entre o Sangue e suas imagens, metáforas, usos, práticas, tecnologias, economias, entre outros elementos que se estendem sobre uma extensa rede de sangue.

De acordo com Foucault, a transição do Clássico para o Moderno pode ser pensada a partir da seguinte fórmula: passamos do Sangue ao Sexo.

Por muito tempo, o sangue constituiu um elemento importante nos mecanismos do poder, em suas manifestações e rituais. Para uma sociedade onde predominam os sistemas de aliança, a forma política do soberano, a diferenciação em ordens e castas, o valor das linhagens, para uma sociedade em que a fome, as epidemias e as violências tornam a morte iminente, o sangue constitui um dos valores essenciais; seu preço se deve, ao mesmo tempo, a seu papel instrumental (poder derramar o sangue), a seu funcionamento na ordem dos signos (ter um certo sangue, ser do mesmo sangue, dispor-se a arriscar seu próprio sangue), a sua precariedade (fácil de derramar, sujeito a extinção, demasiadamente pronto a se misturar, suscetível de se corromper rapidamente). Sociedade de sangue – ia dizer de “sangüinidade”: honra da guerra e medo das fomes, triunfos da morte, soberano com gládio, verdugo e suplícios, o poder fala *através* do sangue; este é *uma realidade simbólica* (FOUCAULT, 1988, p.160).

Essa transição marca também outras passagens: da morte à vida, das trevas à luz, e outros jogos de oposições que serão caros à experiência moderna.

No entanto a figura do vampiro, principalmente os surgidos no século XIX, não realizam essa transição, essa passagem: o vampiro produz um amálgama entre Sangue, Sexo e um terceiro vértice de um poderoso e simbólico triângulo: Violência.

Não passar do Sangue ao Sexo não significa permanecer no período Clássico e sim ocupar simultaneamente dois lugares.

A noção de um dispositivo sangüíneo opera, dessa forma, com o que o sangue faz ver e dizer, os regimes de visibilidade e discursos de um imaginário manchado de vermelho. O sangue revela. E, em geral, é derramado ou tornado visível através de um gesto de violência.

⁴ Michel Foucault, *Microfísica do Poder*



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

No romance que estabelece a emblemática figura do Conde Drácula – e fixa uma certa identidade para o vampiro –, as passagens que mencionam algo de sexo – ou de sexual – estão contaminadas por imagens de extrema violência, como quando Arthur abre o caixão de Lucy, sua noiva:

O ser deitado no caixão parecia um pesadelo de Lucy. Os dentes pontiagudos, a boca voluptuosa e manchada de sangue cuja visão nos fazia estremecer, a aparência geral lasciva e sensual que era como uma zombaria da adorável pureza de Lucy (STOKER, 2002, p. 419)

Ou em uma das passagens mais sinistras, quando o grupo invade o quarto de Jonathan e Mina:

O luar estava tão claro que mesmo através da espessa cortina amarela entrava luz suficiente para vermos o que se passava. Na cama junto à janela estava Jonathan Harker, a face corada e a respiração pesada, como se estivesse num estupro. Na extremidade da cama, mais próxima à janela, ajoelhava-se sua esposa, vestida de branco. De pé, ao lado dela, estava um homem alto e magro, vestido de preto. Seu rosto estava voltado na outra direção, mas, no instante em que ele se virou para nós, reconhecemos o Conde – por todas as características, até mesmo a cicatriz na testa. Com a mão esquerda, ele segurava as duas mãos de Mrs. Harker, mantendo-as afastadas para trás, e os braços esticados. Sua mão direita agarrava-a pela nuca, puxando-lhe a cabeça para junto do seu peito. A camisola branca de Mrs. Harker estava manchada de sangue, que também brotava do peito nu do Conde, revelado por sua roupa aberta. A posição dos dois lembrava terrivelmente a de uma criança que empurra o focinho de um gato para dentro de uma tigela de leite, obrigando-o a beber (STOKER, 2002, p. 523).

Observamos que as três esferas – Sangue, Sexo e Violência – são conjugadas no imaginário que produz o vampiro, na sociedade que permite a existência do Conde Drácula. Se a repressão vitoriana é cada vez mais apertada, algo explode em algum lugar: nos corpos que driblam, que escapam ao controle.

A figura do vampiro constitui uma crise, uma cisão: quase sempre associada ao demônio, é ele quem oferece ao homem outro modo de existência, de libertação, de relação com o corpo; é através do vampiro que realizamos as fantasias de imortalidade, libertação



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

dos desejos e pulsões. Constitui-se também um novo olhar sobre o corpo, uma nova afecção.

Do castelo para a clínica

No livro de contos do escritor inglês Neil Gaiman⁵, *Fragile Things*, lemos:

You know the saddest thing”, she said. “The saddest thing is that we’re you.” I said nothing. “In your fantasies,” she said, “my people are just like you. Only better. We don’t die or age or suffer from pain or cold or thirst. We’re snappier dressers. We possess the wisdom of the ages. And if we crave blood, well, it is no more than the way you people crave food or affection or sunlight – and besides, it gets us out of the house. Crypt. Coffin. Whatever. (GAIMAN, 2006, p. 216).

O vampiro é uma das mais intensas e duradouras fantasias de alteridade. Sua força ficcional e apelo visual sublinham os fenômenos editoriais e cinematográficos que acompanham quase qualquer produto da indústria cultural que o aborde. O glamour de um passado presente e de uma juventude inesgotável; a sexualidade e o erotismo como poderes e saberes; o corpo potencializado, especializado, transformado em algo que existe para seduzir – todo esse cenário constitui um lugar de atração e espetáculo para o homem moderno, principalmente a personagem vitoriana, que está sempre em conflito, lutando contra uma tentação física que a assombra o tempo todo, que tenta afrouxar os laços repressivos da opressora sexualidade vitoriana.

Se *Drácula*⁶, de Bram Stoker, emerge como a própria encarnação do Diabo, o imaginário do século XX acerca do vampiro realiza algumas inversões.

As narrativas contemporâneas que abordam o vampiro apontam para diversos lugares. Como lugares de diferença, podemos estabelecer o emblemático livro *Entrevista*

⁵ Neil Gaiman é um expressivo escritor inglês, nascido em 1960, que aborda em suas obras o fantástico, o estranho, entre outros temas caros ao nosso trabalho.

⁶ Romance gótico do escritor escocês Bram Stoker, publicado em 1897, funciona como uma epígrafe para o século XIX.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

com o *Vampiro*, da escritora norte-americana Anne Rice, de 1976, e a dupla livro/filme *Fome de Viver* (Whitley Strieber, 1981 e Tony Scott, 1983, respectivamente).

Essas narrativas desestabilizam a antiga figura do Conde Drácula e inauguram uma nova linhagem de vampiros, atualizando o imaginário, inscrevendo essa criatura na dinâmica contemporânea de afecção. A partir da inserção do vampiro no cenário urbano, como Nova Iorque, ele passa a transitar em instituições que antes lhe eram proibidas ou inadequadas. Em Anne Rice, a voz da narrativa passa do herói para o monstro: ao invés de lermos diários e cartas das vítimas do vampiro, lemos uma entrevista na qual o vampiro narra sua experiência, problematizando sua condição, sua monstrosidade e questionando seu lugar.

E se, a partir dos anos 60, a experiência ocidental assume, definitivamente, uma lógica da ciência, da biotecnologia, da medicalização da subjetividade, o imaginário, contaminado, transfere essas dimensões para o vampiro.

Em *Fome de Viver* constatamos um tipo de vampirismo clínico, que se dá através do que poderíamos considerar práticas médicas. Miriam Blaylock (Catherine Deneuve) transforma suas vítimas não através de mordidas e exageros imagéticos de sangue, mas sim através de um pequeno corte, de uma breve contaminação do sangue.

A partir dos anos 80 vemos surgir uma nova monstrosidade, uma nova modalidade de monstrosidade: a emergência da AIDS desloca Sexo e Sangue para lugares de horror, medo e produção de corpos monstruosos e enfermos.

Se a figura do vampiro guarda e exagera tudo o que nós não podemos – ou, em segunda instância, não deveríamos – pontua um lugar de desejo e repulsa. Os vampiros guardam as fronteiras da dimensão humana. Na década de 80 isso é explorado de duas maneiras: o vampiro é o rebelde, o que não se adéqua muito bem e, fatalmente, tem um fim trágico. Ele é o que não podemos nem devemos ser: a imersão em um mundo desmedido, sem regras, implica consequências.

Como o vampiro sempre esteve associado ao Sangue, associa-se também a dois princípios: doença (e, por oposição, não possui um corpo saudável) e medicina. Até hoje



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

observamos que a imagem do corpo do vampiro é de um corpo doente, tuberculoso, como aponta Susan Sontag:

A tuberculose era tida como um modo de se apresentar, e tal aparência tornou-se um elemento básico nos costumes do século XIX. Passou a ser rude comer com entusiasmo. Era sofisticado um aspecto doentio (SONTAG, 2007, p. 30).

Esse corpo pálido, os movimentos lentos, a languidez são herdadas. O vampiro possui um sangue contaminado, amaldiçoado. Simultaneamente, é uma promessa de juventude eterna. A partir da década de 70 e 80, passa a figurar como um desejo: em Drácula, a vítima não deseja, em hipótese alguma tornar-se vampiro, muito pelo contrário. Ser vampiro vai contra todos os ideais de vida, corpo e modo de existência.

Em Anne Rice – e muitas narrativas que seguiram – observamos a emergência de uma vítima que deseja ser transformada. O repórter de *Entrevista*, no final, pede ao vampiro que o transforme e, em uma inversão sintomática, é o vampiro que recusa a mordida. Percebemos, dessa maneira, a atuação de uma lógica de poder e controle sobre o corpo monstruoso: é o vampiro, o detentor de um erotismo e sexualidade desmedida que deve se controlar, administrar sua própria monstruosidade e impedir contaminações.

No recente fenômeno de vampiros adolescentes, na saga *Crepúsculo*, a heroína Bela Swan é ‘doente’: comporta uma paixão desmedida por um vampiro e ponto de aceitar e desejar ser transformada, ou seja, contrair a doença do amante na intenção de realizar a promessa não apenas da vida eterna como do amor eterno. Mesmo quando todos os contras são apresentados – e são apresentados pelos próprios vampiros! – Bela insiste em ser transformada. Esse exagero, essa dimensão desmedida dos sentimentos, que Sontag associa também com a tuberculose e o câncer (no caso do câncer, a associação com a incapacidade de raiva, de ira), contribui para um imaginário acerca de uma busca que não encontra obstáculos: administra-se qualquer prática para obter-se juventude eterna e um afeto que permaneça.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Essa relação entre vampiros, práticas médicas, amor e novas tecnologias pode ser observada também no seriado *Buffy, a Caça-Vampiros*, que teve 7 temporadas.⁷ Um dos vampiros se apaixona por Buffy e, para conquistar seu amor, empreende uma busca por uma alma, uma vez que vampiros são criaturas nas quais o espírito é subtraído, ou seja, mais uma separação da esfera da religião. O sucesso desse empreendimento se dá através de um *chip* implantado no cérebro do vampiro, que o impede de atacar humanos; é um *chip* que cancela sua natureza e, aparentemente, oferece a dimensão da alma perdida. Em *True Blood*⁸, seriado recente baseado em uma série de livros da escritora Charlaine Harris, os vampiros ‘saíram dos caixões’ e, para não ofender os humanos, bebem sangue sintético, produzido em laboratório.

Essas novas narrativas apontam para um sintoma: se, durante o século XIX e início do XX a chave de leitura para os vampiros era o sobrenatural, hoje podemos perceber a contaminação pela ciência e medicina: a produção de um vampiro em laboratório, dissecado, analisado. Ele perde, gradativamente, seus poderes e idiossincrasias: não mais temem a cruz, água benta nem a Igreja; não mais se transformam em ratos, morcegos e neblina; muitos já podem sair ao sol.

A subtração da capacidade de metamorfose do vampiro é sintomática. Se uma das características essenciais do Mal é sua capacidade de metamorfose, de ocupar corpos, de seu múltiplo, ao possuir uma identidade fixa, o vampiro abandona essa dimensão diabólica.

A função especular: o reflexo ausente

Um dos aspectos mais interessantes dessa figura era sua incapacidade de reflexo. Era impossível, para o vampiro, constituir uma imagem: fosse no espelho, na fotografia ou em um filme. Sem uma imagem fixada, o vampiro podia assumir formas, não era fixado, não era apreensível. Seu status era móvel. Enquanto uma figura da morte, podia transitar, aparecer e desaparecer. E constituía, dessa maneira, um lugar de horror ao

⁷ O seriado, criado por Joss Whedon, durou de 1997 a 2003.

⁸ True Blood é uma produção da rede americana HBO e está, atualmente, na quarta temporada.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

desaparecimento: se o homem não possui reflexo, não estabelece uma diferença, não produz subjetividade.

Essa experiência remete ao mito de Narciso e a fundação de uma relação de alteridade com o corpo e a imagem. A única possibilidade do vampiro estabelecer diferença e reflexo era através do corpo do Outro, do corpo do Humano. Ieda Tucherman escreve:

O espelho é, em relação ao mundo, poderoso mais também específico. E parece que, desde a primeira possibilidade técnica do reflexo nas águas, a que o mito de Narciso faz menção, a grande aposta da tradição ocidental foi a de se constituir como o reino da visibilidade universal: ver é conhecer e a aposta é que uma pedagogia do olhar é o que constrói a nossa relação com o mundo (TUCHERMAN, 1999, p. 19)

Dessa maneira, o vampiro constitui um campo que não pode ser visto, não pode ser refletido; sua ausência de reflexo comporta ausência de saber sobre esse corpo. A subtração dessa incapacidade de reflexo é sintomático de uma experiência que exige imagem.

Em *Entrevista*, o repórter pergunta ao vampiro sobre seus poderes. Ele responde:

- Oh, o boato das cruzes! – o vampiro riu. – Refere-se a termos medo de cruzes?
- De serem incapazes de olhar para elas, pensei – disse o rapaz.
 - Absurdo, meu amigo, puro absurdo. Posso olhar o que quiser. E gosto bastante de olhar para crucifixos, em particular.
 - E a estória dos buracos de fechadura? De que podem... Virar vapor e passar por eles.
 - Gostaria de poder – riu o vampiro. – Verdadeiramente encantador. Gostaria de passar por todos os tipos de fechaduras e sentir o prazer de suas várias formas. Não. Balançou a cabeça.
 - Isto é, como dizem hoje... Idiotice (RICE, 1994, p. 29).

Os vampiros criados por Stephenie Meyer, autora da saga *Crepúsculo*, respondem mais a um processo de construção do jovem e apontam para uma sociedade que, sob muitos aspectos, está com o seu imaginário enfermo. Esse novo vampiro, representado por Edward Cullen (representado, por sua vez, por Robert Pattinson, espécie de teen idol contemporâneo), incorpora os valores de uma sociedade que, cada vez mais, aposta na dinâmica do politicamente correto, dos cuidados de si e da ‘boa’ gerência do corpo. Os



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

vampiros-heróis de Meyer não se alimentam de sangue humano, são vegetarianos, podem sair ao sol, e não mantêm relações antes do casamento – ou união estável, afetiva, como queira.

Se, de acordo com Nina Auerbach, cada era constrói seu próprio vampiro⁹, estamos diante de um cenário perturbador porém não menos interessante. Emergem outros tipos de vampiros, como os que se relacionam com a idéia de uma epidemia parasitária, ficções nas quais a humanidade sobrevive em um cenário pós-apocalíptico de vampiros, que existem como uma peste (negra). Vampiros crianças, corpos que agenciam, de maneira deslocada, erotismo, morte e sexualidade, como no filme *Deixa Ela Entrar*, de Tomas Alfredson. Ou ainda como no filme *30 Dias de Noite*, de 2007, no qual uma horda de vampiros sanguinários atormenta uma pequena cidade no Alasca. Para conseguir combater os monstros e salvar sua (ex)mulher amada, o herói se contamina com o sangue dos vampiros (através de uma injeção) e, durante um curto período de tempo, guarda sua consciência humana mas apresenta a força e agilidade do vampiro; ele consegue derrotar os vampiros e morrer, ao nascer do sol, nos braços da mulher.

Diversas narrativas emergem. Novos modelos são pensados. Nossa era procura seus próprios vampiros. De qualquer jeito, a chave mudou. Dialogamos agora com vampiros violentos, animais, que não seduzem e bebem sangue sofisticadamente. O início do século XXI vê surgir vampiros que não pedem licença, que atacam, destroçam os corpos e seguem para o próximo vilarejo. A lógica da transformação também foi diluída: o Outro é alimento e não reflexo. A relação não é mais de suspense, sedução, erotismo, tensão entre sexo e morte – *True Blood* ainda guarda alguma coisa dessas dimensões. As relações, nesses filmes, são de intensidade, violência, hordas terroristas e parasitárias que invadem, se alimentam e abandonam.

⁹ AUERBACH, Nina. Our vampires, ourselves.



Uma última gota de sangue

Talvez esses dois tipos de vampiros – uma experiência de ‘infantilização’ da figura de alteridade e uma experiência de epidemia – dialoguem com nossos medos e fantasias midiáticas do início do século XXI, encerrando o século XX em uma nota grave: se, de acordo com Goya, “o sonho da razão produz monstros”, podemos pensar que a realização da ciência os desfaz.

O ‘politicamente correto’, as promessas de eternidade e juventude, a erradicação da doença a todo custo produz sintomas: vampiros que não mais precisam de um estatuto sobrenatural para ‘viver para sempre’, muito menos se alimentar de sangue; e vampiros que existem através de vírus e se transformam em uma catástrofe biológica.

O interessante é que, se as novas tecnologias e descobertas científicas, em todas as áreas, nos afastam de Deus, nos afastam também dos monstros e limpam, homogeneizam as figuras de alteridade.

No prefácio de *As palavras e as coisas*, Michel Foucault cita um conto de Borges no qual há uma enciclopédia chinesa que divide, de maneira peculiar, os animais. Foucault e Borges se referem a “nossa prática milenária do Mesmo e do Outro (FOUCAULT, 2005). É através dessa prática que podemos estabelecer, pensar, imaginar o que não pode ser imaginado, dito, feito. Essa possibilidade existe através da linguagem – o texto como lugar no qual se pode estabelecer limites absurdos, fazer encontrar o guarda-chuva e a máquina de coser.

Em que <<tábua>>, segundo que espaço de identidades, de similitudes, de analogias, tomamos nós o hábito de distribuir tantas coisas diferentes e semelhantes? Qual é essa coerência – que se vê logo que não é nem determinada por um encantamento a priori e necessário, nem imposta por conteúdos imediatamente sensíveis? (FOUCAULT, 2005, p. 51).

É nesse espaço, nas associações improváveis – se não impossíveis – que pensamos nosso objeto: sua emergência, configuração e desconfiguração; como se estabelece um



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

vampiro, o que essa figura engendra, incorpora; como ele migra do imaginário para o real, se é que podemos falar de tal distinção.

Colocamos sobre a mesma ‘tábua’ nossas experiências, nossas trocas, nossos processos de tornar visível e invisível o dito e o não dito e, ao lado, deitamos também nossas fabricações imaginárias, nossos monstros, nossos medos e produzimos corpos que escapam a todos os controles, saberes e poderes.

Criamos o vampiro para nos proteger, ou melhor, para guardar algum passado em um corpo que não perece tão facilmente; para termos disponível *outros* modos de experimentar, e é dessa imagem que emana a força da sua sobrevivência em uma sociedade que rompe continuamente com suas continuidades.

A presença do vampiro se dá por uma ausência: ele não aparece em lugar nenhum, em nenhuma foto, em nenhum espelho. Como dimensão do duplo, sua potência é radical: é a nossa ausência de reflexo, é exatamente tudo aquilo que não podemos nem deixamos refletir (ou seja, que recaia luz sobre). Como Diane Arbus define identidade para uma turma de aluno: *it's the thing that's left when you take everything else away*.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- AUERBACH, Nina. *Our vampires, ourselves*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.
- _____. *Microfísica do Poder*. Lisboa: Edições 70, 2005.
- _____. *As palavras e as coisas*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- FLUSSER, Vilém. *A história do diabo*. São Paulo: Annablume, 2008.
- GIL, José. *Monstros*. Lisboa: Relógio D'Água, 2006.
- GORDON, Joan. HOLLINGER, Veronica (ed). *Blood read: the vampire as metaphor in contemporary culture*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1997.
- MEYER, Stephenie. *Twilight*. London: Atom, 2005.
- SHELLEY, Mary. STOKER, Bram. STEVENSON, Robert Louis. *Frankenstein, Drácula, o médico e o monstro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- STRIEBER, Whitlet. *The huger*. New York: Pocket Books, a division of Simon & Schuster, Inc., 2001.
- SONTAG, Susan. *Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- TUCHERMAN, Ieda. *Breve história do corpo e de seus monstros*. Lisboa: Vega, 1999.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Case se quiser, descase quando puder: discutindo os novos modelos de relacionamento amoroso a partir do universo dos famosos¹

Fernanda Cupolillo Miana de Faria²
Universidade Federal Fluminense

RESUMO

O presente trabalho intenciona investigar o papel estratégico dos indivíduos que frequentam espaços privilegiados de visibilidade na reinvenção dos modos de estar juntos e, mais do que isso, os novos imperativos que se controem a partir de suas ações no mundo. Nesse sentido, estariam se construindo novas diretrizes e imperativos no terreno da intimidade, embora paradoxalmente sustentados por um ideal de liberdade, em lugar das ‘obrigações’ e ‘deveres’ do passado: compromissos e uniões duradouras e ‘abençoadas pela eternidade’, vinculação do casamento e do sexo à reprodução. Passariam a recair sobre os indivíduos novos tipos de exigência, embora vistas como condição de possibilidade para o pleno exercício da liberdade, em que, como na lógica produtiva, passa a ser imprescindível a capacidade de eles se adaptarem, constantemente e de forma quase instantânea, a novos contextos e relações.

PALAVRAS-CHAVE: celebridade; intimidade; liberdade.

Nessa fúria de tecer com tantos fios, tão rapidamente substituídos, não mais conseguimos nos deter. O outro, descartável, é a mera paisagem que, quando muito, mimetizamos. E, almas penadas, viajamos por entre essas paisagens que se sucedem, assim como nós mesmos. Nunca pousamos em paisagem alguma de modo a constituir território e, reorganizados, prosseguimos viagem. [...] Há uma certa amargura nisso tudo (GUATARRI & ROLNIK, 1986, p. 288).

No dia 12 de julho de 2011, uma enquete no *Portal Caras*³, vinculado à revista semanal *Caras*⁴, ícone entre as publicações brasileiras sobre a vida íntima das celebridades, indagava o leitor acerca da surpresa causada pelas separações de casais famosos da última semana: “Qual separação da última semana mais surpreendeu?”. Como alternativas,

¹ Trabalho apresentado no GT Comunicação e Diversidade do VIII Seminário de Alunos de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio.

² Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense. Orientadora: Maria Paula Sibilia. Graduada em Jornalismo e Mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense. Email: fernanda.cupolillo@gmail.com

³ <http://caras.uol.com.br/> Acesso em: set. 2010

⁴ A revista semanal *Caras* surgiu no início da década de 90, na Argentina, e foi lançada no Brasil em 1993. Destinada aos públicos B e C, possui uma tiragem expressiva: “com 350 mil exemplares por edição, a revista *Caras* é um referencial de consumo para mais de três milhões de leitores”. Assessoria de Imprensa da Revista Caras: <http://www.grupocimed.com.br/content/view/322/97/> Acesso em: set. 2010



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

apareciam os casais (a maior parte compostos de atores de telenovelas globais): Camila Pitanga e Cláudio Amaral Peixoto, Letícia Sabatella e André Gonçalves, Guilhermina Guinle e Murilo Benício, Nívea Stelman e Elano, Carla Diaz e Patrick Clark. Curiosamente, os mais votados, Camila e Cláudio, e Guilhermina e Murilo, que receberam 54% e 31% dos votos, foram os que por mais tempo estiveram juntos: 11 e 5 anos, respectivamente.

A separação de casais famosos, às vezes com um ou dois meses de namoro, frequentemente comentada em revistas sobre a vida íntima das celebridades, assim como nas colunas sociais de revistas semanais de informação, além de em uma extensa gama de programas de TV, não chega a causar tanta surpresa. O acompanhamento dos affairs, rolos, troca-trocas e reviravoltas amorosas de celebridades constitui prática corriqueira no mundo da fama. Para além disso, no entanto, viraram rotina, nas últimas décadas, reportagens de capa estampando o fim ‘súbito’ e ‘breve’ de casos, namoros, noivados e casamentos envolvendo pessoas que ocupam espaços privilegiados de visibilidade, assim como as que exaltam a capacidade de os famosos não se abalarem com as perdas amorosas, ou pelo menos, não deixarem isso à mostra, ao substituírem, quase instantaneamente, seus ‘velhos’ parceiros por ‘novos’ e se exibirem seguros e felizes por suas decisões e escolhas ‘acertadas’.

Não deixa de chamar a atenção, em meio a esse cenário, a pergunta da enquete no *Portal Caras* sobre o término do romance de casais famosos da última semana, ao fazer menção à surpresa que porventura os rompimentos poderiam ter causado nos leitores diante de uniões relativamente duradouras, levando em conta a média das uniões sexual-amorosas no universo das celebridades e para além delas, contemporaneamente. Salta aos olhos a quebra de expectativas com relação a uniões tratadas em publicações sobre a vida íntima de celebridades, a exemplo de *Caras*, como mais estáveis, como se, de alguma forma, apontassem para um fim muito remoto ou inexistente; consequentemente, para uma espécie de desilusão com relação às uniões duradouras e, em última instância, ao próprio



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

casamento. O que a enquete parece atestar, portanto, para além do término de parcerias amorosas, é a perda de pequenas referências de estabilidade nas uniões de famosos.

No mundo dos famosos, não tão distante assim do ‘nosso’, são cada vez mais raras as ilhas de terra firme espalhadas dentro do mar infinito, de águas turbulentas e perigosas, onde podemos estar e viver a partir de referências que consideramos, ou por muito tempo costumávamos considerar, seguras. O choque e a surpresa diante ‘deles’ é também o choque e a surpresa diante de nós mesmos: ‘o que terá acontecido?’ é o que parecemos nos perguntar, tensionados não mais por certos “repertórios tradicionais”, por obrigações e interpelações do mundo moderno e temor à palavra divina, que nos ofereciam parâmetros a partir dos quais os comportamentos deveriam ser modelados e reproduzidos, mas pelo imperativo da felicidade pessoal, que parece desconhecer limites e regras à sua expansão ilimitada, e que se faz valer, em grande parte, por um amplo mercado de produtos e serviços supostamente capazes de gerar recompensas emocionais naqueles que o consomem. “Livres dos constrangimentos e repertórios tradicionais, [os indivíduos] são instados a fazer escolhas em praticamente todos os aspectos de sua existência” (BEZERRA, 2002, p. 233).

A liberdade de escolha passou a se sobrepor àquilo que, como mencionando acima, limitava (e, ao mesmo tempo, assegurava estabilidade, confiabilidade e segurança), a expressão e a capacidade de os indivíduos produzirem-se a si mesmos como seres autênticos, gestores de seus corpos e vidas; abriu caminho, portanto, para a busca plena e desimpedida em direção à realização pessoal e à felicidade: “a busca da felicidade pessoal não só não necessitava de uma ética sexual restritiva nem de uma disciplina, cuja gratificação era protelada, mas também realmente demandava a transgressão dessa ética em nome da autorrealização” (TAYLOR, 2008, p. 579). Ao lado da foto dos famosos, sorridentes, após seus rompimentos amorosos, lemos a mensagem que não foi escrita: ‘acabou porque a felicidade acabou’.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Essa crise dos valores tradicionais, combinada à das instituições de confinamento, responsáveis por modelar o homem industrial dos séculos XVIII e XIX, abrindo caminho para o questionamento de dogmatismos e ‘conservadorismos’, pôde ser mais fortemente sentida no período que sucedeu a Segunda Guerra Mundial. As sociedades disciplinares⁵, em que “milliones de cuerpos se movilizaron al compás de los ritmos urbanos e industriales, tutelados por los vigorosos credos de la ciência y la democracia, rumbo a uma meta entonces considerada indiscutible: el progreso universal”, davam lugar progressivamente às sociedades de controle⁶, nas quais o regime de vida emergente apoiava-se: “en las tecnologías electrónicas y digitales: una organización social [...] donde rigen el exceso de producción y el consumo exacerbado, el marketing y la publicidad, los flujos financeiros en tiempo real y la interconexión em redes globales de comunicación” (SIBILIA, 2011, p. 5).

Os modos de ser da época moderna, baseados na clausura, rigidez, corpos “dóceis e úteis”, ajustados ao tempo das máquinas, foram substituídos por outros, que implicavam controle a céu aberto, flexibilidade, corpos dinâmicos e criativos, ajustados ao imperativo dos fluxos instantâneos de informação:

Em vez de cincelar em los músculos la rigidez de las cadencias y los ritmos de la maquinaria industrial bajo el reverendo peso del valor-trabajo, los nuevos ritos laborales estimulann el placer y la creatividad, la originalidade espontânea y la realización personal, la capacidade de reciclarse constantemente y em veloz sintonia con las tendencias globales, la búsqueda de celebridade y reconocimiento inmediato, la satisfacción instantânea, el goce constante, la felicidad, la autoestima, la beleza y la juventude; em suma, el bienestar corporal, emocional e afectivo (SIBILIA, 2011, p. 6).

Premido (e espremido) pela vontade e necessidade do bem-estar constante, nada mais passou a obrigar como antes o indivíduo a estar e viver com um outro por um período ilimitado de tempo. Nem Deus, nem os homens. Pelo menos não como até meio século

⁵ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

⁶ DELEUZE, Gilles. “Post-Scriptum sobre as sociedades de controle”. In: *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

atrás, quando o divórcio tornou-se prática corriqueira, pondo um fim burocrático a uniões amorosas, fossem elas abençoadas ou não pela igreja:

As pessoas não só experimentam largamente antes de se estabelecerem como casal estável, como também formam casais sem se casar; adicionalmente, elas estabelecem, em seguida rompem, depois restabelecem essas relações. Ora, nossos ancestrais camponeses também se envolviam numa espécie de “monogamia em série”, mas, em seu caso, as uniões anteriores eram sempre rompidas pela morte, enquanto, no nosso caso, é o divórcio (ou no caso dos parceiros não casados a mera mudança de casa) que acaba com elas (DAVIE apud TAYLOR, 2008, p. 583).

A eternidade transformou-se em instante. O indivíduo passou a se portar como se não estivesse diante de nenhuma entidade ou coletividade transcendente a quem tivesse que ‘prestar contas’ de suas ações; estando apenas diante de si mesmo, seu maior concorrente, é incitado a fazer valer suas crenças e vontades no tempo curto de uma vida: “uma retórica incessante da comparação, análoga à competição esportiva, ocupa hoje o lugar vazio do transcendente” (EHRENBERG, 2010, p. 175). As longas e tranquilas uniões de ontem transformaram-se em curtas e intensas uniões de agora, sucessivas e às vezes paralelas. Passou a ser *cool* trocar parceiros com uma certa periodicidade, como se a atestar um determinado poder de gerenciamento de si, uma qualidade de quem ‘se renova’ e se arrisca. Passou a ser *cool* dizer-se como alguém que ‘luta’ contra a segurança e a acomodação que supostamente viria atrelada a ela. ‘Ser livre’ é o melhor negócio. O espírito empresarial e empreendedor, infiltrado nos mais diversos domínios da vida, oferecendo uma saída para a resolução de problemas para os quais não há mais respostas prontas como no passado, produz novas possibilidades de acomodação para as relações: inspira organizações e indivíduos a adotarem técnicas de autogestão com vistas à otimização das ações, em meio à comunicação em rede e a um tempo desterritorializado. Segundo Ehrenberg:

O esporte e a empresa tornam-se modelos que sintetizam rapidez de adaptação, mudança permanente, flexibilidade psíquica como corporal, pois eles respondem às dificuldades políticas de governar uma sociedade sujeita à imprevisibilidade do futuro. Eles têm, para efeito de realidade, a formação de uma mentalidade de massa cuja base é o governo de si. Essas respostas têm um tal sucesso porque



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

permitem fazer funcionar uma relação social inteiramente moldada pelo inacabamento (EHRENBERG, 2010, p. 172).

Em um contexto em que o imperativo do movimento e da velocidade atravessam corpos e subjetividades, incitando os indivíduos ao trânsito constante nos mais diversos domínios da existência, a possibilidade de deslocamento sem o ‘peso’ de um outro é promissora a até vantajosa. Uniões duradouras e estáveis deixam de ser vistas como sinal de ‘equilíbrio’ e bom gerenciamento emocional e familiar para passar a ser entendidas quase como um atestado de que as ações de um tal indivíduo estão em baixa no mercado. Pesos, densidades e profundidades são lançadas ao mar para que sobrevivam como tesouros perdidos em mundos abissais, memórias que não se podem mais tocar, pois é urgente quebrar as ondas de braços vazios para chegar aonde é preciso. São substituídas, premidas pela necessidade do deslocamento, pelo que é passível de se converter em fluxo, transitar em redes, e que não interdita passagens com dimensões agigantadas ou interioridades adiposas. Ser livre é, simbolicamente, ser tanto mais próximo quanto possível do imaterial.

Num trânsito intenso de troca de parceiros amorosos, em que os rostos se embaralham e os corpos parecem perder a identidade, transformada em territórios de intensidades estimulatórias, o que permanece é a mudança. As imagens que se produzem em celebração ao selamento das uniões dos casais de famosos, com juramentos de amor eterno e felicidade nirvânica, justapõem-se a outras, passado breve período de tempo, similares em conteúdo e expressão, mas com novos personagens. Das plataformas de visibilidade em meio à qual os famosos fazem suas aparições, seguindo a lógica de um jornal para o qual são inúteis as notícias do dia anterior, escoam as histórias e memórias dos romances, cheias de nuances e embaralhamentos, e ressoam as quebras, cortes e intensidades. As microtecituradas dos encontros e a engenhosa construção de redes de afeto se perdem em meio aos choques repentinos, inusitados e plenos em energia libidinal de corpos que se encontram para, em seguida, se perderem.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Depois dos momentos de fusão amorosa, em que os atores do jogo romântico são ‘consultados’ pelas publicações para falarem a respeito de suas fórmulas de sucesso e darem mostras de sua felicidade intensa, algumas semanas ou meses depois, às vezes anos, os rostos da trama até então construída são substituídos, assim como as histórias. As perdas, dores, angústias e tristezas são sentimentos condensados em um único momento, o da separação, mas quase não se fala a respeito disso, já que durante esse ritual de passagem, nas narrativas sobre a vida dos famosos, invoca-se superação e outros sentimentos esperançosos, com uma carga aflitiva e trágica amena, que não chega a ‘assustar’ o leitor e/ou espectador. Afinal, estar triste (ou aparentar tristeza) é depor contra a própria capacidade de autogestão: “comportar-se de modo a exibir uma imagem saudável significa apresentar-se, a si e aos demais, como sujeito independente, responsável, confiável, dotado de vontade e auto-estima” (BEZERRA, 2002, p. 234). Saber administrar os romances, escolhendo parceiros com os quais se obtêm uma intensa carga de prazer, usufruindo ao máximo as benesses da vida em conjunto e pondo um fim rápido, pouco doloroso, às parcerias quando elas apresentam sinais de ‘desgaste natural’, urgindo uma substituição imediata, são ações que atestam uma suposta habilidade de os indivíduos bem governarem suas vidas íntimas. Maximizar o prazer e minimizar a dor. Essa parece ser a fórmula do sucesso.

O outro, com o qual se partilharam vivências e se construíram histórias, transforma-se em um ‘lugar a ser ocupado por outro’; esvazia-se, se bem que sempre fora quase oco, e deixa ver o quão, para além de amante, fora também um troféu, a atestar uma boa capacidade de autogoverno dos que dele fizeram uso. Curiosamente, embora construídas e elaboradas de modo a ressaltar uma boa performance por parte dos atores que as vivenciam, as narrativas se autoproclamam autênticas e transparentes, produzindo “uma verdade que simula sua própria não simulação” (FELDMAN, 2010, p. 8). Quer-se fazer acreditar que se coletam amostras autênticas de cenas da vida íntima dos famosos (e grande parte do poder que essas amostras exercem sobre nós parece derivar exatamente disso), e que eles são tão humanos e mortais como nós, humanos e mortais (apenas menos visíveis que eles), que



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

muito pouco podemos contra esses ‘atestados de autenticidade’. Parte dos imperativos para se estar num lugar estratégico como o dos famosos refere-se ao manejo eficaz de certos códigos de comportamento: é preciso abrir não somente as portas de casa, mas partilhar os segredos; é preciso ser acessível e acessável pelo outro.

Não está a se dizer que as histórias amorosas dos famosos se reduzam aos termos tratados acima; apenas que são essas, majoritariamente, as narrativas elaboradas acerca de suas vivências íntimas. Nesse sentido, as narrativas que se constroem das histórias de amor parecem bidimensionais, tal como as páginas das revistas sobre o mundo dos famosos que folheamos, ávidos por sabermos o que algumas das pessoas mais vistas e observadas têm a dizer sobre um assunto gerador de tantas angústias e prazeres. Teriam eles algo a nos dizer? Melhor: teriam eles algo a nos dizer sobre o amor? A incessante publicação de matérias sobre a vida dos famosos assim como suas constantes aparições midiáticas fazem crer que sim: o acompanhamento de suas rotinas, de seus modos de pensar a vida e de agir teriam um papel que extrapolaria o instinto voyer de fãs, admiradores e curiosos. Ao ocuparem lugares de visibilidade que se supõem almeçados e desejados por todos⁷ e serem detentores de ‘sucesso’, numa sociedade de culto à imagem e ao espetáculo e às técnicas de como gerir-se em espaços que ‘aglutinam olhares’, os famosos oferecem modelos, senão de comportamentos ‘perfeitos’, ‘adequados’, ‘corretos’, ao menos de comportamentos que deixar transparecer uma determinada competência: a de se fazerem vistos e admirados e copiados:

O fato de eu comprar calçados de corrida Nike talvez diga algo sobre como eu quero ser/aparecer, isto é, o tipo de agente capacitado que pode ter como lema o “então faça-o”. E ao fazê-lo, identifico a mim mesmo como aqueles heróis do esporte e dos grandes campeonatos que eles disputam. Ao fazê-lo, junto-me a milhões de outros que assim expressam a sua “individualidade”. Além disso, eu

⁷ No espaço público atual, no qual se observa um “recoo das formas de autoridade que fixavam, antecipadamente, cada um em uma posição”, forma-se “um estilo de laço social em que a implicação de cada indivíduo é trocada por sua realização e visibilidade pessoais”. EHRENBURG, Alain. “O indivíduo sob perfusão”. In: *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Aparecida: Ideias & Letras, 2010. p. 175-176.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

expresso isso, conectando-me a algum mundo superior, o lugar dos astros e dos heróis (TAYLOR, 2008, p. 567).

A exposição contínua da vida íntima das celebridades, portanto, coloca em evidência determinados tipos de comportamentos em detrimento de outros e intensifica certas falas em detrimento de outras, envolvendo-as com um tom de prestígio e autoridade. As celebridades seriam pontos que concentrariam a atenção - dispersa e ávida por consumir imagens e informação - de indivíduos, co-produtores de imagens e de informação e que buscam seus próprios espaços de visibilidade, dentro de um cenário de comunicação em massa e em rede. Seriam capazes de deter, por algum tempo, e para diferentes indivíduos em tempos não necessariamente coincidentes, o fluxo intermitente de olhares dos espectadores, reforçando-se como hábeis na arte de performar e possuidores de méritos por preencherem, dia após dia, janelas virtuais espalhadas dentro e fora de casa. Além de ocuparem um lugar que os dá direito a ocupar vários, pois suas imagens são reproduzidas e perpetradas pelos mais insondáveis caminhos de uma rede comunicativa que não têm começo, meio ou fim, de terem as imagens de si projetadas e agigantadas pelo efeito mesmo de se dirigirem a uma audiência massiva, não conquistaram esse espaço e não se mantêm ali por acaso, pois nem todos 'nasceram para as luzes'. Especialistas em se fazerem vistos e no manejo eficiente dos códigos para voltar as atenções para si - quando todos parecem fazer esforços nessa direção -, prescrevem, sem que muitas vezes nos demos conta disso, receitas para se alcançar o sucesso e ser feliz. Ávidos por reconhecimento e numa corrida constante com o mundo e consigo rumo ao mais alto posto do sucesso pessoal, sem as obrigações e referências religiosas, institucionais e coletivas do passado, por vezes é a eles que recorremos. Não exatamente para saber 'o caminho certo a seguir' - pois, em nossa 'consulta' corriqueira aos astros por vezes nos escandalizamos e nos indignamos e nutrimos uma certa nostalgia com relação aos hábitos do passado - mas para iluminar os caminhos possíveis do presente:

Mais do que a vida do outro, é a nossa, de alguma maneira, que está em jogo na relação que estabelecemos com nossos ídolos. Não se trata aí apenas de um mecanismo psicológico de compensação ou escape; é possível ver também uma



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

dinâmica da cultura, uma invenção necessária para lidar com a insegurança, buscar referências e operar ajustes em nossa própria e sofrida inserção na realidade contemporânea (FRANÇA, 2010, p. 225).

Nesse sentido, olhar para separações de casais de famosos, por exemplo, além de simbolicamente os aproximar de nós, simples mortais, faz falar de uma quebra de paradigmas referenciadores das uniões amorosas de nossos pais, avós, tataravós etc., e também do processo em curso de construção de novas formas, modelos e imperativos nesse domínio, protagonizado por quem detém espaços privilegiados de visibilidade. E a força sedutora de uma tal encenação não encenada, porque ‘real’, parece tanto maior quanto mais desejamos estar num lugar como o que eles ocupam, mesmo que não midiático.

A aparente ‘liberdade’, quebra de tabus e hábitos antigos pelos famosos e casais de famosos parece esconder, no entanto, as linhas de força constituidoras dos novos modelos de comportamento: ao se desenharem possibilidades até então insondadas delimitam-se padrões, e com eles, outras estratégias de atravessamento dos corpos e subjetividades. Não questionar as ‘caretes’, ‘chatices’ e ‘mesmices’ dos nossos antepassados, os modos ‘antiquados’, ‘ultrapassados’ e ‘falidos’ de relacionamento levados a cabo por eles custa um preço: o de ser visto e rotulado – quando, paradoxalmente, o que se prega é a tolerância máxima com relação ao outro⁸ – como alguém que não maneja bem os códigos do presente; como alguém, no limite, intolerante. O aparente jogo livre e sem regras dos novos rituais de enlace e desenlace amoroso é menos destituído de imperativos do que talvez possamos imaginar: as opressões são de outra ordem e os sofrimentos não deixaram de existir. Além de que “a abertura para o novo não envolve necessariamente abertura para o estranho, nem tolerância ao desassossego que isto mobiliza e menos ainda disposição para criar figuras singulares orientadas pela cartografia destes ventos, tão revoltos na atualidade” (ROLNIK, 1997, p. 2). Escolheremos escolher, seja inventando, seja negociando caminhos possíveis

⁸ “De fato, precisamente o relativismo brando que parece acompanhar a ética da autenticidade [...] é preconizado a partir de uma base ética firme e, na verdade, demandado por ela. Não devemos criticar os valores dos outros porque eles têm o direito de viver suas próprias vidas, assim como tu vives a tua. O pecado não tolerado é a intolerância”. TAYLOR, Charles. *Uma era secular*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2008. p. 568.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

onde possamos sustentar coletivamente nossas crenças, valores e afetos ou ficaremos à deriva desses ventos, destituindo-nos de comprometimentos éticos na relação com o outro? O destino nos aguarda, de mãos atadas.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Benilton. “O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica”. In: PLASTINO (org.). *Transgressões*. Rio de Janeiro: Ed. Contracapa, 2002.

DELEUZE, Gilles. “Post-Scriptum sobre as sociedades de controle”. In: *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

EHRENBERG, Alain. “O indivíduo sob perfusão”. In: *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

_____. “Poder-Corpo”. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.

FRANÇA, Vera. “‘A felicidade ao seu alcance’: que felicidade, e ao alcance de quem, afinal?” In: FREIRE FILHO, João (Org.). *Ser Feliz Hoje: Reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

ILLOUZ, Eva. *Saving the modern soul: therapy, emotions and the culture of self-help*. Berkeley: University of California Press, 2008.

ROLNIK, Suely. “Toxicômanos de identidade: Subjetividade em tempo de globalização”. In: LINS, Daniel (Org.). *Cultura e Subjetividade*. Campinas: Papirus, 1997.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

SIBILIA, Paula. *O show do eu: A intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. “La escuela en um mundo hiperconectado: redes em vez de muros?”. In: DUSSEL, Inés. *Educación la mirada*. Buenos Aires: FLACSO, 2011.

TAYLOR, Charles. *Uma era secular*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2008.

VAZ, Paulo. “A vida feliz das vítimas”. In: FREIRE FILHO, João (Org.). *Ser Feliz Hoje: Reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Uma breve introdução sobre a relação entre o discurso da sexualidade e os primórdios da fotografia¹

Isabela Lachtermacher²

ECO- UFRJ

*“Propõe isso a teu vizinho,
ao condutor do teu bonde,
a todas as criaturas
que são inúteis e existem,
propõe ao homem de óculos
e à mulher da trouxa de roupa.
Dize a todos: Meus irmãos,
Não quereis ser pornográficos?”*
Carlos Drummond de Andrade

Resumo:

A invenção da fotografia, no século XIX, criou novos meios de retratar o corpo. Ao passo que seus primeiros praticantes seguiam as orientações da pintura como a composição e o enquadramento, as diferenças entre as duas formas de arte logo se desenvolveram. A fotografia também permitiu uma escolha que nunca antes esteve disponível na história das artes visuais: capturar uma cena instantaneamente, de modo realístico, não apenas dentro de uma cronologia temporal, mas também numa realidade material e desta forma, permitiu a captura de uma objetividade distinta das outras formas imagéticas. Pensando nesta nova maneira de se retratar a realidade corporal, este trabalho consiste na análise sobre o discurso da sexualidade promovido através do dispositivo da fotografia do nu feminino na virada do século XIX. Tomando como objeto os estudos de Muybridge a cerca da *locomção humana* (1884) e os conceitos da genealogia Foucaultiana, mais precisamente contidos na *História da Sexualidade* (1988), temos como objetivo a análise relacional sobre a produção de imagens do corpo em movimento juntamente com a noção de dispositivo de sexualidade e todos os outros discursos e produções relacionados. Nossa primeira questão se formula sobre a premissa da existência de uma estética erótica nos imagens científicas

¹ Trabalho apresentado no GT Comunicação e diversidade do VIII Seminário de Alunos de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio.

² Mestranda em Tecnologias da comunicação e estéticas pela Escola de Comunicação da Universidade federal do Rio de Janeiro. Orientadora: Ieda Tucherman. Especialista em Arte e Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Email: bela.lachter@gmail.com



formuladas por Muybridge. Tendo em vista a análise histórica da sexualidade promovida por Foucault (1988), a denominação ‘Scientia Sexualis’ referida ao discurso da sexualidade do ocidente moderno, nos propõe uma vereda iniciática.

Palavras chaves: Scientia sexualis, fotografia, nu, pornografia

1. A Scientia sexualis e o corpo nu

Em a História da sexualidade, Michel Foucault distingue duas maneiras primárias de organizar o saber sobre a sexualidade. Enquanto as culturas antigas e não ocidentais organizaram o saber sobre o sexo em volta da arte erótica, ou ars erotica, que opera sob um regime de mestre-discípulo, onde todo o saber sobre o sexo é passado através de iniciação e tradição, a cultura ocidental e moderna construiu para si um compêndio de informações detalhadas sobre o assunto. Referida como Scientia Sexualis pelo autor, ela descreve o modo como o saber sobre o sexo se organizou na cultura ocidental e aponta para uma hermenêutica do desejo, destinada a cada vez mais capturar e explorar os mínimos detalhes e as mais diversas verdades científicas da sexualidade humana (Foucault, 1988).

A Scientia sexualis constrói a sexualidade moderna de acordo com uma conjunção de poder e saber que investiga as verdades mensuráveis e confessáveis da sexualidade que governa os corpos e seus prazeres.

“Nossa civilização, pelo menos a primeira vista, não possui ars erotica. Em compensação é a única, sem dúvida, a praticar uma scientia sexualis. Ou melhor, só a nossa desenvolveu, no decorrer dos séculos, para dizer a verdade do sexo, procedimentos que se ordenam, quanto ao essencial, em função de uma forma de poder-saber rigorosamente oposta à arte das iniciações e ao segredo magistral, que é a confissão.”(Foucault, 1988 p.66)

Podemos perceber a importância dada pelo autor à confissão e ao papel protagonizado por ela dentro da sexualidade moderna, pois esta não só é a técnica usada para exercer poder sobre os prazeres, que nós parecemos tão livres em confessar, além de ser o meio pelo qual se produz conhecimento sobre o prazer. Um outro tipo de lógica é gerado a partir desta relação; a do conhecimento e categorização. Este poder que cria um



VIII POSCOM

**Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011**

discurso determinado sobre a sexualidade opera em vários outros saberes, como na medicina, no direito, na psicanálise, entre outros. Desta maneira, os inúmeros discursos destes saberes funcionam como pontos de incidência de poder e também prazer sobre o sexo e suas diversas formas e desenvolvimentos.

“Disseminação, portanto, dos procedimentos de confissão, localização múltipla de sua coerção, extensão de seu domínio: constituiu-se progressivamente, um grande arquivo dos prazeres do sexo. Durante muito tempo, a medida que se constituía, tal arquivo apagou-se. Passou sem vestígios (assim o desejava a confissão crista) até que a medicina, a psiquiatria e também a pedagogia, começaram a solidificá-lo: Campe, Sazmann, depois Kaan, Kraft-Ebbing, Tardieu e Havelock Ellis reuniram com cuidado toda esta pobre lírica do despropósito sexual. Assim as sociedades ocidentais começaram a manter o registro infinito de seus prazeres.” (Foucault, 1988 p.72)

Este processo de varredura e reunião de conhecimento específico possui um efeito ambíguo, de um lado, o poder que reuniu os saberes sobre o sexo se torna também passível de ser sentido como prazer, prazer de se conhecer, *libido sciendi*³. Nas palavras de Foucault:

“O poder que, assim, toma a seu cargo a sexualidade, assume como um dever roçar os corpos; acaricia-os com os olhos, intensifica regiões, eletriza superfícies; dramatiza momentos conturbados. Açambarca o corpo sexual. Há, sem dúvida, aumento da eficácia e extensão do domínio sob controle, mas também sensualização do poder e benefício de prazer. O que produz duplo efeito: o poder ganha impulso pelo seu próprio exercício; o controle vigilante é recompensado por uma emoção que o reforça; a intensidade da confissão relança a curiosidade do questionário; o prazer descoberto reflui em direção ao prazer que o cerca.” (Foucault, 1988 p.52)

Percebe-se então um duplo jogo de prazer relacionado ao discurso da sexualidade; não só há uma imensa necessidade de se localizar todos os seus mais ínfimos detalhes como também se torna regorgizante vivenciar o prazer do saber sexual através da fala.

³ A expressão *libido sciendi* tem origem no iluminismo e se traduziria como desejo de conhecimento ou vontade de saber como usada por Foucault e era empregada no termo de se distanciar das concepções metafísicas dentro de um discurso, mais tarde, Freud, nos “Três ensaios sobre a sexualidade” apontou para uma certa atividade de fundo pulsional que se refere à vontade de conhecimento inerente ao homem e que também se relaciona ao sexual.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Nesta osmose entre poder que alimenta prazer e prazer que alimenta poder, podemos encontrar vários tipos de práticas que comprovam esta dupla relação entre um corpo cheio de afetos e libido e um discurso criado para dar conta de todos estes desejos e movimentos em torno de um limite sexual.

Tomando o campo da arte, por exemplo, podemos constatar que a maneira como o corpo humano é tratado e retratado esteve sempre atrelada a uma certa censura e a um mistério. Somente através de alegorias míticas ou épicas, o artista, até o século XIX, poderia ilustrar o corpo nu, porém a invenção da fotografia muda drasticamente a maneira de se retratar o corpo. Devido a sua realidade objetiva e instantânea, a fotografia revolucionou de vez não só o mercado pornográfico mas também a concepção imagética do corpo. O corpo enfim seria revelado na sua formalidade física, na sua presença enquanto matéria e sua identidade sexual, tão encoberta pela moral e os bons costumes será exposta e explícita. A fotografia não deixaria mais o corpo se esconder.

2. A nudez do corpo capturada pelas máquinas de visibilidade.

Pesquisando entre as invenções óticas do final do século XIX, dentre elas os daguerreótipos, a câmera estereoscópica, a cronografia, o zoopraxiscópio, o cinetógrafo e outros inventos que foram os precursores do cinema, podemos aprofundar mais a discussão sobre o *modus operandi* da *scientia sexualis*. Os discursos da sexualidade elaborados na era moderna atingem um grau elevado a partir do que o historiador Jean-Louis Comolli chama de “máquinas do visível”.⁴ No que tange a este assunto, entre novas tecnologias de registro de imagens e a própria maneira de interpretá-las, partiremos de um momento particular que foram os estudos da captação de imagens e de movimento, precursores imediatos da invenção do cinema. Com a possibilidade de se representar o corpo não só em sua materialidade objetiva, contribuição do desenvolvimento da fotografia, mas também poder capturar a motricidade deste mesmo corpo, contribuiu de forma inigualável para o discurso da *scientia sexualis*.

⁴ Citado por WILLIAMS in; “*Porn Studies*” pp32-34.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Ver o corpo humano em sua real materialidade e depois em sua total mobilidade não só foi divisor para o campo científico como também para o discurso sobre a sexualidade. Agora que este corpo pode ser visto animado, em sua dimensão motora, podemos reconhecer que o desejo de se saber mais sobre o corpo humano, para responder questões acadêmicas sobre seus mecanismos de movimento, também foi um dos fatores que impulsionou a invenção do cinema. De uma certa maneira, podemos dizer que a scientia sexualis está presente em toda a evolução dos mecanismos visuais. As imagens do corpo humano captadas pelos dispositivos midiáticos estão atreladas aos domínios dos dispositivos e discursos da sexualidade, sejam eles a maneira deste corpo se portar em frente às câmeras, se vestir, falar de si entre outros.

Porém antes de se empreender uma discussão sobre os primórdios da invenção do cinema e o discurso da sexualidade, existe outro fator igualmente importante e que também colaborou imensamente para a difusão do saber sexual em torno da imagem do corpo humano. As primeiras fotografias que retratam o corpo nu serviram de fonte de inspiração para o estudo do corpo assim como também formaram um novo suporte imagético para os pintores da época, que obtinham na fotografia um modelo imóvel e realista, que substituiria o modelo vivo de forma mais autêntica e verdadeira.

3. O status artístico do nu



Auto retrato afogado de Hippolyte Bayard em 1840, Paris, França.

Um dos primeiros registros fotográficos do corpo nu é de 1840, por Hippolyte Bayard (1801-1887) que inventou sua própria técnica fotográfica de impressão positiva praticamente ao mesmo tempo em que Louis Daguerre (1787–1851) inventou o daguerrótipo. Entretanto este primeiro registro do corpo nu não possui nenhuma relação com a sexualidade ou qualquer apreciação das formas do corpo humano. No auto retrato intitulado “Auto retrato afogado”, Bayard retrata a si mesmo, sentado, apenas com uma toalha cobrindo seu colo e uma postura abatida, como se estivesse morto. A razão para se despir em frente à câmera veio de seu inconformismo com a falta de reconhecimento de sua invenção pois foi Daguerre o único aclamado como inventor da fotografia.

Não foi apenas a primeira vez em que uma fotografia de nu foi utilizada para fins políticos, também foi a primeira a mostrar o corpo humano numa configuração teatral. É provável que tenha sido a primeira fotografia a mostrar a figura humana nua, visto que a



VIII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

técnica de Daguerre exigia exposições muito longas e sua fotografia de um corpo feminino, feita em 1839, tenha sido obtida de uma estátua.

Por volta de 1845, aparecem no mercado os primeiros daguerrótipos de pequeno tamanho, difundindo a fotografia não só entre os entendedores de arte mas também como a outros curiosos por esta nova forma de visibilidade.

As novas máquinas de pequeno tamanho também ajudaram a difundir os retratos do corpo nu. Geralmente as modelos escolhidas eram prostitutas, bailarinas ou jovens anônimas que por dinheiro deixavam se fotografar para serem imortalizadas.

Dois grandes nomes da fotografia na esta fase foram f. J. Moulin e Auguste Bellocq. Ambos fotógrafos franceses parecem ter tentado todos os gêneros possíveis no campo da nudez: nus acadêmicos, nus pictóricos imitando trabalhos famosos de arte e imagens eróticas, até mesmo pornográficas. Suas fotos de nu acadêmico foram usadas como referência por pintores como Courbet e Delacroix (HUNT, 1993 p. 55).

No começo do século XX, o corpo nu apenas podia ser mostrado dentro das categorias de arte ou ciência, mas retratá-lo em termos puramente sexuais ainda era um tabu. Ernest James Bellocq (1873–1949) fotografou prostitutas de Nova Orleans no início de 1900, embora as modelos posassem com orgulho para suas lentes, seus rostos eram destruídos nos negativos, provavelmente para preservar seu anonimato⁵. foi apenas nos anos 1960 que alguns desses negativos foram descobertos e publicados.

Após a invenção da fotografia surgiu a questão de como o corpo humano deveria ser

⁵ Agambem, no texto “O rosto” indica um bom caminho para pensar a evolução do olhar da modelo para a câmera: “Nas fotografias pornográficas, acontece com frequência que os sujeitos retratados olhem, com um estratagema calculado, em direção à objetiva, exibindo, assim, a consciência de estar exposto ao olhar. Esse gesto imprevisto desmente violentamente a ficção implícita no consumo de tais imagens, segundo a qual aquele que as olha surpreende, não visto, os atores: estes afrontam conscientemente o olhar, obrigam o voyeur a olhá-los nos olhos. Naquele átimo, a natureza insubstancial do rosto humano emerge repentinamente à luz. Que os atores olhem para a objetiva, significa que eles mostram estar simulando; e, todavia, paradoxalmente, propriamente na medida em que exibem a falsificação, eles parecem mais verdadeiros. O mesmo procedimento é, hoje, ampliado na publicidade: a imagem parece mais convincente se mostra abertamente sua própria ficção. Em ambos os casos, quem olha, sem querer, choca-se contra qualquer coisa que concerne inequivocamente à essência do rosto, à estrutura mesma da verdade”.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

representado. Em pinturas, a tradição defendia a retratação de mostrar a nudez de forma mitológica, religiosa ou em alegorias, o que trazia um revestimento de respeitabilidade ao ato de olhar para algo que frequentemente possuía conteúdo sexual. Removidas desse contexto respeitável e livres para retratarem a realidade material do corpo, as fotografias de nu assumiram inevitavelmente uma conotação mais sexual. Muitos dos fotógrafos que exploraram a sexualidade do corpo humano o fizeram de forma anônima, e algumas de suas imagens são chocantes até hoje. Eles mostraram não somente a beleza dos modelos, mas seus desejos, suas necessidades sexuais, e, com certa frequência, atividades explícitas, um tema que reapareceria na cena artística na metade do século XX, com os temas de bordel e da noite parisiense, além das fotografias de meretrizes e prostitutas (HUNT, 1993 p.57).

Em um primeiro momento, este gênero erótico, alimentou-se de todas as poses da pintura. Ao mesmo tempo a exibição explícita dos genitais, o coito heterossexual e as relações lésbicas começavam ganhar a cena. Nesse momento a perseguição aos realizadores destas imagens e seus comerciantes era implacável. Os autores escondiam-se no anonimato, pois se expunham a multas e penas de cárcere. O negócio do nu fotográfico era muito rentável. As primeiras imagens, por seu preço, só se comercializavam nas classes altas (HUNT, 1993 p.44). Porém, com a chegada da tecnologia do negativo-positivo o processo se fez menos custoso e mais rápido e logo começou-se a massificar. Tão grande foi seu alcance que nem mais as leis de censura puderam retardar a rápida disseminação deste novo mercado de fotos eróticas.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011



“Nude” de Auguste Bellocq, coleção do MoMA. França, entre 1856-60.

Nas academias de arte, as fotos de nu também foram rapidamente difundidas e se tornaram um dos suportes favoritos dos artistas que ao invés de pagar para modelos que dificilmente conseguiriam manter a pose por horas a fio, encontraram na fotografia uma representação fiel do corpo e suas formas. Alguns pintores, como por exemplo, Degas e Toulouse Lautrec, começaram a flertar com a fotografia e utilizaram largamente vários tipos de material fotográfico em suas pesquisas e criações. Como cita Giulio Carlo Argan, historiador de arte:

“A fotografia torna visíveis inúmeras coisas que o olho humano, mais lento e menos preciso, não consegue captar; passando a fazer parte do visível, todas as coisas (por exemplo, os movimentos das pernas de uma dançarina ou um cavalo a galope), como também os universos do infinitamente pequeno e do infinitamente grande, revelados pelo microscópio e pelo telescópio, passam a fazer parte da experiência visual e, portanto, da ‘competência’ do pintor. (...) Neste sentido é correto afirmar que a fotografia contribuiu para aumentar o interesse dos pintores pelo espetáculo social.” (ARGAN 1988, p.81)

A fotografia erótica surge, não como um campo de representação inédito, senão como uma ideia que agora era apresentada em um suporte diferente e novo. O nível das fotografias mudou, se algumas vinculavam estreitamente nas academias de belas artes, como uma busca pelo refinamento, pelo ideal da beleza, outras iam sem mediação a um



ponto menos estético e acadêmico: a nudez por ela mesma.

Tendo em mente o duplo direcionamento destas fotografias, de um lado eram esteticamente orientadas em direção a um belo acadêmico e por outro à uma curiosa e excitante observação do realismo do corpo desnudo, a origem da fotografia do nu carrega em si o germe tanto da pornografia quanto o do ideal clássico.

Pode entender-se que estas imagens constituem um passo muito significativo na evolução da história da fotografia e da arte. São manifestações de uma tradição e uma cultura altamente sofisticada que tem por tema central a captação e contemplação do corpo desnudo, realista e ao mesmo tempo banhado por uma névoa de classicismo acadêmico e estética do belo.

4. O nu científico⁶

À medida que viajar se tornava mais fácil, com a invenção da locomotiva à vapor e a popularização das viagens marítimas, a curiosidade a respeito de terras distantes aumentava proporcionalmente. Fotografias “exóticas”, geralmente das colônias da África ou da Ásia, seduziam os espectadores ocidentais com imagens de pessoas parcialmente nuas (WILLIAMS, 1989 p.49). Uma área de pesquisa bastante popular no século XIX e que também se interessou pelo exotismo dessas imagens foi a antropologia, cientistas estavam ansiosos por obter registros fotográficos das diferentes tribos e costumes que estavam pesquisando.

Enquanto o gênero de fotografia erótica se desenvolvia e entre os artistas era discutido o uso da forma humana neste novo meio de registro, outros fotógrafos procuraram explorar o lado técnico e científico da fotografia. Nos Estados Unidos e respectivamente na França, Eadweard Muybridge (1830–1904) e Etienne-Jules Marey

⁶ Tomamos como ponto central desta parte do trabalho, o artigo de Willians intitulado “The Frenzy of the visible” presente no livro *Hard Core; Power, pleasure and the Frenzy of the visible*, 1989.

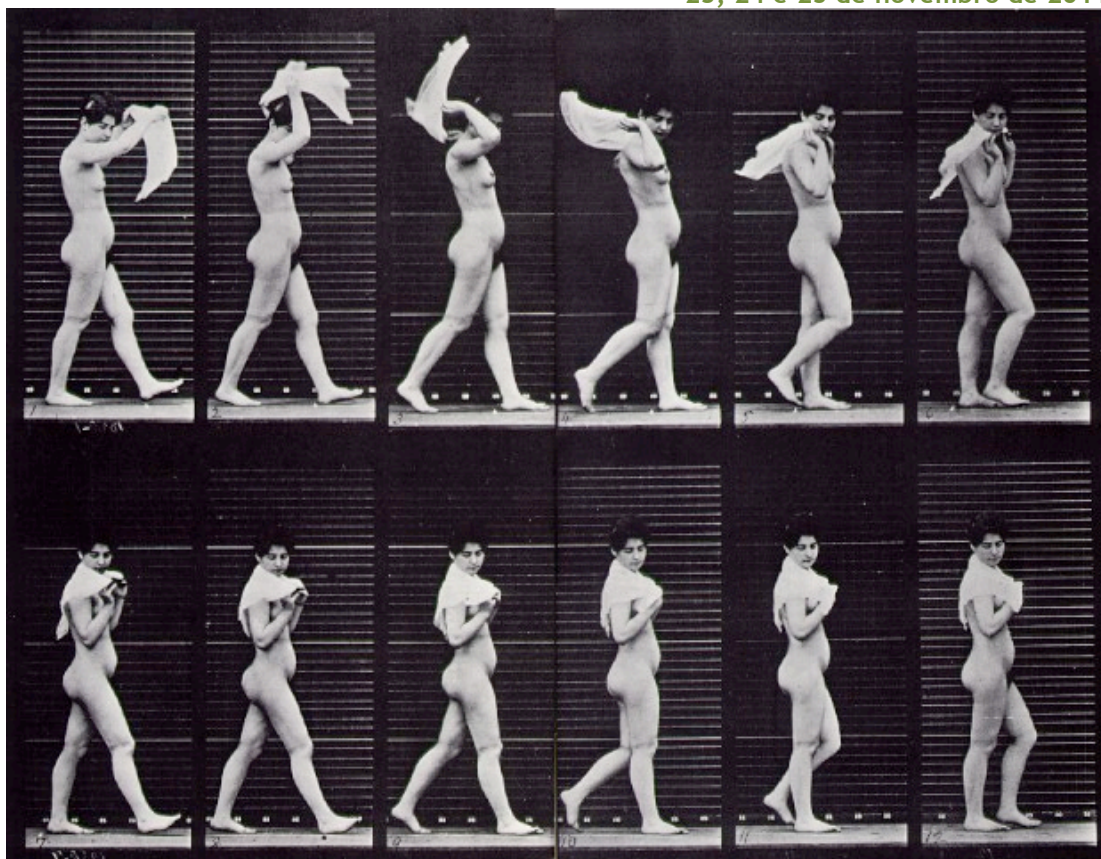


VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

(1830-1904) fizeram experimentos com a cronografia (conjuntos de fotografias de objetos em movimento e em intervalos regulares), e para esta nova tecnologia o corpo humano se tornou um assunto perfeito tanto por razões científicas quanto artísticas. A cronografia funciona de modo a capturar o movimento de uma maneira que o olho humano não consegue ver. Sob um fundo negro, permite a comparação das diferentes posições que o corpo assume quando em movimento.

Nacido na Inglaterra, Muybridge se muda para os EUA nos idos de 1860. Primeiramente trabalha como editor de livros e logo depois descobre sua inclinação à fotografia ao retratar as paisagens do parque nacional de Yosemite. Em 1873 é contratado para ser um dos fotógrafos oficiais das expedições militares ao Alaska, território recém adquirido pelo governo Americano, também fotografa a construção da ferrovia Central Pacific, que ligava a Califórnia à Utah, além de retratar as novas construções estatais da cidade de São Francisco. Porém, foi uma iniciativa privada, de um político da Califórnia que faz com que Muybridge comece a pesquisar sobre o movimento. Contratado para estudar os movimentos do cavalo Ocident, que pertencia ao ex-governador Leslie Stanford, um grande colecionador de puros-sangue, o fotógrafo começa a pesquisar maneiras de retratar o animal em galope e desenvolve uma técnica para a captação instantânea de imagens.

Muybridge logo se tornou muito famoso por sua pesquisa intitulada “Locomoção animal” e suas palestras eram muito populares tanto no meio acadêmico quanto fora dele. O momento mais esperado de sua apresentação acontecia após a apresentação de vários slides com imagens detalhadas dos movimentos de cavalos e outros animais, neste momento, eram projetados slides de corpos humanos, cada frame numa posição distinta, realizando ao todo movimentos como caminhar, subir escadas ou se agachar.

MUYBRIDGE, Eadweard – *Animal Locomotion, Humans* - Plate 40. EUA, 1886.

O uso de fotografias em sequência mostrando movimentos intermediários de uma ação modificou drasticamente a criação de imagens de movimento realistas. Pela primeira vez, com a invenção de Muybridge foi possível observar como o corpo humano se comporta ao performar uma ação. O movimento agora poderia ser dividido em pequenas partes para sua análise, além de também poder ser visto em ordem e velocidades diferentes podendo assim ser analisado mais realisticamente.

Esperando obter lucros com a divulgação de suas fotografias do movimento, Muybridge inventou o Zoopraxiscópio, uma versão mais realista do Zootrópio, onde as imagens se movimentavam de maneira mais natural e parecida com a realidade. Essa nova tecnologia foi a precursora do desenvolvimento da película de filme e mais tarde do cinema.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Com essa nova máquina de ver o movimento, deu-se um salto na análise dos limites do corpo humano. Esse corpo que agora poderia ser apreendido por uma máquina, poderia também ser estudado detalhadamente, parte por parte, repetidamente, o que contribuiu para uma visão mecanicista do corpo.

A virada do século foi imbuída de um idealismo do corpo como máquina, imaterial e possível de intervenção, como diz Tom Gunning:

“O próprio corpo pareceu ter sido abolido, tornado imaterial, por meio da fantasmagoria da fotografia fixa e em movimento. Essa transformação do físico não ocorreu por meio da sublimação de um idealismo etéreo. O corpo, ao contrário, tornou-se uma imagem transportável e totalmente adaptável aos sistemas de circulação e mobilidade que a modernidade exigia.”(GUNNING in: CHARNEY, 1994 p.37)

Muitas novas teorias sobre o corpo estavam em voga e vários estudos sobre sua materialidade fisiológica assim como a objetividade da visão, a quantificação de estímulos corporais, a funcionalidade da visão, entre outros contribuíram para uma nova maneira de se perceber o corpo e suas dimensionalidades. A larga aceitação do trabalho de Muybridge se deu sob esses fatores. Os estudos sobre a experiência perceptiva, principalmente a visão apontavam para a ideia de que a capacidade visual era subjetiva, portanto inexata. O que seria melhor do que uma máquina, uma tecnologia que não possui afeto em sua construção nem fisiologia biológica para retratar de forma realista e verdadeira a materialidade corporal?

“Na modernidade, mais ainda, a visão era meramente uma camada de um corpo que podia ser capturado, moldado, dirigido por uma gama de técnicas externas, um corpo que era também um sistema sensorial-motor em desenvolvimento capaz de criar e dissolver formas.” (CRARY, 1993 p.73)

A lente da câmera enxergaria melhor do que o olho humano. O trabalho da “Locomoção animal” revelaria uma inédita e excitante possibilidade de se analisar e conceber os movimentos do corpo humano. Então, se no início de sua pesquisa, a platéia de Muybridge somente queria aprender sobre as novidades tecnológicas do estudo dos movimentos corporais, logo se viu diante de uma fonte excepcional de prazer visual, um prazer de se ver e se reconhecer no modelo, de apreender a sua realidade corporal encenada



VIII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

na sequência dos slides, de poder observar de forma nunca antes possível o comportamento de seus corpos, a movimentação de suas partes e músculos, tão íntimos e desconhecidos.

Pequenas considerações finais:

A tecnologia cria uma relação de duplo vínculo entre poder-saber e o discurso da sexualidade, ao mesmo tempo em que fornece novos dados e suporte para extrair do corpo suas verdades, concomitantemente apresenta aos olhos um novo desejo, uma vontade escópica de tomar o corpo também como objeto animado (FREUD, 1916).

Essa produção de verdade, mesmo intimidada pelo modelo científico, talvez tenha multiplicado, intensificado e até criado seus prazeres intrínsecos. Diz-se frequentemente, que não fomos capazes de imaginar novos prazeres. Pelo menos, inventamos um outro prazer; o prazer da verdade do prazer, prazer de sabê-la, exibí-la, descobri-la, de fascinar-se ao vê-la, dizê-la, cativar e capturar os outros através dela, de confiá-la secretamente, desalojá-la por meio de astúcia; prazer específico do discurso verdadeiro sobre o prazer.”(FOUCAULT, 1988 p.81)

Os trabalhos de Muybridge nos indicam de maneira simples esta relação entre poder e prazer. Desta maneira podemos retomar à ideia de Foucault de que o poder exercido através do discurso sobre a sexualidade, utilizando as então novas tecnologias de visibilidade, confere uma nova instância ao discurso; o prazer de ver, logo o prazer em estar dentro do discurso, de também ter seu corpo analisado e esquadrinhado. O que torna o poder exercido pela tecnologia infinitamente sedutor é a sua capacidade de voyeurismo, é a perversão do olhar sobre o si mesmo como objeto de estudo, fonte de conhecimento e desejo.

A fotografia e suas tecnologias mudam para sempre não só a relação entre prazer e saber da scientia sexualis, mas também a formatação da indústria pornográfica, agora operando sobre uma ótica do movimento e do mais que real⁷.

⁷Sobre o mais que real da pornografia está no texto *stereo-pornô* do Baudrillard em “Da Sedução”.



VIII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Referências bibliográficas:

- AGAMBEN, Giorgio. *Il volto (O Rosto)* in: Mezzi senza fine. Note sulla politica. Bollati Boringhieri: Torino, 1996. Tradução de Murilo Duarte Costa Corrêa.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CHARNEY, Leo. *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- CRARY, Jonathan. *Techniques of the observer*. Cambridge: October books, 1992.
- DRUMMOND, Carlos de. *Em face aos últimos acontecimentos* in: *Antologia Poética*. Rio de Janeiro, Record, 2008
- FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade vol I*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FREUD, Sigmund. Os Três ensaios sobre a sexualidade in: *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1986
- HUNT, Lynn. *The invention of pornography*. New York: Zone Books, 1993
- WILLIAMS, Linda. The Frenzy of the visible in: *Hard Core: Power, Pleasure, and the frenzy of the visible*. Berkeley: University of California Press, 1989.
- WILLIAMS, Linda. *Porn Studies*. Durham: Duke University Press, 2004.

Sites visitados:

Picture Manipulation, disponível em: <<http://commfaculty.fullerton.edu/lester/writings/chapter6.html>> acesso em: 03/08/11

Psiquifotos, disponível em:

<<http://www.psiquifotos.com/2009/04/59-humor-psiquiatria-y-fotografia.html>> acesso em: 03/08/11

De Niépce aux frères Lumière, disponível em:

<http://www2.cndp.fr/themadoc/niepce/AI_Bayard-Imp.htm> acesso em: 03/08/11



Minorias e discurso na esfera pública digital: o caso da *Parada Gay*¹

Juliana Depiné Alves Guimarães²
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

RESUMO

O artigo pretende expor e analisar algumas das recorrências discursivas referentes à *Parada do Orgulho LGBT* de 2011 nos conteúdos que circulam na rede mundial de computadores. Com base na Análise do Discurso, identificamos as temáticas e argumentações principais relativas ao evento que, ao combinarem campos sociais e lugares de fala diversos, podem nos fornecer pistas importantes para compreender as construções de sentido engendradas pela sociedade a respeito da sexualidade não heteronormativa, assim como as possibilidades de tomadas de ação democrática pelas minorias sexuais.

PALAVRAS-CHAVE: minorias sexuais; discurso; Internet; *Parada Gay*.

Introdução

Os esforços principais, neste artigo, referem-se a traçar um panorama, uma espécie de quadro geral, a respeito das recorrências discursivas sobre a *Parada do Orgulho LGBT* de 2011 (mais conhecida simplesmente como *Parada Gay*) na Internet, meu tema de pesquisa no Mestrado. Por questão de espaço, o texto abaixo se atém a alguns pontos relativos à argumentação sobre os direitos civis, uma das quatro temáticas mais recorrentes no *corpus*, especialmente no que diz respeito à construção dos “lugares de fala” de diferentes segmentos da sociedade em relação ao evento e à sexualidade não

¹ Trabalho apresentado no GT Comunicação e Diversidade do VIII Seminário de Alunos de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio.

² Mestranda em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Orientadora: Adriana Andrade Braga. Graduada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e em Publicidade pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso. E-mail: julianadepine@gmail.com



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

heteronormativa em si. Para o estudo do *corpus*, foi empregada a metodologia da Análise do Discurso.

Nos meios de comunicação, as construções discursivas sobre a *Parada* mobilizam temáticas e debates; tensões, conflitos e coalizões entre saberes e enunciações pertencentes a diversos campos sociais se estabelecem. Consideramos *campo* na perspectiva de Bourdieu (1983), ou seja, um espaço com autonomia relativa em relação a outros campos, cada qual com uma lógica de funcionamento própria, incluindo hierarquias, regras, valores e conteúdos específicos. Como a *Parada* mobiliza assuntos diversos ligados à temática LGBT, muitos campos diferentes são acionados, como o jurídico, o científico, o político, o religioso.

Nosso material de coleta inicial referiu-se a todos os registros relacionados aos termos “parada gay” no *Google*. Nossa intenção não era analisar uma temática pré-determinada, ou um veículo de comunicação específico. Pelo contrário, buscamos obter, em um primeiro momento, a maior abrangência possível de resultados relacionados à *Parada Gay* (dentro das limitações naturalmente impostas pelo tempo e tema da pesquisa).

Sobre a metodologia

Como nosso objetivo era justamente “lançar uma rede” em um oceano de discursos variados, nossa escolha levou em consideração o fato de o *Google* ser o site de pesquisa mais abrangente do mundo, com bilhões de páginas indexadas e uma modalidade de pesquisa que integra imagens, vídeos, notícias, livros, publicações científicas e blogs, entre outros. Desta forma, correríamos menos riscos de deixar de fora registros importantes.

Vale lembrar, no entanto, que nossa pesquisa não teve a pretensão de ser exaustiva; nosso objetivo não foi captar a totalidade de manifestações e vozes a respeito da *Parada* na Internet – tal façanha seria impossível pelo fato de o próprio *Google* (assim como qualquer outra página de pesquisa) utilizar filtros.

Não pesquisamos entre as entradas omitidas, porque percebemos se tratarem de registros repetidos. No entanto, consideramos satisfatórios alguns dos critérios de



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

ordenamento (e inclusão) de páginas no Google, apontados por Strickland (2006) que são: a frequência e localização das palavras-chave dentro da página da Web (a “pontuação” da página cresce à medida que nela aparecem mais vezes a palavra-chave); o tempo em que a página está no ar (*sites* mais estabelecidos têm mais chances de figurar entre os primeiros da lista); e, por fim, a quantidade de páginas que têm *links* para a página em questão (por exemplo, se digitarmos no campo de busca “folha + São Paulo”, as primeiras entradas que aparecerão serão referentes ao veículo de comunicação, porque muitos outros *sites* apresentam *links* que direcionam o usuário ao jornal).

Nesta primeira etapa, utilizamos as palavras-chave “parada gay” para realizar a pesquisa, somente no *Google Brasil*. Incluímos os termos “parada” e “gay” juntos e entre aspas como um filtro para evitar a ocorrência de páginas que não dissessem respeito ao evento em si, apenas apresentassem estas palavras separadas em algum local do texto. Analisamos todas as 590 páginas apresentadas para o processo de seleção do *corpus*, e excluímos as repetidas ou que não atendessem ao recorte da pesquisa. Mantivemos na amostragem *sites* que simplesmente reproduziam textos de agências de notícias, desde que disponibilizassem comentários.

Um dos critérios de exclusão referiu-se a páginas em que nenhum discurso fosse mobilizado a respeito da *Parada Gay* (por exemplo, agências de promoção de encontros homoafetivos cujo nome é “Parada Gay”). Também eliminamos da amostragem páginas que se referiam a *Paradas* de anos anteriores ou outros países.

Realizadas estas eliminações, chegamos ao *corpus*, composto por 309 registros. Todos foram copiados e colados em documentos do editor de texto *Word Office*, de forma a facilitar a numeração e marcação das temáticas e formações discursivas recorrentes. Como as páginas foram copiadas na íntegra (incluindo elementos gráficos e comentários sobre os textos, entre outros), o *corpus* totalizou 5.885 páginas do Word.

Em todas elas, a *Parada* da cidade de São Paulo representou a maioria dos registros. Mantivemos no material de análise algumas páginas sobre manifestações realizadas em outros locais, quando atendiam às operações discursivas recorrentes de nossa análise.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Vale lembrar que a coleta de dados cessou no mês de setembro de 2011, antes da ocorrência da *Parada do Orgulho LGBT do Rio de Janeiro*, a segunda maior do país e também bastante coberta pela mídia. Os elementos do *corpus* agregam enunciadores diversos, dentre os quais encontramos vídeos, versões *online* de jornais e revistas e *blogs* pessoais e institucionais, entre outros.

As principais categorias temáticas e argumentativas

Dentro deste universo, a análise dos dados apontou quatro temáticas recorrentes suscitadas pelo evento. Em cada uma, organizam-se argumentações e/ou juízos de valor cujas operações discursivas entram em disputa, recorrendo a saberes e doutrinas como estratégias de batalha. Abaixo, apresentamos as temáticas e argumentações principais.

Quadro 1: Temáticas e argumentações principais

1. PERTINÊNCIA DO EVENTO	
ARGUMENTOS CONTRÁRIOS	ARGUMENTOS FAVORÁVEIS
Transformou-se numa grande “micareta”, um “carnaval”, um evento libertino. Escamoteia o lado político e/ou torna-se palco de “atos imorais”, “libidinosos”, “que deveriam ficar entre quatro paredes”.	É um evento pró-tolerância, pela luta de direitos (se justifica porque ainda há muita “homofobia” na sociedade).
O Brasil tem outras prioridades, a “causa gay” não é relevante se comparada à saúde, educação, combate à corrupção, etc	É importante para a cidade, porque movimenta a Economia e o Turismo.
	Reúne multidões (se é tão movimentada, é porque existe uma demanda).



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

2. DIREITOS CIVIS EM QUESTÃO	
ARGUMENTOS CONTRÁRIOS	ARGUMENTOS FAVORÁVEIS
O PLC 122 ³ é uma “mordança gay” e fere o princípio constitucional da liberdade de expressão e religião.	Os direitos reivindicados pelo público LGBT têm respaldo no princípio da igualdade e não discriminação.
O kit anti-homofobia é um “kit gay” e estimularia as crianças a tornarem-se homossexuais.	O Estado é laico, logo as decisões em relação aos direitos civis não podem ser pautadas pela religião.
Os direitos LGBT representam o estabelecimento de uma “ditadura gay”, defendida especialmente pela mídia.	Os gays não querem privilégios, somente reparações pela discriminação histórica.

3. O JUÍZO MORAL SOBRE A PRÁTICA HOMOSSEXUAL: “CERTO” X “ERRADO”	
3.1 O DEBATE RELIGIOSO	
A HOMOSSEXUALIDADE É “ERRADA” PORQUE:	A HOMOSSEXUALIDADE É “CERTA” PORQUE:
Configura pecado de acordo com a Bíblia.	“Deus ama a todos” (ou seja, inclusive aos homossexuais).
	“Se Deus é onipotente, também é da vontade dele que eu seja homossexual”.
	“Jesus considerou pecado julgar o próximo”.
	“Quem são os pastores/padres pra me julgar, se as igrejas evangélicas/católicas são corruptas?”
3.3 O DEBATE BIOLÓGICO	
A HOMOSSEXUALIDADE É “ERRADA” PORQUE:	A HOMOSSEXUALIDADE É “CERTA” PORQUE:
Não propaga a espécie, não condiz com a “natureza”. Se não é natural, homossexualidade é uma opção e não uma condição.	É condição e não opção, a pessoa nasce deste jeito.
	Também existe sexo homossexual entre outros animais.

³ Informações sobre o PLC 22 e o kit anti-homofobia serão dadas adiante.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Comum a todas as categorias temáticas está o fato de, em suas argumentações, os enunciadores recorrerem a campos sociais consolidados na sociedade: o campo ético-moral, o religioso, o jurídico, o biológico e - em menor proporção – o econômico. Considerando o conceito de “lugar de fala” de Marques (1999), como “a posição relativa que o enunciador ocupa numa ordem institucional que o habilita a dizer determinadas coisas, de determinada maneira e que lhe interdita de falar de outras” (p. 09), podemos afirmar que, em muitos dos casos, os sujeitos ecoam outras vozes que os legitimam a proferir seus discursos – a voz da Constituição Brasileira, a voz da Bíblia, a voz da Ciência.

Tendo como norte o conceito de que o discurso não simplesmente constrói um ponto de vista que lhe é exterior e anterior, mas gera sentido, ajudando a constituir os próprios sujeitos envolvidos na cena discursiva (MAINGUENEAU, 1989), propomo-nos a analisar algumas formações discursivas mobilizadas pelo padrão temático dos direitos civis, na subcategoria de argumentos contrários. No material de pesquisa em sentido amplo, vale lembrar que as categorias muitas vezes se sobrepõem, e alguns textos encontram-se na intersecção de gêneros diversos; seguimos, neste caso, a recomendação do autor francês de fazer os recortes genéricos que pareçam pertinentes ao analista, uma vez que muitos níveis dos discursos não são independentes.

A numeração localizada à esquerda de cada sequência discursiva refere-se à forma com que os dados foram compilados, na ordem em que aparecem nos documentos do *Word*. Vale lembrar que a numeração não obedeceu a uma ordem cronológica e, devido à quantidade de dados, tomamos a decisão de numerar somente as páginas e não cada comentário. Da mesma forma, quando as sequências eram muito longas, não as colamos na íntegra: as reticências entre colchetes localizam os trechos em que houve edição. É importante destacar que tomamos cuidado em editar somente os trechos que não contradiziam o sentido geral ou não apresentassem tanta relevância para o que estava sendo investigado naquele momento específico (embora saibamos que esta decisão é sempre arbitrária e cada elemento de um discurso tem seu valor).



Temática “Direitos Civis” em questão

O ano de 2011 foi histórico em relação às demandas de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. Em primeiro lugar, a aprovação da união homoafetiva pelo Supremo Tribunal Federal, que passou a reconhecer uniões estáveis entre indivíduos do mesmo sexo como entidades familiares, com direito à proteção do Estado. A decisão garantiu a 60 mil casais homoafetivos⁴ direitos que antes eram exclusivos de heterossexuais, como o direito à herança, pensão alimentícia e inscrição do(a) companheiro(a) em planos de saúde, entre outros 112 até então negados ao grupo.⁵

Além da união estável, outros dois assuntos principais geraram controvérsia entre políticos, religiosos e a sociedade no plano geral: a criação do kit anti-homofobia e a pressão pela aprovação do projeto de Lei da Câmara (PLC) 122, que tenta, desde 2006, transformar em crime a discriminação motivada unicamente pela orientação sexual ou na identidade de gênero. Se aprovada a lei, tais discriminações serão incluídas no conceito legal de racismo, que atualmente abrange a discriminação por cor de pele, etnia, origem nacional ou religião.

Já o kit anti-homofobia, parte do programa “Escola sem Homofobia”, elaborado pelo Governo Federal, contém material didático-pedagógico direcionado a professores, para que estes possam abordar o tema da homossexualidade com alunos do Ensino Médio. Segundo a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis (ABLGBT), o kit educativo, contendo material impresso e vídeos, foi avaliado e aprovado por instituições como a Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, a Unesco e entidades de representação de estudantes e professores.

Em maio, mesmo mês de aprovação da união homoafetiva, a presidente Dilma Rousseff vetou a distribuição do *kit* após protestos da chamada “bancada religiosa” no Congresso, frente parlamentar que defende os interesses das igrejas, em sua maior parte as

⁴ De acordo com o Censo de 2010.

⁵ Informações retiradas da página “A capa” em <<http://acapa.virgula.uol.com.br/colunas/advogado-explica-o-que-muda-com-a-aprovacao-pelo-stf-da-uniao-homoafetiva/10/74/13461.>>



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

de denominação evangélica, embora também seja forte a presença do chamado *lobby católico*. A presidente alegou que, por se tratar de um material sobre “costumes”, deve passar “pelo crivo da coordenação-geral da Presidência e por um amplo debate com a sociedade civil”⁶.

As polêmicas relacionadas à união homoafetiva, ao kit anti-homofobia e ao PLC 122 não ficaram restritas às deliberações no plano político; agendaram intensamente discussões na sociedade, mediatizadas por portais de notícias, blogs de instituições religiosas e ONGs LGBT, entre outros.

Dos três assuntos, o PLC 122 foi o mais recorrente. Acreditamos que por dois motivos principais: em primeiro lugar, é pauta ainda em debate, ao contrário da união homoafetiva, já aprovada pelo Supremo; além disso, toca em um ponto sensível aos religiosos, a liberdade de culto e expressão.

Comum tanto aos argumentos favoráveis como aos contrários aos direitos civis de homossexuais, bissexuais e transexuais está a utilização daquilo que Maingueneau chamou de citação de autoridade (1989, p. 100); neste caso específico, a Constituição Federal. O locutor, entendido como o “responsável” pela enunciação, ou seja, literalmente quem assina o texto (seja o jornalista em uma reportagem, ou o sujeito que posta o comentário em um fórum), é relativamente apagado diante de uma espécie de “Locutor superlativo” que detém uma validade enunciativa:

Geralmente, tratam-se de enunciados já conhecidos por uma coletividade, que gozam o privilégio da intangibilidade: por essência, não podem ser resumidos nem reformulados, constituem a própria Palavra, captada em sua fonte. (MAINGUENEAU, 1989, p. 100-101)

A Constituição pode ser apropriada discursivamente de formas diversas, mas dificilmente o mérito de suas cláusulas pétreas, como a igualdade de seres humanos em

⁶ Informações retiradas de reportagem do portal G1, em <<http://g1.globo.com/vestibular-e-educacao/noticia/2011/05/vai-ter-mais-exclusao-e-violencia-diz-lider-de-ong-sobre-suspensao-de-kit.html>>



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

direitos e obrigações, a liberdade de expressão e de crença, entre outros, são questionados.⁷

Ou seja, ela é, de fato, uma espécie de Palavra suprema para o *ethos* democrático. A grande questão é que mesmo as cláusulas pétreas podem entrar em choque, como é o caso da liberdade de crença e a inviolabilidade da honra do indivíduo.

A elaboração dos discursos a partir dos lugares de fala

Conforme visto, a posição que os enunciadores ocupam em uma ordem institucional é determinante para legitimá-los a dizer certas coisas e não outras, mesmo quando as enunciações valem-se dos mesmos argumentos. Abaixo, dois exemplos retirados de uma mesma página, sobre uma mesma notícia, de como o “lugar de fala” estabelece nuances em discursos com base argumentativa semelhante.

110 Comentário sobre o outdoor de Ribeirão Preto⁸

Blog Direitos Fundamentais

Data: 19 de agosto de 2011

Emanuel de Melo diz:

Como juiz do caso, eu não mandaria retirar o outdoor, pelas seguintes razões. Deve-se reconhecer, inicialmente, que o caso ganha **contornos mais complexos** porque se está diante de uma **concorrência de direitos fundamentais por parte dos subscritores do outdoor**, pois, além da liberdade de expressão, tem-se o cruzamento com a liberdade religiosa, já que a citação é de origem bíblica e representa, **para aqueles que crêem nela**, uma manifestação de sua liberdade de crença que deve também ser respeitada. Sendo assim, ambos os direitos devem ser analisados em confronto com a dignidade e igualdade dos homossexuais. [...] O conteúdo do texto busca, de fato, extirpar do seio social um grupo minoritário, simplesmente porque esse grupo não

⁷ As cláusulas pétreas da Constituição Federal de 1988 encontram-se no artigo 60, parágrafo 4º: “Não será objeto de deliberação a proposta de emenda tendente a abolir: a forma federativa de Estado; o voto direto, secreto, universal e periódico; a separação dos Poderes; os direitos e garantias individuais”. Os direitos e garantias individuais, por sua vez, são relacionados no artigo 5º, que tem 77 incisos. Informações retiradas dos sites oficiais da Câmara dos Deputados e do Planalto, em <www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>

⁸ Em agosto, às vésperas da realização da *Parada Gay* da cidade, uma igreja evangélica de Ribeirão Preto instalou um *outdoor* em que se liam citações bíblicas como “Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável...”, do livro de Levítico. Organizações de defesa dos direitos do grupo LGBT prometeram acionar a justiça para obrigar a Igreja a retirar o *outdoor*. Para a matéria na íntegra, consultar <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/961624-outdoor-evangelico-gera-critica-de-gays-em-ribeirao-preto-sp.shtml>>



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

compartilha a visão de mundo e as mesmas crenças do grupo majoritário. [...] De fato, é uma postura nada democrática, a qual não respeita o pluralismo e prima pela identidade total entre os seres humanos, não respeitando o direito à diferença. No entanto, **penso que essa afronta à democracia deve ser combatida com mais democracia**, num **exercício** até mesmo **pedagógico**, como adiante apontado. [...] Sabe-se que a liberdade de expressão não alberga em seu conteúdo o discurso do ódio, como muito bem definido pela doutrina e pelo próprio STF **no caso Ellwanger**. [...] É evidente que tal postura está claramente inspirada na **“livre circulação de ideias” de Stuart Mill**, já tantas vezes citado neste blog, a qual, sinceramente, penso que é a melhor saída para o caso, pois, repita-se, a ideia posta no outdoor não faz apelo à violência. Espero seu comentário, **Dr. George!** Seja qual for a decisão do senhor, **estou ansioso para conhecer os argumentos**.

Respeitosamente,
Emanuel de Melo

Data: 23 de agosto de 2011
Anônimo diz:

É importante saber que a pregação do cristão não é contra o homossexualismo **tão somente**, é contra a prática do adultério, da mentira, da injustiça, da prostituição, vícios, etc (**ler Gálatas: 5.16-21**), coisas que, por mais que tentemos negar, sabemos que são **prejudiciais** ao ser humano [...] Portanto, entendo que essas pessoas tem o **direito constitucional** de utilizarem o esse mecanismo como forma de pregação, **“Ordem: Ide por tudo mundo pregai o evangelho a toda criatura”**. Mc 16.15

No primeiro trecho, o enunciador imprime algumas marcas de objetividade, citando os lados opostos envolvidos na questão (“contornos mais complexos”, “concorrência de direitos”). Além disso, posiciona-se, predominantemente, de forma distanciada em relação à discussão; utiliza “aqueles” quando se refere à Bíblia, pronome demonstrativo que mais indica distância do elemento em relação aos interlocutores⁹. Este distanciamento, que também pode ser percebido pelo tom polido e aberto à discussão (“respeitosamente”, “estou ansioso para conhecer os argumentos”), contribui para construir o lugar de fala da Lei, dos Direitos, da Constituição, um lugar que precisa se construir como imparcial, alheio a doutrinas ou sectarismos. Este lugar de fala só é completamente construído, no entanto,

⁹ Os pronomes demonstrativos demonstram a posição de um elemento qualquer em relação às pessoas do discurso, situando-os no espaço, no tempo ou no próprio discurso. Fonte: Mundo Educação. <<http://mundoeducacao.uol.com.br/>>



VIII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

quando o enunciador se posiciona como alguém que detém um saber específico (“caso Ellwanger”, “Stuart Mill”). Proferida por este lugar de fala e construída com base nestes saberes, a argumentação constrói o discurso de que a democracia está acima de todas as coisas; mesmo que o *outdoor* seja de fato ofensivo e anti-democrático, deve-se combatê-lo de forma igualmente democrática (“penso que essa afronta à democracia deve ser combatida com mais democracia, num exercício até mesmo pedagógico”). Implícita aqui está a ideia de que retirá-lo, portanto, seria anti-democrático e, portanto, errado.

Na segunda sequência discursiva, ao contrário, constitui-se um lugar de fala diverso, o lugar daquele que prega a Bíblia. Corporificada como autoridade, é ela que fundamenta a afirmação de que a homossexualidade “é prejudicial ao ser humano”. Ao utilizar “tão somente”, em “a pregação do cristão não é contra o homossexualismo tão somente”, o enunciador deixa claro que a Bíblia inclui a prática em um rol de outros “pecados”, não sendo contrária exclusivamente aos homossexuais. O sufixo “ismo” patologiza as relações homossexuais, reforçando a heteronormatividade. É interessante observar que, apesar de citar o direito constitucional à pregação religiosa, a liberdade de expressão parece simplesmente justificar o imperativo de se pregar o Evangelho, “ordem” dada pela voz bíblica, ao contrário da argumentação anterior em que o fundamento da argumentação contrária à retirada do *outdoor* era a democracia em si.

Algumas conclusões

Por ser um evento de grande visibilidade para a comunidade LGBT e simpatizantes, a *Parada Gay* atualiza, a cada ano, assuntos e demandas referentes às orientações sexuais minoritárias, gerando uma oferta de sentidos e significados diversos na esfera pública. Cada discurso se apodera do tema da “não heterossexualidade” de uma forma, seja para defender a “família tradicional” por meio de argumentos religiosos, para criticar a orientação sexual dos LGBT a partir da crença de que não atenderia a uma suposta “naturalidade biológica”, seja para a defesa de direitos civis destes grupos, ancorados em dispositivos jurídicos. Mesmo dentro de um mesmo campo, como o religioso, observamos sentidos conflitantes,



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

uma vez que os dogmas não são apropriados de forma homogênea pelos atores. Trechos da Bíblia, por exemplo, são usados tanto para defender a tolerância (“Amai-vos uns aos outros”), como para condenar a homossexualidade (“Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável”). No entanto, se existem disputas intracampo, também existem alianças entre campos diversos, compondo uma miríade de combinações possíveis. O corpo midiático orchestra estes elementos, conteúdos provenientes de diversas áreas da experiência e do conhecimento, e cabe à nossa pesquisa recolher alguns destes fragmentos e buscar encaixá-los, revelando figuras maiores. Consideramos, assim, que a análise do impacto das representações¹⁰ da *Parada* na mídia revela-se particularmente útil porque apresenta um potencial de ultrapassar o mero acontecimento de um evento específico, localizado em um tempo e um espaço, para, em termos mais gerais, dar-nos pistas sobre a visão da sociedade sobre a não sexualidade, das premissas e argumentos em debates alimentados pelos mais variados setores.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

FILHO, João Freire. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. *Revista FAMECOS*, 28, dezembro 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 1989.

MARQUES, Francisca Ester Sá. Interpretação de Produtos Culturais: Contributos de uma abordagem etnometodológica aos estudos da comunicação. 1999. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/marques-ester-abordagem-etnometodo.pdf>>

STRICKLAND, Jonathan. *"HowStuffWorks - Como funciona o Google"*. Publicado em 20 de dezembro de 2006 (atualizado em 14 de julho de 2008) <http://informatica.hsw.uol.com.br/google3.htm> (27 de outubro de 2011)

¹⁰ Utilizamos, aqui, a concepção de representações de acordo com a visão de João Freire Filho (2005), ou seja, “parte fundamental do processo social de constituição de sentido [...] organizadas e reguladas pelos diferentes discursos (legitimados, naturalizados, emergentes ou marginalizados) que circulam, colidem e articulam-se num determinado tempo e lugar” (FILHO, 2005, p. 21)



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

**Olimpíadas 2016 e a construção de um ‘novo Rio’:
poder e resistência no cotidiano e nas narrativas das favelas cariocas¹**

Camila Calado Lima²
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Desde o lançamento da candidatura do Rio de Janeiro à sede dos Jogos de 2016, iniciou-se um processo de forte investimento simbólico na imagem da cidade, coadunado com a criação de projetos de reconfiguração dos seus espaços, o que abarca as favelas cariocas. O propósito deste artigo é introduzir algumas reflexões acerca das mudanças que estão ocorrendo nas favelas e os diferentes modos de compreensão, ou seja, as diferentes versões, que estão emergindo na mídia sobre esses acontecimentos. O reforço do Rio maravilhoso em contraponto à emergência do Rio da desordem e a projeção do Rio integrado em contraponto à denúncia do Rio da exclusão são algumas narrativas que estão eclodindo sobre a cidade.

Palavras-chave: Olimpíadas 2016; favela; políticas públicas; poder; resistência.

1 A FAVELA DO ‘RIO DA RENOVAÇÃO’

Desde junho de 2008, com a seleção do Rio como candidata oficial à sede dos Jogos de 2016, as políticas públicas desenvolvidas na cidade da ordem de todas as esferas administrativas passaram a estar vinculadas ao seu projeto de candidatura (LEGADO BRASIL, 2011). Data, deste ano, a implantação da primeira experiência da Secretaria de Segurança dentro da política de polícia de proximidade no Morro Santa Marta, comunidade apontada no Caderno Legados Brasil como um exemplo bem-sucedido de medidas concretas de promoção de avanços na qualidade de vida e no combate ao crime organizado. De lá pra cá, as Unidades de Polícia Pacificadora têm se alastrado por diversas

¹ Trabalho apresentado no GT Comunicação e Diversidade do VIII Seminário de Alunos de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio.

² Mestranda em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientadora: PhD. Liv Sovik. Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí e em Publicidade e Propaganda pelo Centro de Ensino Unificado de Teresina. Email: camilacaladolima@uol.com.br



VIII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

comunidades do Rio de Janeiro e contribuído para a proliferação das visitas turísticas nas favelas. A mensagem simbólica das UPPs: um outro Rio é possível.

Aliado à implantação das polícias pacificadoras, em julho de 2010, foi lançado o projeto *Morar Carioca*, com a proposta de urbanizar todas as comunidades do Rio de Janeiro até 2020, com melhorias de infra-estrutura e, em alguns casos, construção de teleférico e plano inclinado, propostas urbanísticas que buscam inserir esses territórios no circuito turístico da cidade. O projeto, que faz parte do Plano de Legado Urbano dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016, é desenvolvido em parceria com escritórios de arquitetura, através do convênio assinado com o Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB/RJ. O desafio: “*acabar com a Cidade Partida, integrar, levar dignidade à população*”. (CIDADE OLÍMPICA, 2011, grifo meu). A iniciativa é, assim, defendida como um avanço para a cidade que, nos termos do prefeito Eduardo Paes (2011), irá possibilitar “criar a cultura de que comunidade urbanizada faz parte da cidade”.

Como se vê, ambos os projetos mencionados propõem a inserção das favelas no atual processo de remodelação e revitalização urbana do Rio de Janeiro, idealizado em razão dos megaeventos esportivos que a cidade irá sediar nos próximos anos, especialmente as Olimpíadas de 2016. Em comparação com outras reformas urbanas da história da cidade, observa-se uma mudança no tratamento conferido às favelas, vez que deixam de ser completamente ‘arrasadas’ para serem reurbanizadas, apesar de tal urbanização estar associada a um movimento de remoção de famílias carentes e, em consequência, de periferização das mesmas, ponto que se assemelha a acontecimentos da história da cidade.

A diferença que se destaca aqui é que antes, com vistas a construir a imagem de uma cidade - e, por conseguinte, de uma nação – cosmopolita, moderna, europeizada e atrair olhos estrangeiros, realizou-se o desmonte do Morro do Castelo para dar lugar à Esplanada do Castelo, onde seriam erguidos pavilhões da Exposição Internacional do Centenário da Independência de 1922. No momento atual em que se faz crucial o investimento no repertório cultural e simbólico da cidade, entretanto, parece haver um processo de ressemantização da favela - ênfase nas noções de ‘comunidade autêntica’, ‘geradores de cultura’ e ‘pessoas guerreiras’, em contraponto à violência, às milícias e ao



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

narcotráfico -, assim como, de reurbanização desses cenários ou, dito de outro modo, um processo de reconfiguração arquitetônica e simbólica. A promoção e a projeção futura da imagem do Rio de Janeiro, empreendida pela busca por turistas, investimentos estrangeiros e visibilidade, compreende, assim, o território afetivo e físico das favelas. Para Jaguaribe (2010, p. 13), “há um consenso entre autoridades municipais, federais e setores empresariais que é urgente domesticar a favela tornando-a um *trademark* da própria cidade do Rio de Janeiro”.

Isto ocorre em um momento de hipervisibilidade internacional da favela, o que se revela em produções recentes da indústria cultural brasileira, como *Cidade de Deus*, *Ônibus 174*, *Tropa de Elite*, em eventos culturais de caráter internacional, apoiados pelo governo brasileiro, como *Brazil 40⁰*, *BrazilNoar*, exposições *Favelité* e *Olhares do Morro* [Ano Brasil na França], e no sucesso dos bares *Guanabara*, em Londres, *Favela Chic*, em Paris, e *Miss Favela*, em Nova York. Tudo isso é possível em virtude das mudanças culturais e econômicas ocorridas em nível global e que implicam em um interesse pelo consumo dos produtos e do cotidiano do favelado. Não é à toa que a Secretaria Municipal de Habitação (2011) destaca o interesse pela transformação do Morro da Providência em local turístico e que o Guia Rio de Botequim 2011 elege um boteco do Morro da Conceição como um dos melhores da cidade.

Há, entretanto, que se ter cautela com toda a exaltação da favela e a ideia de ‘integração’ que disso deriva, pois, em contraponto à valorização da cultura periférica, observa-se o exercício de poder, derivado da articulação entre Estado e capital, sobre a vida e a liberdade dos favelados, por meio da imposição de mudanças no território, sem o prévio estabelecimento de diálogos com os grupos diretamente atingidos, ação que está prevista no Estatuto da Cidade. A consequência imediata seria a derrubada de habitações, com a remoção de inúmeras famílias, o que, segundo a prefeitura, seria sucedido do reassentamento das mesmas, através do programa *Minha Casa, Minha Vida*. No entanto, enquanto as obras das novas habitações não são concluídas, os removidos seriam beneficiados com um aluguel social, qualificado por muitos como irrisório diante da realidade econômica da cidade. Depoimentos de membros de comunidades afetadas



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

revelam o desrespeito e o descaso das ações da prefeitura com o presente e o futuro dos mesmos, caracterizando as obras como ‘maquiagens arquitetônicas’ destinadas ao turismo, como revela um morador do Morro da Providência no vídeo Vozes da Missão (2011): “Obra não é pra pessoa que mora na comunidade; é pra gringo ver”.

Tais tensionamentos serão evidenciados nas narrativas recentes sobre o Rio de Janeiro. De forma reducionista, para efeitos didáticos, pode-se dividir: de um lado, o Rio da transformação, o novo Rio, o resgate do Rio maravilhoso, rumo ao Rio integrado; de outro, o Rio partido, o Rio real, o Rio das incongruências sociais que persiste e se agrava.

2 A CIDADE COMO GUERRA DE RELATOS

2.1 Favelas cariocas e os embates entre o Rio maravilhoso e o Rio da desordem

Em 02 de outubro de 2009, as primeiras reportagens jornalísticas destacaram a emoção dos brasileiros com a eleição do Rio à sede dos Jogos de 2016, a festa realizada nas areias da praia de Copacabana, as lágrimas do presidente Lula, a celebração do Comitê Rio 2016, a vitória de Lula em relação a Obama e o legado dos Jogos para a cidade; o decorrer das horas, entretanto, implicou em textos de caráter mais crítico. Em meio a ressalvas positivas sobre a economia do país e as usuais estereotípias da cidade – paisagem, corpos, mestiçagem, cordialidade, paixão, celebração –, os problemas sociais do país, a corrupção e o descaso político vieram à tona. A oportunidade de melhorias para a cidade gerava esperanças para alguns, mas, para outros, preocupações com as explosões de custos, os atrasos de obras, as corrupções, as controvérsias da candidatura, os benefícios temporários, o possível desuso das obras que serão construídas e o enviesamento de prioridades. Dentre os benefícios temporários, encontra-se enfaticamente a questão da segurança: “Não basta coordenar um esquema eficiente de segurança, como foi feito nos Jogos Pan-americanos em 2007, apenas para que os visitantes se sintam confortáveis na cidade durante o evento esportivo. A forte redução dos índices de delitos deveria ser um legado definitivo para a população carioca”. (FOLHA DE S. PAULO, 2009).

Algumas ideias propostas pela campanha Rio 2016 para lidar com o imaginário da “cidade paranóica” (CANCLINI, 2008) foram reproduzidas pelos jornais, outras nem tanto.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

As situações relacionadas ao narcotráfico ou à violência do Rio de Janeiro parecem, agora, alcançar maior visibilidade, já que a cidade será sede dos principais megaeventos esportivos nos próximos anos. Basta lembrar da cobertura jornalística internacional a respeito das ações de violência ocorridas na cidade, em 17 de outubro de 2009, quinze dias após a vitória do Rio. Na citada data, um helicóptero da polícia foi derrubado por traficantes e dez ônibus foram queimados nas proximidades do Morro dos Macacos. A ocorrência teve grande repercussão internacional e suscitou preocupações sobre as condições da cidade em sediar as Olimpíadas:

the city may struggle to ensure security when it plays host to the 2016 Olympic Games. Outbreaks of bloodshed are hardly uncommon in the hillside slums – or favelas – of Rio de Janeiro, already recognised as one of the most deadly cities in the world. Urban violence has been a feature of life there for decades. Last year saw over 6,000 murders in Rio, most related to drug-gang feuds. But Saturday's spasm was unusually intense, sending dense plumes of black smoke into the sky and forcing government officials to issue words of reassurance about the games. (USBORNE, 2009).

Outro evento que convém ser citado é o “Novembro Negro” ou “operação Vila Cruzeiro-Alemão”, que se sucedeu em novembro de 2010. Arrastões, queimas de veículos, ataques a forças de segurança, pessoas feridas no combate entre polícia e criminosos, mais de 100 ônibus fora de circulação, escola fechada, moradores assustados. Um cenário de guerra que colocou mais uma vez em questão o futuro da sede das Olimpíadas de 2016.

Desta vez, o desfecho - para a imagem da cidade - foi positivo. A ação do Estado e a atuação da polícia no combate ao narcotráfico e à violência foram evidenciadas em diversas matérias jornalísticas, que também conferiram destaque ao fato dos ataques empreendidos pelas facções serem uma resposta à ocupação das UPPs. O Estado deu a sua mensagem.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011



Fotografia 1: *Control sobre las favelas*
Fonte: El País, 2010



Fotografia 2
Fonte: Folha.com, 2010

“La operación [...] empieza a mostrar a la ciudadanía quién tiene el poder en las ciudades, si el tráfico o el Estado”. Trata-se da ‘liberalización del territorio’. O governador Sérgio Cabral reforça: “Río ha recuperado por fin su estado democrático”. (ARIAS, 2010)

A associação entre favela e violência ainda se faz presente em diversos textos midiáticos e produções da indústria cultural. O filme *Rio* (2011), líder de bilheteria norte-americana por dois finais de semana consecutivos, constrói um olhar sobre a favela como geradora de cultura, na medida em que a mesma aparece atrelada ao carnaval, mas, ao mesmo tempo, a representa como cenário do “mal”, dos vilões do filme, no caso, os traficantes de animais. Carlos Saldanha, diretor e idealizador da animação, salienta: “Claro



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

que a gente quer que o Rio seja conhecido pelas coisas boas. Em um filme para crianças, fica mais *light*. Mas a favela está lá, o tráfico de animais. *E elas entendem tudo*. A gente não pode fechar os olhos para os problemas”. (SALDANHA apud SCARPA, 2011, grifo meu). Como o próprio Saldanha explica, trata-se da construção de uma representação negativa para um público marcadamente infantil, para quem o esquema “bem *versus* mal” aparece comumente como a resposta mais simples para sua compreensão do mundo.

Pode-se citar também a abordagem feita sobre a violência urbana e o narcotráfico em recentes produções televisivas. A novela *Insensato Coração*, da Rede Globo, no dia 16 de julho, apresentou uma cena entre o personagem Roni, assessor de comunicação do bar de Gabino, e um *chef* francês, que se deslocou ao bar para fazer uma crítica gastronômica. Na ocasião, Roni fala para o *chef* esperar o táxi, porque a região é perigosa. O *chef* discorda dizendo acompanhar as notícias jornalísticas sobre a redução dos índices de violência na cidade e Roni conclui: “só se esqueceram de avisar para os estrangeiros”. De outro modo, a novela *O Astro*, da mesma emissora, registrou, em cena do dia 20 de julho, o personagem Felipe dialogando com traficantes portadores de grandes armas, durante um baile *funk*. Na semana anterior, outra cena já havia demonstrado de maneira rápida, compondo apenas um pensamento do personagem Felipe, a imagem de traficantes balançando suas armas, com a trilha sonora de *funk*. Não havia fala, apenas imagem e som de *funk*, representado, ao que parece, de maneira negativa como manifestação cultural ligada ao cenário do tráfico. As duas narrativas ambientam-se na cidade do Rio de Janeiro.

As representações negativas da favela, coadunadas com o problema da violência urbana, apontam para a necessidade de construção e execução de um eficiente programa de gestão da marca favela no cerne da atual (re)programação arquitetônica e do imaginário do Rio de Janeiro. É neste cenário que se pode refletir sobre as atuais políticas públicas que visam a minimização das discrepâncias sociais da cidade, com vistas à integração.

2.2 Favelas cariocas e as disputas entre o Rio da integração e o Rio da exclusão

Em evento de divulgação do *Morar Carioca*, realizado em março de 2011, Sérgio Magalhães (2011), presidente do IAB/RJ, afirmou: “Nós estamos tratando de uma das



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

questões mais significativas para o nosso futuro, que é uma cidade integrada, uma cidade de oportunidades democraticamente distribuídas”. Na abertura desse painel “A cidade integrada”, o jornalista Sidney Resende (2011) reforçou que o *Morar Carioca* “é aquela possibilidade não só da inclusão, mas de repensar a cidade, aquele conceito que o Zuenir transformou em algo eterno, a cidade partida”.

A ideia da integração é reforçada constantemente pelas vozes oficiais dos órgãos ou sujeitos envolvidos no novo projeto urbanístico das favelas cariocas, o que é percebido não apenas nos veículos oficiais (da prefeitura, do *marketing* Olímpico de 2016, de cada projeto específico), mas também em variados veículos jornalísticos. Em *O Globo*, isso será notado em notícias que ressaltam os projetos como algo benéfico para a comunidade que reside nos Morros ‘beneficiados’, vez que possibilitará mais qualidade de vida para os mesmos, ajudando a “integrar as favelas à cidade formal” (BASTOS, 2011). O prefeito Eduardo Paes reforça sua postura:

Não podemos continuar vendo, todos os anos, vidas sendo perdidas na época das chuvas [...] Não vamos ficar sentados, vendo casas caírem. Parte da culpa é mesmo das autoridades que nada fizeram para evitar tantas mortes. Por isso, podem me xingar, mas *quem vive em área de risco no Rio terá que sair de casa*. Vamos dar uma alternativa digna. Ninguém vai ser mandado para muito longe de seu bairro. (PAES apud BRITTO, 2011, grifo meu)

As remoções são justificadas a partir da problemática do risco. Remove-se a favor da vida, mas o que se observa, de fato, é a renovação do exercício do poder sobre a vida dos favelados, é o biopoder como nova tecnologia de poder (COCCO). A justificativa do risco, entretanto, encontrará visões dissonantes no interior de algumas comunidades com questionamentos a respeito da classificação da localidade como “área de risco”, a exemplo da Pedra Lisa.

A proposta de uma cidade integrada esbarra em constantes casos de práticas de violência e de descaso público contra a vida do favelado. Se, de um lado, vozes oficiais defendem o novo projeto urbanístico como um avanço para a cidade, ressaltando os



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

diversos benefícios sociais que irão culminar na superação da dicotomia morro-asfalto; de outro, observa-se violações de direitos, a não participação dos favelados no projeto urbanístico a ser desenvolvido na comunidade em que residem, habitações marcadas para remoção sem o fornecimento de maiores informações para os proprietários, compensações financeiras de valor irrisório – consequência: periferização, formação de novas favelas e produção de novos sem-teto – e imposições de condutas.

Notícia publicada no *Blog do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio*, por exemplo, aborda a problemática das remoções do Morro da Providência, apontando que, independente de assinarem ou não qualquer documentação de concordância, alguns moradores foram informados de que deveriam sair do imóvel no prazo máximo de 10 dias. A abordagem da prefeitura foi realizada “sem entregar aos moradores nenhum documento oficial com garantias, compromissos, prazos, identificação funcional da pessoal responsável pelo atendimento, etc.” (COMITEPOPULARIO, 2011) e culminou inclusive, segundo um morador, em estímulo para uma criança assinar os documentos de remoção. A justificativa dada para a remoção dessas famílias residentes em frente a praça Américo Brum foi de que “o projeto do plano inclinado e do teleférico, não será mais pelo lado direito da Ladeira do Barroso, e sim pela esquerda”. Aborda-se ainda que antes as famílias procuravam a defensoria pública do Núcleo de Terras e Habitação – NUTH – para assessorá-los, mas que, em decorrência da mudança da gestão, nada mais tem sido feito.

A este respeito, Adriana Britto (2011), ex-defensora pública do NUTH, explica que a coordenadora Roberta Frankel foi exonerada do cargo pelo defensor geral e, depois, retirada do Núcleo. Além disso, todos os estagiários foram exonerados, “sem qualquer justificativa plausível, sem processo administrativo para garantir contraditório e ampla defesa, nada!”, e mais outras duas funcionárias. Por isso e “por vários outros motivos”, Britto e os outros quatro defensores do NUTH concluíram que não tinham condições de continuar o trabalho que vinham realizando, pois a “Administração Superior da DPGE não estava apoiando o mesmo, ao contrário, estava minando a cada dia [...] Pedimos pra sair”. A ex-estagiária de direito do NUTH, Thaís Justen (2011), expôs que a substituição dessa gestão teria sido realizada por outra coadunada com os interesses do estado.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Sobre as remoções, Adriana Britto (2011) manifesta-se:

São projetos impostos pelo poder público que não levam em consideração as reais necessidades das comunidades atingidas; não são discutidos com a comunidade como deveriam ser, e começam a ser implementados sem qualquer diálogo! Além disso, envolvem quase sempre a remoção de famílias de forma ilegal, pois não consideram o impacto da remoção e não se buscam alternativas para resguardar o direito à moradia das pessoas. Têm ocorrido despejos forçados com pessoas sem receber qualquer indenização, ou então recebendo valores ínfimos, incapazes de garantir uma nova moradia. Enfim, são muitas as violações, e o perigo é admitir um estado de exceção onde tudo seja permitido com a desculpa das Olimpíadas, tema que é simpático à sociedade em geral.

Os contrapontos entre as vozes dos órgãos oficiais da Prefeitura e as das comunidades podem ser notados em variadas produções midiáticas. A comunicação alternativa online (sites, blogs, youtube, facebook, flickr) tem revelado acontecimentos e apontado denúncias que são omitidas ou narradas superficialmente por outros veículos jornalísticos, como O Globo e RJTV. Paralelo a atuação do poder municipal, encontra-se os movimentos de resistência e, ao que parece, a manifestação da potência; um poder que emana da sociedade e provoca a desestabilização das formas de dominação do biopoder; uma luta biopolítica. Novas vidas emergem no interior do processo de remodelação da cidade, grande parte atuante na expressão de sua potência na luta pela moradia, pela cidade, pela vida.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rafael. Fotografia 2. *Folha.com*, 28 nov. 2011. 1 fotografia, color. Disponível em: <<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1572-violencia-no-rio-de-janeiro#foto-29439>>. Acesso em: 23 jul. 2011.

ARIAS, Juan. El noviembre negro de Río y lo que está detrás de esta guerra. *El País*. Rio de Janeiro, 28 nov. 2010. Disponível em: <http://www.elpais.com/articulo/internacional/noviembre/negro/Rio/detras/guerra/elpepuint/20101128elpepuint_33/Tes>. Acesso em: 23 jul. 2011.



VIII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

BASTOS, Isabela. Segunda fase do Morar Carioca prioriza favelas perto de áreas olímpicas. *O Globo*, 27 jan. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/mat/2011/01/27/segunda-fase-do-morar-carioca-prioriza-favelas-perto-de-areas-olimpicas-923628745.asp>>. Acesso em: 28 jul. 2011.

BRITTO, Adriana. Rio de Janeiro, 2011. Entrevista cedida a Camila Lima em 15 ago. 2011.

BRITTO, Thaís. Paes lança projeto de remoções no Morro da Providência. *O Globo*, 16 jan. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/mat/2011/01/16/paes-lanca-projeto-de-remocoes-no-morro-da-providencia-923516588.asp>>. Acesso em: 26 jan. 2011.

CANCLINI, Néstor García. Imaginários culturais da cidade: conhecimento / espetáculo / desconhecimento. In: COELHO, Teixeira. (Org.). *A cultura pela cidade*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.

DHESCA BRASIL. *Relatório da Missão da Relatoria do Direito à Cidade* – Plataforma Dhesca. 2011. Disponível em: <<http://www.sendspace.com/file/gbmoe3>>. Acesso em: 28 jul. 2011.

FILME 'Rio' segue em 1º lugar nas bilheterias norte-americanas. *GI*. Disponível em: <<http://pe360graus.globo.com/diversao/diversao/cinema/2011/04/24/NWS,532377,2,20,DIVERSAO,884-FILME-RIO-SEGUE-LUGAR-BILHETERIAS-NORTE-AMERICANAS.aspx>>. Acesso em: 24 jul. 2011.

EFE. Control sobre las favelas. *El País*, 28 nov. 2010. 1 fotografia, color. Disponível em: <http://www.elpais.com/fotografia/internacional/Control/favelas/elpfotint/20101128elpepuint_22/le/s/> Acesso em: 23 jul. 2011.

JAGUARIBE, Beatriz. *Ficções do real*: notas sobre as estéticas do realismo e pedagogias do olhar na América Latina contemporânea. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/148/43>> Acesso em 07 jul. 2011.

JUSTEN, Thaís. Mesa-redonda: Devir-cidade das favelas e devir-favelas das cidade. Rio de Janeiro, 2011.

INTEGRAÇÃO e transformação social. *Cidade Olímpica*. Disponível em: <<http://www.cidadeolimpica.com/htm/hoje-amanha-sempre.php>> Acesso em: 27 jul. 2011.

LEGADO BRASIL. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/arquivos/rio2016/cadernoLegadosBrasil.pdf>>. Acesso em: 5 set. 2010.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

MORAR Carioca vai urbanizar todas as comunidades até 2020. *Portal da Prefeitura do Rio de Janeiro*. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/smh/exibeconteudo?article-id=988601>>. Acesso em: 25 jul. 2011.

MORRO da Providência em risco! *Comitepopulario*, 28 mai. 2011. Disponível em: <<http://comitepopulario.wordpress.com/2011/05/28/morro-da-providencia-em-risco/>> Acesso em: 03 ago. 2011.

MURRAY NETO, Alberto. Uma grande hipocrisia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 3 out. 2009. Tendências/Debates, Opinião A3.

Painéis Morar Carioca - 1º painel - Março/2011. Postado por IABRIO. Em 09 ago. 2011. 1 Vídeo (5:16). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=In-fm67medE>>. Acesso em: 10 out. 2011.

SCARPA, Guilherme. Carlos Saldanha anuncia continuação do filme 'Rio'. *Terra*. 07 jul. 2011. Disponível em: <<http://cinema.terra.com.br/noticias/0,,OI5227323-EI1176,00-Carlos+Saldanha+anuncia+continuacao+do+filme+Rio.html>>. Acesso em: 24 jul. 2011.

SMH - Secretaria Municipal de Habitação. Morar Carioca: Providência terá teleférico e plano inclinado. *Portal da Prefeitura do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 14 set. 2010. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/smh/exibeconteudo?article-id=1126271>>. Acesso em: 25 jul. 2011.

USBORNE, David. Olympic fears as Rio drug gangs shoot down police helicopter. *The independent*, 19 out. 2009. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/world/americas/olympic-fears-as-rio-drug-gangs-shoot-down-police-helicopter-1805244.html>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

Vozes da Missão – Remoções Forçadas no Rio. *Comitepopulario*, 22 jun. 2011. Disponível em: <<http://comitepopulario.wordpress.com/2011/06/22/vozes-da-missao-remocoes-forçadas-no-rio/>>. Acesso em: 03 ago. 2011.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

**O poder moderno e as subjetividades:
um ensaio sobre os dispositivos em Foucault, Bauman e Agamben¹**

Bruna Aucar²

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

RESUMO:

Este trabalho oferece notas introdutórias para pensar a questão da profusão de dispositivos e suas aplicabilidades como instrumentos de poder, de disciplina, de inclusão, de controle ou de captura na constituição das sociedades modernas. Reflexões trazidas por Michael Foucault, Zigmund Bauman e Giorgio Agamben apontam para a crescente importância dos dispositivos (sobretudo os tecnológicos) como componentes que impactam as subjetividades e atuam como mediadores na relação do ser humano com o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: dispositivos; controle; subjetividade

Dispositivos de poder e disciplinadores

Ao longo da história o ser humano sempre buscou registrar aspectos particulares de sua existência através das imagens. Essa necessidade humana levou a conquista de meios para aprimorar as capacidades de comunicação, informação e transmissão de conhecimento como aspectos fundamentais para a própria sobrevivência. Mais tarde, as técnicas que promoviam a visibilidade do sujeito acabaram sendo convertidas em dispositivos de controle e poder.

Desde a pré-história, as pinturas rupestres – as mais antigas são do período Paleolítico Superior a cerca de 40 mil anos Antes de Cristo – deixaram registros da época

¹ Trabalho apresentado no GT Comunicação e Diversidade do VIII Seminário de Alunos de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio.

² Professora do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio. Mestranda em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Orientador: Prof. Dr. Everardo Rocha. Editora-chefe do núcleo de TV do Portal PUC-Rio Digital. Email: brunaaucar@gmail.com



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

nas paredes e tetos de cavernas. Na arte do Egito Antigo existem muitas representações de governantes e deuses. A pintura de personagens remonta a China no ano 1000 A.C., embora não tenhamos registros precisos daquela época. Por volta do ano 1300, os retratos de personagens bíblicos começam a ganhar destaque nas igrejas italianas. A classe média das principais cidades ao norte da Itália e Espanha começa a financiar as pinturas como forma de pagar pelo pecado da usura. Desta forma, temos o início das representações dos doadores nas igrejas, em geral em posturas humildes frente às divindades. Na Baixa Idade Média (período que vai do século XI ao século XV) surgem pinturas dedicadas à representação de reis e nobres.

Com o Renascimento (século XV) surge o retrato privado como símbolo de prestígio e status. Leonardo da Vinci, Rafael Sanzio e Michelangelo foram considerados gênios, importantes servidores da corte e da igreja. Nesta época muitas técnicas artísticas são desenvolvidas e experimentadas, como os efeitos de luz e sombra nos quadros a óleo feitos em tábuas de madeira. Corpos inteiros em tamanho natural eram pintados pelos renascentistas com o realismo de uma foto. Até a chegada da fotografia, em meados do século XIX, o retrato em miniatura foi a mais popular forma de deixar registros das feições humanas. No ocidente, uma das imagens mais conhecidas é a *La Gioconda* ou *Mona Lisa*, pintada por Leonardo da Vinci em 1503. Com o Barroco e o Rococó, nos séculos XVII e XVIII, os retratos se tornaram objetos ainda mais relevantes como signos de poder. As representações de indivíduos com suas roupas e jóias imponentes confirmavam as posições sociais e afirmavam autoridade numa época cada vez mais dominada pela burguesia. (BOORSTIN, 1985).

Esse processo ganhou maiores proporções com a formação das sociedades modernas a partir do século XIX. A lógica da exposição é usada até hoje como artefato para impetrar as narrativas míticas que promovem as ordenações sociais. Por isso, estes propósitos encontram-se ligados diretamente ao desenvolvimento de dispositivos. A invenção da fotografia introduziu um paradigma na arte de reproduzir imagens. O francês



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Joseph Niépce foi o primeiro a tirar uma fotografia em 1826. A produção de retratos na Europa e América foi desvalorizada com a ascensão do interesse pela arte abstrata nas décadas de 1940 e 1950. No entanto, esse interesse foi retomado por alguns artistas contemporâneos das décadas seguintes, como Alex Katz e Andy Warhol. A pintura de Marilyn Monroe, feita por Warhol em 1962, é um dos grandes ícones do século XX. (GABLER, 1999).

Com a formação das sociedades modernas, os dispositivos imagéticos foram sendo usados como ferramentas auxiliares para exercer o controle e o poder. A televisão pode ser considerada um destes dispositivos. Neste sentido, é interessante verificarmos como o processo culminou com este estado de exibição ininterrupta que nos encontramos hoje.

Embora o termo dispositivo tenha inúmeras aplicabilidades em diversas ciências, a obra de Michel Foucault é central para pensarmos as proposições sobre o termo. Os dispositivos seriam elementos de poder, instâncias reguladoras que propiciam vigílias e punições para a concretização da finalidade maior: o controle e ordenação social. A formulação foucaultiana registra a evolução histórica dos modelos de coerção, e descreve detalhadamente como os novos elementos de poder são adotados pelas sociedades modernas. Para o autor, vivemos diante de um poder que, através da vigilância constante e ininterrupta, promove a disciplina social. A característica mais marcante deste procedimento é que o dispositivo disciplinador intercepta o sujeito e penetra diretamente sobre a sua subjetividade. Desta maneira, mesmo que o vigia não esteja em ação, o sujeito cumpre a disciplina normativa. Os dispositivos de vigilância e coerção sofrem mudanças e adaptações ao longo do tempo. Do suplício-espetáculo das sociedades do século XVIII, em que corpos eram esquartejados em praça pública, expostos sadicamente, passamos a uma punição envergonhada, no início do século XIX, em que o corpo deixa de ser o alvo do castigo. Neste momento, procura-se corrigir a essência do sujeito, transformar seu caráter ao invés de puni-lo barbaramente pela desordem. Da dilaceração do corpo para a salvação da alma. Observa-se um deslocamento do objeto da ação punitiva. Não se pune para



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

corrigir um crime, lhe fazer jus, se pune como medida para transformar o culpado, para promover-lhe a correção e assim prevenir os delitos da mesma espécie.

Nesta transposição, Foucault coloca a constituição de novos tipos de avaliação que se introduzem discretamente. Assim, a obediência, o treinamento, o exercício e o modelo se tornam dispositivos que tomam as diretrizes sociais. Dentro destes moldes constituem-se edifícios do poder, instâncias disciplinadoras e normativas que são organizadas interna e externamente para o cumprimento das leis e imperativos sociais, como a escola, a oficina, o quartel, o hospital, o manicômio, a prisão. Os indivíduos são organizados, catalogados, classificados, rotulados, exercitados, taxados, medidos, comparados, disputados, reeducados, corrigidos, disciplinados, curados.

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e reiterar, tem como função maior “adestrar”... “Adestra as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais – pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. (FOUCAULT, 2009:164).

O autor se apropria da figura do Panóptico, desenvolvida por Jeremy Bentham, para consolidar arquitetonicamente o modelo dessa composição disciplinar. O panóptico é um dispositivo de poder que, localizado em posição privilegiada, tudo vê e tudo controla. O desenho é de uma torre central no meio da cidade, onde os supervisores ocultos podem vigiar os internos, dispostos em alas do edifício em forma de estrela. A representação combina a visibilidade total dos primeiros com a invisibilidade total dos segundos. Os indivíduos não sabem quando, nem como serão observados, por isso cumprem, a todo o momento, o rigor das disciplinas.

Uma sujeição real nasce mecanicamente de uma relação fictícia. De modo que não é necessário recorrer à força para obrigar o condenado ao bom comportamento, o louco à calma, o operário ao trabalho, o escolar à aplicação, o doente à observância das receitas. Bentham se maravilha de que as instituições panópticas pudessem ser tão leves: fim das grades, fim das correntes, fim das fechaduras pesadas: basta que as separações sejam nítidas e as aberturas bem distribuídas (FOUCAULT, 2009: 192).



VIII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

O exercício do poder não violenta diretamente o corpo. Por isso, o efeito mais importante do dispositivo é o de penetrar nas subjetividades individuais, assegurando a liberdade e transformando os homens em peças muito bem controladas do poder. O efeito da vigilância do panóptico introduz no sujeito um estado de alerta permanente que garante o funcionamento automático do poder. O importante é que o sujeito se saiba vigiado, ainda que não tenha conhecimento se está sendo analisado. A ameaça constante do panóptico mantém o cumprimento das disciplinas.

Mesmo não atuando no corpo, é um procedimento de ordem física. Um investimento que está ligado à utilização econômica do corpo: “é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação” (FOUCAULT, 2009:29). A sujeição do corpo é conseguida por meios sutis, tecnicamente pensados, que agem sobre o saber corporal e controlam suas forças. É a descoberta do corpo como objeto do poder, o corpo que pode ser utilizado, manipulado, controlado, modelado. São as “disciplinas” que domesticam e utilizam o corpo, transformando-os em corpos dóceis até nas mínimas operações.

Nestes procedimentos de organização, o tempo foi substituído pelo tempo disciplinar, séries de atividades sucessivas que preenchem o tempo de maneira produtiva. O controle assim pode ser detalhado em cada ação temporal delineada pela disciplina.

O poder se articula diretamente sobre o tempo; realiza o controle dele e garante sua utilização. Os procedimentos disciplinares revelam um tempo linear cujos momentos se integram uns nos outros, e que se orienta para um ponto terminal e estável. Em suma, um tempo “evolutivo” (FOUCAULT, 2009:154).

Este tempo linear de que fala Foucault estaria sofrendo um deslocamento com os novos dispositivos de comunicação trazidos com a evolução tecnológica. Os aparatos eletrônicos estariam promovendo uma readaptação temporal na medida em que colocam diferentes tempos e espaços geográficos do planeta em conexão. Estes dispositivos seriam os precursores de uma mudança no modelo da sociedade disciplinar traçada por Foucault para uma sociedade de controle, prevista por Gilles Deleuze (1992). A vigilância, que dependia da presença do vigia, passaria a ser exercida pela ampla aparelhagem tecnológica.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Celulares, smartphones, computadores de todos os tamanhos, tablets, câmeras de alta definição, satélites seriam os elementos de coerção, os mecanismos que permitem que muitos estejam no controle. A ascensão crescente dos dispositivos tecnológicos, sobretudo dos meios de comunicação de massa, esboça uma transposição nos modelos de vigilância pensados por Foucault.

De acordo com Zigmunt Bauman (1999) estaríamos assistindo a um deslocamento do panóptico para o sinóptico, mecanismo de poder pensado por Thomas Mathiesen (1997). Enquanto o panóptico instaurava a disciplina e um comportamento de cuidado constante, o sinóptico seduz as pessoas à vigilância, não precisando instaurar um regime de coerção. A posição é, literalmente, invertida.

Do panóptico ao sinóptico

Para Bauman, saímos de uma arquitetura panóptica minimamente recortada, planejada, onde poucos se situam em posição privilegiada de vigilância e exercem seu poder controlando muitos, para uma arquitetura de desprendimento espacial, onde, muitos controlam poucos:

O ato de vigiar desprende os vigilantes de sua localidade, transporta-os pelo menos espiritualmente ao ciberespaço, no qual não mais importa a distância, ainda que fisicamente permaneçam no lugar. Não importa mais se os alvos do Sinóptico, que agora deixaram de ser os vigiados e passaram a ser os vigilantes, se movam ou fiquem parados. Onde quer que estejam e onde quer que vão, eles podem ligar-se – e se ligam – na rede extraterritorial que faz muitos vigiarem poucos (BAUMAN, 1999: 60).

A condição de ser observado muda de posição com os meios eletrônicos, facilitadores da compressão espaço-tempo. Surge uma observação constante, em que alguns poucos selecionados são observados. Para Bauman, as celebridades são estes poucos selecionados, os sujeitos a serem observados, “um mundo cuja principal característica é precisamente a condição de ser observado (...) por muitos e em todos os cantos do globo, de ser global na sua qualidade de observado” (BAUMAN, 1999:61). Os célebres, sejam eles da política, da moda, do esporte, das novelas, se entregam, voluntariamente, a esta



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

observação. Neste sentido, a televisão exerce ampla capacidade de penetração nas subjetividades, já que é o grande veículo exportador de imagens e propagador das mensagens do consumo. Como detectou Gabler (1999), a celebridade é o moderno estado de graça, a condição que quase todo mundo aspira. Os muitos que vigiam poucos sonham com o estilo de vida e de consumo das celebridades. As mensagens são veiculadas, a todo instante, pelos meios de comunicação e consolidadas como forma de espetáculo e entretenimento, objetivos maiores da cultura de massa e da indústria cultural.

Na disposição do sinóptico, os habitantes locais vigiam os globais. O contato dos locais com os globais se dá pelas imagens do cinema, pelas transmissões da televisão, pelas redes da internet e pela infinidade de dispositivos móveis e portáteis que não param de surgir. Para Bauman, a legitimidade dos globais se dá justamente pelo distanciamento. É como se as celebridades fossem objetos cultuados, de difícil alcance, superiores, praticamente inacessíveis. O paradoxo da questão é que quanto mais as celebridades se expõem à vigilância, mais sucesso elas alcançam, mais admiradas elas se tornam, mais “súditos” elas capturam e influenciam.

Como observa o autor, esse ambiente dominado pela ascensão tecnológica é segregador. Enquanto no Panóptico o objetivo era homogeneizar, igualar, para que ninguém ficasse de fora da vigilância, no Sinóptico as redes selecionam os que entram e os que ficam de fora, embora cada vez mais essa entrada seja ampliada. Os bancos de dados ligados as empresas de comunicação e tecnologia elegem quem deve ingressar em determinada rede de comunicação e compartilhar aquelas informações e tenta fazer com que os “intrusos” não penetrem o local. A seleção implica num ganho de credibilidade por parte do incluído. São consumidores confiáveis, dignos de crédito. Formam-se imensas redes de compartilhamento de informações, gostos, modas, interesses. “O banco de dados é um instrumento de seleção, separação e exclusão. Ele segura na peneira e deixa passar os locais” (BAUMAN, 1999: 59).



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Estaríamos diante de uma ascensão dos dispositivos tecnológicos, vivendo em uma grande rede impulsionada pela tecnologia, onde o consumo determinado pelos globais é o estímulo central. Imediatamente esse consumo é estimulado pela publicidade. Assim, atuar no espaço social com a interferência de um dispositivo tecnológico se torna um modo natural de agir, sobretudo para as novas gerações, uma forma de estar entre os seus, compartilhar identidades comuns, como colocou Hall (2004). O consumo se torna, portanto, uma forma substancial de fazer parte da existência social contemporânea e há uma elevação do valor dos objetos, uma relação visceral que faz com que os objetos sejam essenciais para as relações e disposições sociais, são ferramentas sem as quais o sujeito já não pode viver (ROCHA, 1985).

Da subjetividade à dessubjetividade

Giorgio Agamben aprofunda o conceito dos dispositivos que investem sobre a anatomia do corpo e da alma a partir da leitura que faz de Foucault. Segundo a teoria foucaultiana, os dispositivos de poder controlam o homem atuando em suas subjetividades, fazendo com que o sujeito se enquadre, se discipline, se entregue ao controle garantindo, desta maneira, o funcionamento normativo dos governos. Agamben vai além das ligações coercitivas atribuídas por Foucault:

Chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o Panóptico, as escolas, a confissão, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder é num certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – por que não – a própria linguagem, que talvez é o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares de anos um primata – provavelmente sem se dar conta das consequências que seguiriam – teve a inconsciência de se deixar capturar (AGAMBEN, 2009: 40-41).

Para explicar o funcionamento dos dispositivos, o filósofo italiano divide a existência em duas grandes classes: os vivos e os dispositivos. Fazendo associações com



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Latour, poderíamos dizer que os viventes seriam a natureza e os dispositivos, a cultura. O sujeito seria o resultado da relação entre esses dois grupos. Na mediação entre o sujeito e o mundo está a enorme diversidade de dispositivos. Com o aumento do número de dispositivos temos uma ilimitada disseminação dos processos de subjetivação e um mesmo indivíduo pode ser o lugar de múltiplas subjetividades. Essa proliferação e captura incessante do campo subjetivo não significa, para Agamben, uma anulação desta esfera interior. O autor detecta, no momento capitalista em que estamos inseridos, um efeito de mascaramento da identidade pessoal.

Estamos diante de um sujeito que é “modelado e controlado” a todo instante por dispositivos. Capturado pelos dispositivos tecnológicos, o sujeito não desenvolve com isso uma nova subjetividade. Um processo de dessubjetivação vai atuar sobre as subjetividades individuais e vai produzir sujeitos apáticos, inertes. Como denomina o autor, este sujeito seria o sujeito *espectral*. Um “espectro” do sujeito, ou seja, uma espécie de sujeito fantasmagórico, uma imagem que se vê na sombra. Na interpretação de Agamben não é mais possível verificar um ciclo completo de subjetivação (um sujeito que se afirma pela negação de um velho).

Aquele que se deixa capturar no dispositivo “telefone celular”, qualquer que seja a intensidade do desejo que o impulsionou, não adquire, por isso, uma nova subjetividade, mas somente um número pelo qual pode ser, eventualmente, controlado; o espectador que passa as suas noites diante da televisão recebe em troca da sua dessubjetivação apenas a máscara frustrante do *zappeur* ou a inclusão no cálculo de um índice de audiência (AGAMBEN, 2009:48)

Nesse ambiente de difusão sem precedentes dos dispositivos, estaríamos diante de um campo de difíceis apreensões. Ao criar subjetividades adestradas às normas sociais, como interpretou Foucault, temos uma forma de controle que se manifesta através da submissão e da entrega dócil dos corpos. A dessubjetividade, portanto, criaria um espaço escorregadio, com elementos inapreensíveis. A dessubjetividade seria uma espécie de subjetividade que perdeu a consistência. No entanto, a subjetividade não deixa de existir, mas se encontra mascarada, encoberta pela disseminação dos dispositivos. O sujeito cuja subjetividade é dessubjetivada apresenta como resposta a não-resposta, ele se entrega a uma



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

não-entrega. “As sociedades contemporâneas se apresentam assim como corpos inertes” (AGAMBEN, 2009:48). A contradição da questão é que quanto maiores as dessubjetivações, mais dispositivos são criados para tentar controlar o homem. É importante ressaltar que, para o filósofo italiano, essa incoerência não significa o embrião de uma revolução ou uma ameaça às forças de poder. Estaríamos diante de um “incessante girar em torno da máquina”, movimento que conduziria o mundo não a uma salvação, mas a pura catástrofe. O poder estaria pulverizado não em torno de corpos que se entregam à administração da máquina, por prerrogativas subjetivas, mas a corpos que se esvaziam de sentido de dever e de saber. Para Agamben, as câmeras de vigilância assemelham os espaços públicos das cidades a uma imensa prisão. Desta maneira, o homem contemporâneo não precisa mais temer a punição e pode se entregar ao terrorismo. O mundo reduz-se, assim, ao caos.

Entretanto, de nenhuma maneira o texto de Agamben se inclina por um viés desesperançoso e negativista. O autor argumenta que, para inverter o ciclo da dessubjetivação, seria preciso criar mecanismos que interfiram sobre os processos de subjetivação, restituindo assim o que foi retirado do sujeito. A única forma de devolver ao sujeito aquilo que lhe foi capturado é através da profanação. A profanação é uma forma de recuperar aquilo que foi tirado do uso comum, devolver aos homens aquilo que foi retirado pelo sagrado. Neste sentido, poderíamos pensar a profanação como um exercício do consumo:

É nesse sentido que podemos dizer que o consumo, como ação controlada, derivado de estratégias conscientes ou inconscientes, se constitui numa profanação, recriação, reconstituição, interpretação, pelos usos, dos dispositivos, tornando-os co-presentes e inaugurando um comportamento triangular: eu/o dispositivo (nós) e os outros. Agir “naturalmente” (ou exibir-se naturalmente, se é que isso é possível) diante do dispositivo, ou com o dispositivo, converte-se em um modo de estar no mundo em privacidade coletiva, como se estivesse entre os seus. Na chamada ciberesfera os contornos desse domínio privado – de um privado coletivo – graças ao alcance dos dispositivos, tornam-se ato público coletivo, domínio de “todo mundo”. E é aí também que se observa a transformação da opacidade relativa do dispositivo, às vezes, abruptamente, em sua transparência nas ações “em pequeno grupo”, nas comunidades do chamado ciberespaço (BARBOSA, 2010:7)



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

O próprio ato de consumir seria assim um ato de profanação. Pelo consumo, aquilo que era “sagrado”, distintivo e remoto se torna próprio, acessível, palpável. Para Agamben, a profanação é o “contradispositivo que devolve ao uso comum aquilo que o sacrifício tinha separado e dividido” (AGAMBEN, 2009:45). O consumo é o ritual que transforma o sagrado em profano e é o momento de profanar dos dispositivos.

O movimento levaria a uma profanação dos dispositivos de governo e a emergência de um “ingovernável” como saída. Uma estratégia de ação em que pudéssemos pensar uma nova política, uma filosofia que retomasse a sua dimensão ontológica. Este seria o recomeço, o nascer de uma singularidade.

Com as análises de Foucault, Bauman e Agamben podemos ver como os dispositivos se convertem em mecanismos de poder imperativos na organização e administração das sociedades e peças-chave para o entendimento das culturas contemporâneas. A crescente expansão tecnológica estaria promovendo uma nova disposição destas lógicas de poder, atuando diretamente nas subjetividades individuais, modificando comportamentos, gerando outras formas de organização das sociedades globais e provocando um reordenamento dos elementos neste ambiente planetário sem geografias, tempos e espacialidades definidas.

REFERÊNCIAS:

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BARBOSA, Marialva. *Breves reflexões sobre dispositivos midiáticos num mundo sem fronteiras*. Conferência de abertura do VII Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio. Novembro, 2010.
- BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Arte e Comunicação, 2007.
- _____. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio D'água, 1991.
- BAUMAN, Zygmund. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- _____. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BOORSTIN, Daniel J. *Os Criadores: uma história da criatividade humana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

- _____. *The image: A guide to pseudo-events in America*. New York: Atheneum, 1980.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- _____. *O mistério de Ariana*. Lisboa: Ed. Vega, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- _____. *A sociedade disciplinar em crise*. IN: Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber. Org: MOTA, Manoel Barros da. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- GABLER, Neal. *Vida, o filme*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GUIDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Bauru: EDUSC, 2001.
- MATHIESEN, Thomas. *The Viewer Society: Michel Foucault's 'Panopticon' Revisited*. Theoretical Criminology, vol. 1, nº. 2, p. 215-234, Maio 1997.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- POSTMAN, Neil. *Amusing ourselves to death*. New York: Penguin Books, 1985.
- ROCHA, Everardo. *Magia e Capitalismo: um estudo antropológico da publicidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *A sociedade do sonho: comunicação, cultura e consumo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.
- _____. *As representações do consumo: estudos sobre a narrativa publicitária*. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- XAVIER, Ismail. As aventuras do dispositivo. In: *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.



Semiótica e sincronicidade na capoeira¹

Bruno Soares Ferreira²
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Este artigo analisa a capoeira e seus fundamentos, que são entendidos como as formas pelas quais os sujeitos articulam diferentes simbolismos a partir de um discurso construído sobre a lógica da tradição. Identificaremos algumas possibilidades de significados da capoeira a partir de suas características híbridas de dança, luta e jogo e faremos algumas relações com a semiótica, psicologia, física e alquimia. Estas relações irão contribuir para formular abduções sobre a capoeira enquanto dispositivo cultural e corporal.

Palavras-chave: capoeira; dispositivo; semiótica; sincronicidade.

1 - Introdução

Nosso propósito no presente estudo é traçar algumas aproximações entre a semiótica e a psicologia analítica através da capoeira. Para isso, traçaremos uma relação entre o conceito de experiência na forma como se apresenta no empirismo clássico e também no pragmatismo (que no presente caso origina-se da semiótica), relacionando-os com o conceito de sincronicidade como pode ser observado na psicologia analítica.

A forma que encontramos para desenvolver este raciocínio com a capoeira estrutura-se pela sua prática realizada no cotidiano. Do ponto de vista metodológico este processo está em consonância com o interacionismo simbólico, que é uma disciplina das ciências sociais a qual segundo Lapassade propõe a ideia que "as pessoas são produtoras de

¹ Artigo apresentado no GT Comunicação e Diversidade do VIII Seminário de Alunos de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio.

² Mestrando em Tecnologias da Comunicação e Estéticas pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientadora: Ivana Bentes Oliveira. Especialista em Jornalismo Cultural na Contemporaneidade pela Universidade Federal do Maranhão, graduado em Jornalismo e em Rádio e TV pela Universidade Federal do Maranhão. Email: brunobarata@yahoo.com



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

suas próprias ações e significações" (2005 p.19). Nesse sentido, também estamos expressando nossas percepções de maneira abduativa. A abdução é de acordo com Santaella (1991, p.120) "um tipo de raciocínio através do qual a criatividade se manifesta não apenas na ciência e na arte, mas também na vida cotidiana".

O raciocínio aqui apresentado também dialoga diretamente com uma constatação de Serra (1996, p.06-07) de que "enquanto o empirismo clássico entende 'experiência' como experiência passada, [...] o pragmatismo entende a experiência como abertura para o futuro". Nesse aspecto a percepção elaborada no cotidiano expressa uma atualização da memória que o corpo enquanto mídia pode acionar através de seu sistema sensorio-motor, dentro do entendimento que Henry Bergson (2010) deu a esse termo. De acordo com Bentes (2006), o esquema sensorio-motor opera uma decomposição do percebido em função de sua utilidade para nós.

Esta perspectiva contribui ainda para estabelecer no presente estudo a capoeira enquanto dispositivo, tal qual elaborou Deleuze (1996) a partir da obra de Foucault. Também possibilita uma articulação entre abdução e as linhas de subjetivação presentes nesse dispositivo, as quais estão constantemente transformando o sujeito e também a capoeira por ele praticada.

Este ponto de vista dialoga diretamente com ideias de Roberto Freire, que afirma: "é próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico." (1996, p.35). Ressaltamos nesse ponto que os conhecimentos caracterizados como tradicionais estão numa contínua transformação e as atualizações trazem possibilidades que podem ou não acrescentar novas informações dentro da tradição.



2 - Abdução e alquimia na capoeira

O método abduutivo em seu processo de construção de conhecimento segue três princípios, sendo o primeiro a observação criativa dos fatos, o segundo a formulação de hipóteses e o terceiro a avaliação através da experimentação. Nesse sentido, a abdução tem relação com o processo alquímico, uma vez que os alquimistas costumam desenvolver seus experimentos de forma intuitiva e na prática. Diversos artistas, músicos, escritores, cientistas, etc encontraram as respostas que procuravam ou desenvolveram seus trabalhos mais aprofundados a partir de elementos advindos de sonhos, estados alterados da consciência e revelações místicas³. Cherry Gilchrist expressou a relação com esta forma de adaptação subjetiva na busca pelo conhecimento da seguinte maneira: "artes e ciências confiam igualmente em inspiração, como podemos vagamente chamá-la" (1988, p.41).

Uma vez que a abdução é um instinto racional e ao mesmo tempo uma inferência lógica, ela está por sua vez em relação com a sincronicidade para além de uma simples adivinhação em si mesma e da casualidade na relação entre o passado e o futuro. O conceito de sincronicidade desenvolvido por Carl Gustav Jung define acontecimentos que se relacionam não por relação causal e sim por relação de significado. Por isso, o tempo presente é entendido aqui como o elo dinâmico entre os outros tempos, proporcionando uma percepção crítica a moldar a sincronicidade. Nesse sentido, Jung afirma que:

A coincidência dos acontecimentos, no espaço e no tempo, significam mais que um mero acaso [...] assim como a casualidade descreve a sequência dos acontecimentos, a sincronicidade [...] lida com a coincidência dos eventos. (JUNG, *apud* WILHELM, 2004, p.17)

Partindo dessas premissas, chegamos à capoeira, que é aqui identificada pela sua expressão corporal híbrida de luta, dança e jogo. Ela possui cerca de 300 anos de historicidade e nesse tempo passou por diversas transformações. Diversos pesquisadores afirmam que ela surgiu e se desenvolveu com os descendentes de africanos que vieram para

³ O químico alemão Friedrich August Kekulé (1829-1896) desenvolveu sua teoria do benzeno a partir de um sonho. O compositor italiano Giuseppe Tartini (1692-1770) escreveu a Sonata do Diabo também a partir de um sonho.



VIII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

o Brasil na condição de escravos e que buscaram na experiência transmitida pelos conhecimentos ancestrais, na observação do comportamento dos animais, no contato com os jogos para a guerra das populações indígenas e com diversas outras formas de conhecimento, alternativas para resistir à dominação. Também existem diversos outros entendimentos acerca da suas origens e não nos deteremos sobre este aspecto, que é transversal para o presente estudo.

Como a capoeira é desenvolvida na prática através do corpo em diálogo com outros corpos, ela proporciona mediações e trocas entre os sujeitos e a formação de redes que possibilitam diversos níveis de expressão e de imersão cultural. Sintetizaremos estas capacidades em três níveis básicos: diálogo do sujeito consigo mesmo; diálogo do sujeito com outros indivíduos e como a totalidade transcendente à soma das partes, que é a expressão social através da qual esse sujeito atua em conjunto.

Nesse sentido, esta prática acontece de forma rizomática e sobre ela podemos enfocar alguns pressupostos da física moderna que segundo Fritjof Capra “força-nos a encarar o universo não sob a forma de uma coleção de objetos físicos mas, em vez disso, sob a forma de uma complexa teia de relações entre as diferentes partes de um todo unificado”. (2005, p.109).

Este conhecimento prático da capoeira bem como sua filosofia desenvolveram-se nesses três níveis supracitados como um contrapoder em relação à hegemonia e dominação da sociedade em suas diversas formas de expressão. Atualmente essas características também funcionam como uma importante fonte de informações e modelos de ação através dos quais os indivíduos desenvolvem, sob a ótica de Freire (2004), a possibilidade de construir pelas interações, um processo educativo, utilizando uma pedagogia própria e autônoma capaz de formar nos sujeitos (partes do todo) uma consciência crítica (a soma é maior que o número de partes) que emerge de forma descentralizada, a partir das atuações dos indivíduos em diversos pontos desse dispositivo.



3 - A sincronicidade na capoeira

A capoeira se estrutura sobre os fundamentos. Esses são a base para o jogo, para a luta e para a dança. São formados na relação entre os conhecimentos já reunidos sobre o tema e as subjetividades de seus praticantes, especialmente dos mestres, que a mantém ou atualizam de acordo com suas necessidades. Também se constituem em termos práticos de diversos movimentos que são signos para a construção do diálogo. Entre estes fundamentos, podemos destacar a ginga, que é a base da capoeira, assim como os diversos ataques, defesas, fintas e floreios, que são denominados na capoeira de movimentos: aú, rasteira, meia lua de compasso, queixada, banda, meia lua de costa, rabo de arraia, chapa, benção, etc.

Entre diversas possibilidades, também podemos entender como elementos do fundamento os toques de berimbau e dos demais instrumentos musicais (pandeiros, agogô, reco-reco, atabaque), assim como as diversas formas de narrativas da oralidade, expressas pelas ladainhas, chulas, corridos, quadras e improvisos, entre outras várias expressões possíveis do que seja o fundamento do ponto de vista musical, que se estruturam de acordo com o local e indivíduos que os praticam, ou seja, não formam um todo homogêneo, mas um campo semântico e ético que vai se adaptando às necessidades dos que transitam nele.

Os fundamentos são praticados todo o tempo na capoeira como no caso da transformação entre os capoeiras durante um jogo, quando percebemos que ataque, esquivas e defesas complementam-se de forma rítmica, ou seja, o aspecto de luta se expressa simultaneamente com a dança durante o jogo. De acordo com o momento o papel de um desses elementos pode ser enfatizado em detrimento aos outros. A estratégia dos movimentos pode transformar uma aparente defesa em um ataque e vice-versa, de acordo com a malícia e experiência de cada jogador.

O jogo é marcado pela oposição ataque versus esquiva, o que nos remete à oposição entre espaço cheio *versus* espaço vazio. Como o enfrentamento é indireto, não se



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

bloqueia o golpe do adversário. Dessa forma, o contragolpe vem preencher o espaço deixado pelo golpe. [...] a oposição ataque *versus* esquiva é complementar, sendo que uma esquiva pode esconder um ataque, enquanto um ataque pode ser modificado em uma defesa. (SILVA, 2003, p.112)

Devido a esta complementaridade, é possível dizer que apesar de se caracterizar um jogo com existência da disputa e da competição, a capoeira não traduz a interação dos jogadores em termos de vencedores e perdedores, evidenciando assim seu caráter lúdico, potencial terapêutico e método pedagógico, onde o único inimigo é a opressão do autoritarismo. Na capoeira costuma-se ouvir rimas como: “sou discípulo que aprende, sou mestre que dou lição, na roda da capoeira é um abraço e um aperto de mão”.

Fritjof Capra tem uma percepção das complementaridades semelhante no campo da física: "Uma vez que todos os opostos são independentes, seu conflito jamais pode resultar na vitória integral de um dos lados; em vez disso, será sempre uma manifestação da interação entre os dois lados" (2005, p.114).

Nesse aspecto, o jogo e a interação entre os capoeiras evidenciam que o aprendizado é uma dinâmica que se dá em todos os níveis, do aprendiz ao mestre, acontecendo tanto entre os que jogam como pelos que estão tocando, os que estão cantando e observando o jogo, sincronizando diferentes tempos e demandas em um tempo que permeia através do fundamento os diferentes níveis de sincronicidade.

Disso se pode deduzir que um importante elemento para a transformação é a musicalidade, pois a capoeira mesmo em seu aspecto de luta, diferencia-se da maioria das outras lutas e/ou artes marciais por ser praticada com a utilização de instrumentos musicais, formando uma bateria (conjunto dos instrumentos característicos da capoeira), que por sua vez pode variar em diversas características de acordo com o mestre, o grupo, o estilo praticado de capoeira, etc.

Graças a esta musicalidade, a estratégia se faz de forma rítmica, intercalando espaços cheios e vazios como na música acontece em relação ao tempo e o contratempo ou



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

ainda o som e o silêncio a formarem um todo harmônico. Estes elementos estão em consonância com aspectos pertinentes tanto à física moderna quanto ao misticismo oriental, como podemos perceber com um Sutra Budista que Capra cita: “Forma é vazio, vazio é na verdade forma. Vazio não difere da forma, a forma não difere do vazio. o que é forma é vazio; o que é vazio é forma”. (Idem, p.164)

Além do jogo se encontrar no ritmo, as cantigas também se dão de forma integrada ao que está acontecendo na roda e os capoeiras que buscam o fundamento enquanto prática cotidiana estão frequentemente a perceber o derredor onde a roda se realiza, como se diz comumente “com um olho no padre e o outro na missa”, bem como aos diferentes toques que estão sendo executados, aos diferentes tipos de jogos e também ao que está sendo expresso nas cantigas.

Podemos exemplificar este processo acontecendo em uma roda de capoeira da seguinte maneira: dois capoeiras estão jogando e de repente um deles desequilibra o outro com algum movimento. Nesse caso, seria possível que algum dos participantes da roda cantassem uma música relacionada a esta ação de forma mais ou menos codificada, como é o caso dos seguintes versos: *cai, cai, bananeira, a bananeira caiu, meu facão bateu embaixo, a bananeira caiu* ou então *a canoa virou marinheiro, no fundo do mar tem dinheiro*, fazendo assim, uma alusão ao desequilíbrio causado pela rasteira, inclusive como forma de enfatizar para que os que observam o fundamento da rasteira que acabara de ocorrer. Esta é uma forma de representar a sincronia entre o gesto dos jogadores, o canto e o aprendizado.

A dissimulação dos significados funciona nesses casos também como uma estratégia dos capoeiras relacionada ao que está fora da roda e nos remete tanto ao que se entendeu a partir do século XIX por sincretismo (que conduziu diversos entendimentos em relação à religiosidade afro-brasileira) como também denota uma fusão de significados para além de uma lógica de simples adaptação, realizada com a negociação em um campo



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

simbólico. Nesse sentido, Peter Burke afirma que "Hoje, inspirada pela física nuclear, a linguagem da fusão é popular em contextos que vão da música à culinária" (2010 p.50).

4 - Considerações

Dentro das perspectivas que desenvolvemos durante o texto, vemos que o instinto é um aspecto do ser humano que vem sendo desprezado na contemporaneidade em muitos campos, talvez pela sua corporalidade em detrimento da razão e do cientificismo, que representam o intelecto incorporeal e suspenso no ar e costuma atuar muitas vezes na lógica da desconexão, articulando os sujeitos para uma desnatureza à parte da realidade e de certa forma desqualificando o processo de conhecimento integrado e possível de ser vivenciado em uma plenitude de experiência, uma vez que não leva em conta as complementaridades existentes no processo. Capra traduz essa dicotomia da seguinte forma:

A famosa frase cartesiana *Cogito ergo sum* ('Penso, logo existo') tem levado o homem ocidental a igualar sua identidade apenas à sua mente, em vez de igualá-la a todo seu organismo. Em consequência da divisão cartesiana, indivíduos, na sua maioria, têm consciência de si mesmo como egos isolados existindo 'dentro' de seus corpos. A mente foi separada do corpo, recebendo a inútil tarefa de controlá-lo causando assim um conflito aparente entre a vontade consciente e os instintos involuntários. (2005, p.25).

Percebemos que a produção simbólica na capoeira passou por várias transformações no decorrer dos tempos, passando de contravenção penal a esporte e atualmente é expressa como arte. Estas ações tanto sincrônicas como diacrônicas na instituição e legitimação de seu campo ocorreram *nas voltas que o mundo deu, nas voltas que o mundo dá* (tempo e espaço) e formam um modelo de aprendizado para os que desenvolveram formas para ensiná-la durante esse tempo.

Foi através da transformação, que representa um de seus fundamentos primordiais, que a capoeira ganhou um reconhecimento em amplitude global, pois a musicalidade, teatralidade e todo seu conhecimento integrado e filosofia possuem a característica de formarem um todo articulado que, no entanto, possui características multifacetadas,



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

possibilitando a valorização das experiências de cada um, de acordo com as suas referências, buscas, necessidades e expectativas.

Nesse processo, o senso comum desempenha um papel importante ao fornecer subsídios para a capoeira, formando um espaço de resistência cultural no qual os sujeitos vivenciam o exercício da liberdade no plano micro (átomo) e no plano macro (universo), representada metaforicamente tanto pela roda de capoeira quanto na roda da vida. Tal elemento proporciona uma vasta possibilidade de decodificações criativas.

Referências

BENTES, Ivana. *Mídia-arte ou as estéticas da comunicação e seus modelos teóricos*. In: Limiares da imagem: tecnologia e estética na cultura contemporânea. Antonio Fatorelli e Fernanda Bruno (org.) Mauad: Rio de Janeiro, 2006.

BERGSON, Henry. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Martins Fontes: São Paulo, 2010.

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. 3ª ed. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2010.

CAPOEIRA, Nestor. *Capoeira: galo já cantou*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CAPRA, Fritjof. *O Tao da física*. São Paulo: Cultrix, 23 edição, 2005.

DELEUZE, Gilles. *O mistério de Ariana*. Editora Vega - Passagens: Lisboa, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. 29ª ed. Coleção Leitura. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GEERTZ, Clifford. 2000. *O saber local*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

GILCHRIST, Cherry. *A alquimia e seus mistérios*. 2ª ed. São Paulo: IBRASA, 1993.

HALL, Stuart. 2005. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

LAPASSADE, Georges. *As microsociologias*. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica e filosofia*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

RODRIGUES, Adriano Duarte. *Comunicação e cultura – a experiência cultural na era da informação*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

_____. *Comunicação e experiência*. In: <http://bocc.ubi.pt/pag/rodrigues-adriano-comunicacao-experiencia.pdf> (Acesso em 23 de outubro de 2011)

SANTAELLA, Lucia. *Comunicação e pesquisa – projetos para mestrado e doutorado*. Coleção Comunicação. São Paulo: Hackers, 2001.

SERRA, Paulo. *Peirce e o signo como abdução*. In: http://bocc.ubi.pt/pag/jpserra_peirce.pdf (Acesso em 23 de outubro de 2011).

WILHELM, Richard (org.). *I ching – O livro das mutações: prefácio de C. G. Jung*. São Paulo: Pensamento, 2004.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

ONG's, vozes da cidadania e da diversidade¹

Teresa Cristina Fazolo Freire²

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

RESUMO

Considerando diferentes dimensões da exclusão social, neste artigo avalia-se como o Terceiro Setor vem atuando como promotor de uma inclusão que não se limita à esfera social, mas é também subjetiva. Porta-vozes das favelas, periferias e subúrbios, as ONGs contribuem para a democratização do acesso à comunicação e à cultura. Atuam como contraponto ao consumismo e à mera acumulação de bens incentivada pela mídia, favorecendo o exercício da cidadania pelo acesso aos bens culturais, não apenas viabilizando seu consumo, mas também sua produção. Aliando conhecimento popular e acadêmico, criam novos espaços de encontro. Atuam ainda como mediadoras entre o Estado e a sociedade contribuindo para a formulação e aplicação de políticas públicas em diversas áreas, especialmente a cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Terceiro Setor; políticas públicas; diversidade; cultura

A exclusão social e suas múltiplas faces

Tomando as Organizações Não Governamentais, conhecidas como ONGs e que representam o chamado Terceiro Setor, como espaços de promoção da inclusão social, pensamos antes as questões que envolvem os processos de exclusão. A exclusão social tem múltiplas faces, desde a carência de meios básicos de subsistência à exclusão da palavra, do discurso, passando por estágios como a vulnerabilidade social de jovens de classes mais favorecidas economicamente (KORMAN DIB, 2007). Segundo Rogério Roque Amaro (2002), a exclusão social se dá em diferentes dimensões, que podem assim ser resumidas:

¹ Trabalho apresentado no GT Comunicação e Diversidade do VIII Seminário de Alunos de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio, novembro 2011.

² Mestranda em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Orientadora: Claudia Pereira. Especialista em Políticas Públicas pela UFRJ e graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF) - Email: tc.fazolo@nextcon.com



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

DIMENSÃO DO	COMPETÊNCIAS	RELACIONADAS A
SER	pessoais	Reforço de autoestima e da dignidade, auto reconhecimento
ESTAR	sociais e comunitária	Reativação ou criação das redes e dos laços familiares, de vizinhança e sociais; interações sociais
FAZER	profissionais	Qualificação profissional, aprendizagem de tarefas socialmente úteis, partilha de saberes-fazer
CRIAR	empresariais	Concretizar sonhos, assumindo riscos e protagonizando iniciativas, liderando projetos
SABER	informativas	Escolarização, saberes formais e informais, leitura da realidade e capacidade crítica, fundamentação de decisões
TER	aquisitivas	Acesso a rendimento e poder de compra, capacidade de priorizar e escolher consumos

Se a exclusão se manifesta de diferentes modos, com distintas intensidades, estando ligada a variados setores da sociedade, diferentes ações se fazem necessárias para revertê-la e, com esta concepção, Roque Amaro propõe o que chama de *Integração*: um movimento duplo, somando *Inserção* e *Inclusão*. Esta equação Amaro classifica como “processo de interação positiva” e “mais valia para a sociedade” (2000, p.2). No dicionário inserção é, entre outras definições, “a inserção das folhas no caule”³. Seguindo o pensamento de Amaro, temos a inserção como o movimento do indivíduo excluído que tem a liberdade de opção, contudo devendo lhe ser possibilitado o acesso à informação para que esta escolha se dê de modo consciente. Este processo pode ser entendido como a atitude do indivíduo que decide se deseja ou não ser uma “folha” inserida naquele “caule”.

Por sua vez, a inclusão se dá quando a sociedade se abre para receber o indivíduo que deseja se integrar ao organismo social, como na Matemática é a propriedade de um conjunto A cujos elementos fazem parte de outro conjunto B⁴. Partindo daí, vemos a inclusão com um caráter receptivo, como acolhimento. Contudo, como em qualquer organismo, há uma troca em que ambos não podem prescindir um do outro, sob pena de anulação ou no mínimo enfraquecimento. Assim, um processo de integração eficaz não

³ Dicionário online: <http://www.dicio.com.br/insercao/> - acesso em 22/05/11

⁴ Dicionário online: <http://www.dicio.com.br/inclusao/> - acesso em 22/05/11



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

deve se dar de modo autoritário, onde uma “elite” ou um grupo dominante diz ao “excluído” o que deve fazer, como pensar. A integração pressupõe uma troca de saberes, onde todos os envolvidos participam ativamente, trocando experiências em busca de uma sociedade equitativa, com a remoção ou enfraquecimento dos fatores de exclusão apontados por Amaro (2000), sejam os de ordem micro (ligados ao indivíduo e à família), meso (ligados ao âmbito local, cotidiano) ou macro (associados a um universo mais amplo, ao sistema econômico, modelo de desenvolvimento, etc.).

Aldaíza Sposati levanta uma questão crucial: o significado que a exclusão tem para o sujeito. Segundo a autora, a exclusão social caracteriza-se pela discriminação e atribuição de estigmas e, sendo assim, “seu exame envolve o significado que tem para o sujeito, ou para os sujeitos, que a vivenciam” (SPOSATI, 2006, p.2). Pode-se, a partir daí, pensar algumas questões: Sentem-se os “excluídos”, excluídos? Que dimensão têm dessa classificação? Consideram-se cidadãos? Valorizam suas “estratégias cotidianas para se inserir e viver na cidade” (SILVA, 2007, pp.94-95)?

Essas concepções demandam novos posicionamentos ao se olhar os processos de exclusão, tornando fundamental, por exemplo, observar as transformações ocorridas no mundo na pós-modernidade. Ainda que não se trate de um fenômeno social típico da contemporaneidade, já que acompanha o modelo de produção capitalista desde seus primórdios, foi nas últimas décadas que a exclusão social assumiu novas formas, novas dimensões e se fez presente de modo mais contundente. Aldaíza Sposati vê a exclusão social, ao final do século XX, assumindo o caráter de um “conceito/denúncia” (1998, p.2), em função da configuração de uma sociedade onde o papel do Estado é enfraquecido, e afirma que “a lógica excludente, inerente à produção capitalista, ganha novos contornos e se torna uma questão social, cultural e ética” (SPOSATI, 2006, p.2).

Inclusão, consumo e cidadania

Assumindo que a exclusão não se liga apenas ao fator econômico, ainda que este seja um aspecto fundamental, podemos dizer que não é exclusivamente pelo consumo (dimensão do ter) que se combate a exclusão social, ainda que este seja também um modo



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

de inclusão, como defende Nestor García Canclini (1995). Quando se pensa em igualdade, cidadania, direitos, inclusão, não basta, por exemplo, invocar a ascensão de milhares de brasileiros de uma classe social para outra. Pesquisas indicam que a classe média cresceu e está consumindo mais⁵, mas não basta aumentar o poder compra dos indivíduos se nesta cesta de produtos não costumam estar bens culturais diversificados. Esses indivíduos não estarão realmente incluídos se não lhes são conferidas as mesmas oportunidades de escolha e a capacidade de avaliar criticamente o que lhes é oferecido.

Na lógica capitalista a atribuição de valor aos bens e produtos segue parâmetros arbitrários, altamente variáveis, criando um ambiente de instabilidade e insegurança⁶. O que hoje vale muito, amanhã pode ser inútil. Habermas, já na década de 1960, entendia que as leis de mercado se infiltram na substância das obras de modo que sua criação “se orienta, nos setores amplos da cultura de consumo, conforme os pontos de vista da estratégia de vendas no mercado” (HABERMAS, apud Rüdiger, 2008, p.139). O panorama contemporâneo revela o quanto “o capitalismo rompeu os limites da economia e penetrou no campo da formação da consciência, convertendo os bens culturais em mercadoria” (RÜDIGER, 2008, p.139). Exemplos disso são os filmes que ocupam as salas de cinema, onde prevalece um tipo de produto nitidamente focado no lucro financeiro e preocupado mais com o mercado do que com a arte, a criatividade, a diversidade. São produtos que têm seus custos aumentados exponencialmente devido às verbas destinadas à publicidade.

Edgard Morin (2009) também observa uma estreita relação entre a cultura de massa e o capital, já que aquela supervaloriza o consumo ligado às promessas de lazer como fuga do cotidiano, de juventude permanente, de felicidade instantânea. Para Morin, são como

⁵ Consumo da classe C cresce sete vezes desde 2002. Matéria de 17/12/10, disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/12/101217_classec_consumo_jf.shtml - acesso em 17/03/2011

⁶ Em 2008, a quebra do banco de investimentos Lehman Brothers desencadeou uma grave crise econômica que ainda gera reflexos em várias economias mundiais. <http://noticias.r7.com/economia/noticias/relembre-o-comeco-da-crise-economica-de-2008-ha-3-anos-banco-lehman-brothers-quebrou-20110915.html> - acesso em 25/10/11

Em 2011 nova crise afeta vários países, inclusive alguns cuja economia era considerada sólida, como Irlanda, Itália e França e em Nova York (EUA) protestos têm levado milhares de pessoas a ocupar Wall Street (ver movimento Occupy Wall Street - <http://occupywallst.org/>) - acesso em 15/10/11



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

mercadorias ou bônus que ganhamos ao comprarmos este ou aquele produto. Gilles Lipovetsky (2007) aborda a fragilidade nas relações, a efemeridade, e vê no comportamento compulsivo dos indivíduos – seja no consumismo, seja na dependência da tecnologia e do mundo virtual - a busca de uma “felicidade paradoxal”.

Néstor Garcia Canclini, por sua vez, analisa o consumo a partir de outro ângulo e vê nele novas possibilidades de se exercer a cidadania. Segundo o autor argentino, com a “degradação da política e a descrença em suas instituições” (1995, p.13), as regras abstratas da democracia que antes preencheriam as lacunas deixadas pelas diferenças sociais perderam terreno para outras formas de participação na sociedade. Um modo de participação se manifesta pelo ato de consumir bens pessoais e se baliza pelos meios de comunicação de massa. Não se trata, contudo, de um louvor ao consumismo. A proposição de Canclini é mais abrangente: ele faz uma análise crítica sobre o papel de consumidor e de cidadão, afirmando que “as sociedades se reorganizam para fazer-nos consumidores do século XXI e, como cidadãos, levar-nos de volta para o século XVIII” (1995, p.29). O autor acredita que, mais do que as revoluções sociais, ou o estudo das culturas populares ou ainda algumas expressões alternativas na política e na arte, as tecnologias audiovisuais de comunicação funcionaram como um motor de propulsão para o desenvolvimento do público e exercício da cidadania. Contudo, o teórico argentino observa um retraimento na presença do cidadão nos espaços públicos e afirma que “estes meios eletrônicos que fizeram irromper as massas populares na esfera pública foram deslocando o desempenho da cidadania em direção às práticas de consumo” (1995, p.26).

Se pensamos a inclusão e a cidadania pelo consumo, esbarramos em outro obstáculo: o acesso aos bens culturais não é igual para todos os segmentos da sociedade, havendo concentração de teatros, cinemas, espaços culturais, e também de lazer, em certas regiões da cidade. Estas deficiências agravam-se quando associadas a outras presentes na área da educação, o que compromete a formação dos indivíduos e sua trajetória pessoal, social e profissional e, conseqüentemente, o país⁷. A educação é entendida aqui com um

⁷Um estudo da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)⁷ concluiu que o crescimento da classe média na América Latina e o fortalecimento das economias da região não são garantia de estabilidade, a qual



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

significado que transpõe os muros das escolas formais e inclui uma extensa gama de experiências, de trocas, que podem se dar nas mais variadas circunstâncias e lugares. É a educação vista como um processo que acompanha o indivíduo durante toda sua vida, e por isso deve ser levada em conta ao se tratar das políticas e estratégias de *integração*. István Mészáros (2004) lembra que Paracelso estava certo ao afirmar que a aprendizagem é a nossa vida e que até a morte, estamos continuamente aprendendo alguma coisa. Marília Franco, num estudo sobre uso do cinema/audiovisual na educação, aborda as dificuldades em se traçar com clareza as diferenças entre cinema educativo e cinema instrutivo, considerando que o educar-se vai além do instruir-se. O educador Paulo Freire (1983) defende igualmente um conceito ampliado do que é educar e reivindica uma educação que jogue o educando “às experiências do debate e da análise dos problemas” (FREIRE, 1967, p.93), permitindo-lhe desenvolver um posicionamento crítico diante do mundo. Levando em conta tais reflexões, seriam passíveis de questionamento, por exemplo, abordagens da educação utilizando parâmetros quantitativos em detrimento da qualidade do ensino⁸, como se a educação fosse um produto qualquer e seu valor, pudesse ser medido pelo número de “consumidores” (alunos matriculados). Trata-se de um equívoco semelhante àquele que celebra o aumento do consumo nas classes C e D, ou contabiliza o público que vai aos cinemas, sem avaliar qualitativamente o que está sendo consumido.

Diversidade cultural e visibilidade social

Refletindo sobre os processos de inclusão, vemos como imprescindível repensar as práticas de consumo, privilegiando bens e produtos, cujo valor simbólico não seja para ressaltar a *distinção* (BOURDIEU, 2007) e reforçar as diferenças de classes definidas pelo poder econômico, mas para que se constituam como capital cultural gerador de

depende de investimentos especialmente na área de educação. Matéria de 06/12/10, disponível em <http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/educacao-na-midia/12193/classe-media-na-al-segue-vulneravel-diz-ocde> - acesso em 15/04/11

⁸ Destaca-se aqui especialmente o “analfabeto funcional”, denominação dada àquele que identifica as palavras, consegue ler, mas não consegue compreender o sentido do que está lendo. O Relatório INAF 2009 aponta melhorias neste aspecto, mas destaca que, além de ampliar o acesso, é preciso investir na qualidade a fim de garantir as aprendizagens necessárias a uma inserção autônoma e responsável na sociedade contemporânea. http://www.ibope.com.br/ipm/relatorios/relatorio_inaf_2009.pdf - acesso 20/10/2011



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

conhecimento, ampliando oportunidades de inserção e mesmo protagonismo social. Nesta perspectiva, as ações e políticas culturais assumem um lugar de relevância.

O termo cultura hoje não se restringe apenas ao campo das artes e antropólogos e historiadores o utilizam de modo mais amplo. De fato, a cultura perpassa todas as ações do ser humano e na definição do antropólogo José Carlos Rodrigues é o que lhe confere a condição de “humano”:

O que faz uma vida humana humana, é falar uma língua, são as artes, a dança, a religião, a observância, os mitos, a educação das crianças, os ritos fúnebres, o culto aos ancestrais, a observância das tradições, o riso, o humor.. enfim, o que faz do homem homem é tudo aquilo que se poderia ir enumerando e que não depende nem deriva diretamente da mera existência orgânica. (RODRIGUES, 2006, p.123)

Originário do verbo latino *colere*, de modo abrangente referia-se ao cuidado com tudo aquilo que estivesse ligado aos interesses do homem, de natureza material ou simbólica. “Para a manutenção desse cuidado era preciso a preservação da memória, e a transmissão de como deveria se processar esse cuidado, daí o vínculo com a educação e o cultivo do espírito” (CAMPOS, 2010, p.2). Este conceito foi sendo ampliado a partir do século XVIII. Martín-Barbero vê na cultura e na comunicação mais do que objetos de políticas, mas um campo primordial de batalha política, um cenário que “exige que a política recupere sua dimensão simbólica – sua capacidade de representar o vínculo entre os cidadãos, o sentimento de pertencer a uma comunidade – para enfrentar a erosão da ordem coletiva” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.15)

A inclusão pela cultura é tema bastante discutido hoje, mas a proposta de “levar cultura” às camadas mais pobres, entretanto vem também sendo questionada e reinterpretada. Alguns críticos alegam que esta expressão pressupõe que há apenas uma cultura – a da elite, dos intelectuais – e que a cultura popular estaria sendo ignorada. Reportam-se a uma prática de adotada décadas atrás, tanto por setores de direita como de esquerda, que buscava “melhorar a cultura do povo” ou “iluminá-la”. Por outro lado, tem sido cada vez mais frequente a aproximação entre setores populares, movimentos sociais, lideranças comunitárias e membros do meio acadêmico, artistas e intelectuais. Tais



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

parcerias buscam a integração das culturas e não a substituição de umas pelas outras. Se é imprescindível dar oportunidade para que todos se manifestem, segundo suas diferentes aptidões, saberes e crenças, é igualmente fundamental que não se atribua ao conhecimento acumulado e às manifestações artísticas produzidas em séculos da existência do homem, a responsabilidade por discriminações, opressões, preconceitos cometidos por alguns desses homens, conferindo à própria cultura um caráter opressor que não lhe pertence.

Em *Notas sobre a desconstrução do “popular”*, Stuart Hall (2003) afirma que não há uma “cultura popular” íntegra, que exista com total autonomia e fora das relações de poder e dominação culturais. O autor passa por algumas definições do termo “popular” - uma mais descritiva (refere-se a tudo que o povo fez ou faz) e outra que corresponde ao senso comum (popular é aquilo que as massas apreciam e consomem) – e elege como a definição mais aceitável aquela que vai além, que leva em conta as “formas e atividades cujas raízes se situam nas condições sociais e materiais de classes específicas, que estiveram incorporadas nas tradições e práticas populares” (HALL, 2003, p.257). O autor considera a “cultura popular” não como um conjunto de elementos estável e de fronteiras demarcadas, mas um “campo sempre variável” (idem, *ibid*).

Boaventura Santos entende que há uma deficiência nas universidades e nos centros de investigação no que diz respeito a incorporar outros conhecimentos que venham da sociedade e, relatando uma experiência vivida com camponeses acerca de cooperativismo, fala de “uma outra configuração de sentidos cognitivos, políticos e morais, uma outra possibilidade de colaboração...” (SANTOS, 2001, p.5). Sobrepondo as noções de igualdade e equidade, Sposati afirma que, a partir de meados do século XX, não cabe mais falar de um padrão homogêneo, mas sim de um padrão equânime (SPOSATI, 1998, p.2). Hannah Arendt também fala desta diversidade e analisa o caráter duplo e sinuoso das relações humanas, enlaçando igualdade e diferenças:

A pluralidade humana, condição básica da ação e do discurso, tem o duplo aspecto da igualdade e da distinção. Se não fossem iguais, os homens não poderiam compreender uns aos outros e os que vieram antes deles, nem fazer planos para o futuro, nem prever as necessidades daqueles que virão depois deles. Se não fossem distintos, sendo cada ser humano distinto de qualquer outro que é, foi ou será, não precisariam do discurso nem da ação



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

para se fazerem compreender. Sinais e sons seriam suficientes para a comunicação imediata de necessidades e carências idênticas. (ARENDT, 2010, pp.219-220)

Edgar Morin (2002), por sua vez, alerta sobre a necessidade de se partir “em direção a uma sociedade universal fundada sobre o gênio da diversidade e não sobre a falta de gênio da homogeneidade”. O filósofo francês vê com otimismo as trocas globais, ressaltando, contudo que há laços frágeis nesta teia, pois faltam dispositivos essenciais como a cidadania, o controle dos poderes e a consciência social e ambiental.

Estas análises vêm ao encontro de uma realidade vivenciada cotidianamente no município do Rio de Janeiro, onde o enfrentamento das violências “exige a criação de mecanismos que permitam o reconhecimento da cidade como o espaço de encontro das diferenças” (SILVA, 2007, p.97). E neste cenário as ONGs, ou Terceiro Setor⁹, surgem como espaços de articulação entre Estado e sociedade civil, entre o universo acadêmico e o popular, como terreno propício para criação de oportunidades e materialização de sonhos e projetos. Vão viabilizar a atuação de novos atores sociais, com diferentes vozes, muitas nunca antes ouvidas,

A partir dos anos 1980, principalmente, movimentos populares ligados a setores religiosos, a intelectuais e artistas e a lideranças urbanas e do campo, começaram a promover mudanças significativas na sociedade. Novos temas passam então a integrar a pauta da mídia, novas palavras e expressões começam a fazer parte do vocabulário das autoridades, dos políticos, da sociedade civil. A participação popular ganha destaque, novas vozes se fazem ouvir e as ONGs despontam com força, atuando em diversas áreas, buscando suprir lacunas deixadas pelo poder público, ainda que experimentando avanços e retrocessos, elogios e denúncias. No Rio de Janeiro as ONGs, vão atuar principalmente em áreas de favelas, promovendo atividades ligadas ao esporte e às artes.

Ao se constituírem em espaços de encontro, ao aproximarem diferentes saberes, as ONGs dão aos indivíduos a oportunidade de experimentar outras visões de mundo, outras culturas, num processo de mão dupla, onde não apenas aquele menos favorecido

⁹ Em sequência ao 1º setor (Público/Governo) e ao 2º setor (iniciativa privada) - <http://www.terceirosetor.org.br/quemsomos/index.cfm?page=terceiro> – acesso em 19/12/10



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

economicamente tem a ganhar. Com estas experiências, com o acesso ao conhecimento e o descobrimento de suas próprias potencialidades, o indivíduo é capaz de percorrer dois caminhos, simultâneos e complementares: o de se socializar e o de se individualizar. Balizam estes caminhos a igualdade e a distinção mencionadas por Arendt (2010), já que o mundo abriga diferentes culturas, os indivíduos têm diferentes trajetórias e consequentemente diferentes pontos de vista, crenças e convicções. Se a História revela que os homens têm entendido estas diferenças menos como riqueza e mais como ameaça ou deformação, levando-os a se confrontarem em nome de suposta superioridade étnica, religiosa, intelectual ou mesmo estética, as ONGs surgem com o lugar onde se pode “estar juntos” (ARENDR, 2010) e com o papel estratégico de criar oportunidades, dar visibilidade, materializar sonhos. Não se trata de obscurecer o papel do Estado, ou substituí-lo, pois no combate aos fatores de exclusão a atuação dos governos é fundamental, seja tomando iniciativas, seja certificando e fortalecendo iniciativas privadas, já que “todos os indivíduos, são sujeitos e atores sociais, e, por isso, deveriam ser o foco de atividades e projetos da administração governamental” (CAMPOS, 2010, p.3).

Alguns exemplos de ações transformadoras oriundas de ONGs são veículos alternativos e um modelo de jornalismo comunitário surgidos nos últimos anos, que vieram suprir, de certo modo, deficiências na cobertura que se faz de favelas e periferias. Mesmo enfrentando dificuldades operacionais e financeiras, alguns desses veículos conseguiram destaque e até prêmios internacionais. É o caso do projeto *Viva Favela*, criado pela ONG Viva Rio, em 2001, que tem como metas “a inclusão digital, a democratização da informação e a redução da desigualdade social”¹⁰. O *website* conta com uma equipe de jornalistas e correspondentes comunitários e constitui-se inclusive numa fonte para outros jornais de grande circulação. Outro exemplo de sucesso é a revista *Overmundo*, que se define como um “circuito integrado de comunicação colaborativa que começa na web e atinge diferentes nichos em diferentes mídias, do impresso aos novíssimos *tablets* e leitores digitais”¹¹. A revista, que recebe contribuições de todo o Brasil e até do exterior, constitui-

¹⁰ Ver <http://www.vivafavela.com.br/quem-somos-0> - acesso em 15/10/11

¹¹ Ver <http://www.overmundo.com.br/blogs/chamada-de-pautas-ed-n-1> - acesso em 14/10/11



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

se num espaço para divulgação de práticas, manifestações e produções culturais que não têm visibilidade nos meios de comunicação tradicionais. A Revista *Viração* é também um veículo de bastante difundido. Faz parte da ONG *Viração Educomunicação*, de São Paulo-SP, que tem em seus quadros representantes do meio acadêmico, de movimentos sociais, estudantes. Além de produzir a revista, a organização “oferece cursos e oficinas de capacitação em comunicação popular feita para jovens, por jovens e com jovens em escolas, grupos e comunidades em todo o Brasil”¹².

No campo do audiovisual, a Escola de Cinema de Nova Iguaçu, seguindo a proposta da ONG *Reperiferia*, promove também o resgate da memória, a valorização do território, a experiência da alteridade e o autoconhecimento, buscando uma inclusão não só social, mas também subjetiva. O cineasta Cacá Diegues, um dos responsáveis pelo projeto que resultou no filme *5 x favela, agora por nós mesmos*, em entrevista ao jornal O Globo¹³, destaca a importância de organizações como *Nós do Morro*, *Cufa*, *AfroReggae*, *Observatório de Favelas*, que conferem às pessoas o direito de sonhar. São experiências que vêm contribuir para quebrar estigmas impostos pela sociedade e que possibilitam àqueles que delas participam a oportunidade de descobrir, desenvolver e compartilhar suas potencialidades.

Referências

AMARO, R. *A exclusão social hoje*. Cadernos do Instituto S. Tomás de Aquino. Revista Ista. Caderno 09. Lisboa: 2000. Disponível em: http://www.triplov.com/ista/cadernos/cad_09/amaro.html.

ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

CAMPOS, C. *Cultura e Política Cultural*. Palestra proferida no Seminário Permanente de Políticas Públicas de Cultura do Estado do Rio de Janeiro (Decult SR3 UERJ & Comcultura), em 22/07/10. UERJ / Rio de Janeiro- RJ.

CANCLINI, N. G. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995

¹² Ver http://www.viracao.org/quem_somos.htm - acesso em 15/10/11

¹³ Jornal O Globo, edição de 28/08/10 - Primeiro Caderno



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

- FRANCO, M. *Hipótese-Cinema: múltiplos diálogos*. Acesso em 22/05/11 - Disponível em: http://www.educacao.ufrj.br/artigos/n9/2_hipotese_cinema_e_seus_multiplos_dialogos_8_a_3.pdf
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967
- HALL, S. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- KORMAN DIB, S. *Juventude e projeto profissional: a construção subjetiva do trabalho*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2007
- LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal*. Ensaio sobre a Sociedade de Hiperconsumo. São Paulo: Cia. das Letras, 2007
- MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009
------. *Ofício de Cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. Intervenção na abertura do Fórum Mundial de Educação, Porto Alegre, julho 2004. Publicado na Revista Theomai, 1º semestre 2007, pp.107-130 e disponível em: http://resistir.info/meszaros/meszaros_educacao.html - acesso em 20/05/11
- MORIN, E. *Cultura de Massas no Século XX*. Volume 1: Neurose. O Espírito do Tempo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009
------. *Por uma globalização plural* (especial para o "Le Monde"). Folha de São Paulo, domingo, 31 de março de 2002- FOLHAMundo: <http://vello.sites.uol.com.br/plural.htm>
- RODRIGUES, José Carlos. *Comunicação e Significado – Escritos Indisciplinares*. Rio de Janeiro: Mauad X:Ed.PUC-Rio, 2006
- RÜDIGER, Francisco. *A Escola de Frankfurt*. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.C.; FRANÇA, V.V. *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2008
- SANTOS, B.S. *Seis razões para pensar*. Lua Nova no. 54. São Paulo, 2001
- SPOSATI, A. *Exclusão Social abaixo da linha do Equador*. Seminário de Exclusão Social. PUC/SP, 1998 – <http://www.dpi.inpe.br/geopro/exclusao/exclusao.pdf>
------. *A fluidez da exclusão e da inclusão*. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-7252006000400002&script=sci_arttext
- SILVA, J.S. *A violência da mídia*. In: RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. *Mídia e Violência*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Driblar a invisibilidade: estratégias para produzir e veicular informações na ação de defesa de direitos “Fale por saneamento ambiental em Marabá (PA)”¹

Priscila Vieira e Souza²

Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGCOM-ECO-UFRJ.

Resumo

O artigo apresenta resultado e reflexão parciais de estudo de caso sobre a campanha de defesa de direitos “Fale por saneamento ambiental em Marabá (PA)”, na perspectiva de que, ao tratar de uma questão local, no interior da região Norte do país, os organizadores da ação usaram de articulações entre o local e o nacional para conseguir visibilidade e mobilização. Busca compreender o caso estudado através de pesquisas desenvolvidas no campo da comunicação comunitária. Percebe o contexto de concentração da mídia nacional como desafio para a veiculação de demandas sociais regionais/ locais e procura identificar a função da identidade religiosa no processo de comunicação da campanha, considerando a formação de um espaço capaz de transcender a questão local/regional/nacional.

Palavras-chave

Visibilidade; estereótipo; mídia nacional; local.

¹ Trabalho apresentado ao GT Comunicação e Diversidade do VIII Seminário de Alunos de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio.

² Doutoranda e Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientador: Márcio Tavares d’Amaral. Mestre pelo mesmo PPGCOM, graduada em jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa -UEPG, no Paraná. Email: priscilavieira@ufrj.br.



O artigo constrói-se a partir de questões suscitadas pelo estudo do caso “Fale por Saneamento Ambiental em Marabá”, parcialmente apresentado aqui. A meta da campanha apresentada é a restauração de um rio, chamado Grota Criminosa³, cuja nascente foi prejudicada e o leito transformado em esgoto a céu aberto. Os organizadores da ação foram estudantes que compunham o grupo local da Rede Fale – uma rede nacional de pessoas e organizações que agrega jovens religiosos para o desenvolvimento de campanhas de defesa de direitos. O instrumento utilizado na campanha foi um produto midiático que simultaneamente informa, propõe ações e incentiva o lobby⁴, sendo que parte do impresso é um cartão postal, destacável. O alvo da campanha foi o então diretor-presidente da mineradora Vale do Rio Doce, Roger Agnelli.

No processo de elaboração da campanha foi possível identificar dois tipos distintos de uso de recursos tecnológicos da comunicação: um centrado na Internet, utilizado para a mobilização específica e imbricado no próprio funcionamento da Rede; outro é o produto central para a campanha, um cartão postal informativo. O estudo de caso foi realizado a partir de pesquisa participante, já que a autora acompanha atividades da Rede desde 2006 e participou de processos relacionados à elaboração da campanha. Também foram utilizadas informações de arquivos de registros – atas, relatos e outros – elaborados por membros da Rede. O relatório completo não está acabado, portanto esta é uma sistematização inicial de dados e reflexões.

1. O cartão postal e informativo

Este tipo de uso de mídia é central na campanha, que se constrói e gera mobilização através de cartões postais. O cartão é um material impresso, dobrado em três (Ilustração 1;

³ Em Marabá, pode-se ouvir histórias diversas sobre os motivos que teriam dado ao rio o nome de ‘Criminosa’, contudo não há motivos para considerar uma mais verossímil que as outras. Assim, a opção é omitir detalhes como esse, que nada acrescentariam nem reflexões nem aos fatos que interessam.

⁴ É comum no Brasil a palavra ‘lobby’ ser compreendida em sentido negativo, como uma prática desonesta. No entanto, no sentido aqui adotado, trata-se de um método de reivindicação social que empreende ações direcionadas diretamente a um ator social que tenha poder de atender àquela demanda.



VIII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

2 - p. 18;19); são, portanto, seis faces diferentes, como um ‘folder’. A capa traz o nome da campanha, uma foto de casas da cidade e informações objetivas sobre saneamento ambiental “No Brasil” e “Em Marabá”. A identidade religiosa do grupo que promove a campanha transparece em uma citação bíblica no final da página. Ao abrir o cartão, a ‘página 2’ – que é a parte interna da capa – oferece ao leitor um texto de cunho informativo sobre a situação de Marabá. A página inicia com a palavra “Informação” e a citação do presidente de uma Organização Não-Governamental (ONG) que trabalha com questões de saneamento. Ao final, o texto apresenta as fontes de onde as informações foram extraídas e os nomes dos “conselheiros temáticos”, que são especialistas, pesquisadores acadêmicos, com formação na área da campanha.

Seguindo a parte interna do cartão, a ‘página 3’, chamada “Ação e Oração”, é composta pelos tópicos “Orando” e “Agindo”. Na primeira metade, incentiva os cristãos a orarem, por exemplo, “por maior participação da igreja brasileira na defesa dos Direitos Sociais da população” e pela situação denunciada. Na segunda parte, o leitor é incentivado a enviar o cartão, divulgar a campanha, ser voluntário, fazer ‘lobby’ junto a vereadores e prefeitos, organizar manifestações públicas, utilizar a mídia para divulgar tais atividades e a criar um grupo local da Fale na cidade em que reside.

A ‘página 4’, a última da parte interna, é uma carta ao presidente da Companhia Vale do Rio Doce, denunciando a situação alvo da campanha e solicitando três medidas: patrocínio de pesquisas; pressão junto ao governo; e investimentos em projetos de educação ambiental. Percebe-se, portanto, que o tom pode ser considerado moderado, solicitando à empresa contribuição na luta do grupo local pela restauração da Grot, a partir da compreensão de que a companhia é mais do que uma empresa na região: influencia intensamente a política. Enquanto as outras três páginas são diagramadas na vertical, esta é na horizontal. No final, há espaço para assinatura, nome e endereço para quem desejar enviar a mensagem e, assim, participar da campanha. Ao virar o cartão, a parte externa é um ‘postal’, com a foto tema (a mesma da capa) e o nome da campanha, o endereçamento



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

ao presidente da Vale, espaço para selo e, embaixo, o símbolo das organizações que apóiam a iniciativa.

Por fim, a página externa do meio do cartão também se dispõe na horizontal, dividida ao meio com informações sobre a Fale. Acima aparece a frase mote da Rede, “levante sua voz contra a injustiça”, e um versículo bíblico. Depois há dois pequenos textos ladeados, “O que é o fale?” e “Como posso me envolver?”. Esta parte também pode ser enviada, para o endereço da FALE, em São Paulo (SP). Há espaço ainda para dados da pessoa que, ao enviar, assinala a “quantidade de cartões que deseja receber” e fornece informações para correspondência. Ou seja, enviar significa estar cadastrado e receber cartões de todas as campanhas lançadas pela Rede. Finalmente, no rodapé desta página estão os nomes do “Conselho de Referência”⁵.

As informações contidas nas seis faces do impresso descrito dizem um pouco sobre o funcionamento da Rede e o modo de elaboração do cartão, que é o método utilizado em 17 campanhas de temas variados, desde 2002. As campanhas anteriores à estudada foram sobre questões nacionais – educação, dívida externa, desarmamento e outras. Portanto, o que chama atenção no caso estudado é o fato de se tratar de uma campanha nacional que focaliza uma questão local.

A definição pelo problema em Marabá se deu porque o grupo local daquela cidade já estava mobilizado sobre a questão do saneamento. Estudantes de graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Pará –UFPA, que tem um campus em Marabá,, desenvolviam pesquisas na região do rio Grota Criminosa. Com o grupo local previamente mobilizado, a Rede decidiu realizar a campanha nacional com o tema do saneamento em Marabá, delegando ao grupo local a coordenação da campanha. Assim, a pesquisa, a redação dos textos do cartão e outras etapas foram cumpridas pelo grupo local de Marabá, com apoio, na edição e formatação, de toda a equipe da Fale.

⁵ O Conselho de Referência da Rede Fale é composto por pessoas que são referências no meio evangélico, normalmente por algum tipo de atuação social. O Conselho aprova e faz sugestões para campanhas em desenvolvimento e acompanha as atividades da Rede. Atua de forma permanente.



2. Local, regional, nacional: negociações culturais e políticas

Do processo de elaboração e difusão do material da campanha emergem questões interessantes sobre as relações local, regional, nacional. Pela característica de produção local, com participação das pessoas atingidas pelos problemas, a produção do cartão pode ser pensada a partir de marcos teóricos da comunicação comunitária. Evidentemente, não se trata de um veículo comunitário, mas de uma produção alternativa, que coloca em contato com a realidade de Marabá pessoas e regiões que não teriam acesso a essas informações.

Identificamos o material produzido para esta campanha desta forma, especialmente pela compreensão, retirada do pesquisador João Paulo Malerba, de que a definição de comunicação comunitária não pode se restringir a caracterizações pré-definidas, fechadas e estanques, pois estas seriam incapazes de abrigar a efervescente dinâmica da cultura contemporânea. Malerba propõe que:

(...) a comunicação comunitária, no Brasil e na América Latina, possui peculiaridades que permitem defini-la como uma resposta *política* de determinadas parcelas da população à realidade de injustiça social e desigualdade no acesso à comunicação na região. Sabemos que os meios de comunicação são importantes mediadores de sentidos na sociedade: aqueles atores sociais que têm garantido seus espaços de fala na mídia, têm mais chance de que suas demandas e necessidades sejam atendidas pelas esferas públicas de poder. (MALERBA, 2008, p.152)

O pesquisador destaca, assim, a função política da comunicação comunitária e sua relação com luta por cidadania e contrária às formas de poder hegemônicas. Assim, segundo ele, é necessário perceber a flexibilidade dos meios comunitários. Em um contexto em que o poder é multifacetado, “qualquer atitude política – ou modo de agenciamento desse poder – igualmente precisa assumir diferentes contornos, a fim de garantir sua eficiência” (MALERBA, 2008, p.154). Malerba ainda ressalta que esta forma de mídia “surge em ambientes onde, quase sempre, há uma grande necessidade de agenciamento do poder”. Esta necessidade provoca a criatividade, a maleabilidade nas formas de agir dos atores sociais, que constantemente modelam e remodelam suas ferramentas, “afim de que, usadas como armas, sejam eficientes na renegociação das posições de poder previamente estabelecidas” (MALERBA, 2008, p.164).



É, portanto, neste sentido que este estudo identifica os processos de comunicação em torno da campanha de Marabá – e aqui se ressalta que não se trata apenas de um cartão postal, mas de complexas elaborações comunicacionais, como foi possível perceber ao longo do estudo de caso⁶. Ou seja, no sentido de que se trata do uso político de recursos midiáticos para a promoção de uma questão local, buscando dar visibilidade a uma demanda social em um contexto de invisibilidade, concentração política e econômica de poder, além da atuação de uma mídia preocupada em legitimar as formas hegemônicas estabelecidas.

2.1 Aspectos do contexto da mídia nacional

A concentração da estrutura midiática brasileira na região sudeste contribui com a formação de um ideário nacional que exclui as especificidades – culturais, identitárias, sociais, políticas – de outras regiões. Isto é feito tanto pela invisibilidade quanto pela estereotipação. Por esse termo nomeia-se, aqui, uma estratégia discursiva – o conjunto de noções elaboradas sobre um grupo social a partir de textos e imagens que representam aquele segmento, produzidos para e difundidos pela mídia – que não permite ver particularidades. Para Nemézio Amaral Filho, trata-se de um “imaginário social padronizado” capaz de identificar apenas esta “categoria homogeneizante”. Assim, “o estereótipo só existe dentro de fronteiras sólidas e claramente edificadas” (AMARAL FILHO, 2008, p.81).

A homogeneização de padrões e noções acerca de um grupo é facilmente criada, mesmo em um país continental como o Brasil, através da centralização da produção da mídia de amplo alcance, ou seja, rádios e televisões de alcance nacional. O projeto “Donos da Mídia”⁷ registra que, no Brasil, cinco companhias de televisão controlam 65% das antenas,

⁶ No estudo em elaboração as formas de utilização da internet estão sendo analisadas. A internet está na base de funcionamento da Fale, especialmente nas ações nacionais. Instrumentos como as redes sociais, programas de comunicação direta (skype, msn e outros) são amplamente utilizados, além das listas de e-mails.

⁷ O projeto “reúne dados públicos e informações fornecidas pelos grupos de mídia para montar um panorama mídia no Brasil”. Iniciou com um trabalho de pesquisa do jornalista Daniel Herz, na década de 80, e ganhou visibilidade a partir da inserção na Internet. <www.donosda.midia.com.br>.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

do sinal de emissão e da produção televisiva; além disso, essas empresas detém 82,5% do total da audiência nacional e 99% da arrecadação com publicidade.

No Pará, Estado maior que o país de Angola e população estimada em 7,4 bilhões de pessoas⁸, há 12 grupos que controlam a mídia regional. Apenas dois deles possuem abrangência nacional – ambos sediados em São Paulo (SP). Ou seja, praticamente não há produção paraense transmitida para todo o país. Três destes 12 grupos são afiliados à Rede Globo de Televisão, vale lembra: a maior do país, cujas sedes de produção centralizam-se nas duas maiores cidades brasileira, São Paulo e Rio de Janeiro.

O resultado, em parte devido a estes números, é que o cotidiano dos moradores das regiões mais distantes do sudeste passa ao largo da programação nacional brasileira. O pesquisador paraense, Marcello Gabbay, analisa a repercussão de um produto musical paraense no Rio de Janeiro e defende que a mídia nacional – majoritariamente do sudeste do país – estereotipa as culturas periféricas como estratégia de naturalizar as narrativas hegemônicas. Em suas palavras,

Portanto, acreditamos na existência de um projeto político voltado à produção de estereótipos nas narrativas midiáticas – sabendo-se que, hoje, a mídia é o principal aparelho privado de hegemonia no Brasil – que visa engessar processos culturais dinâmicos e reflexivos (...). (GABBAY, 2008, p.132)

As conclusões de Gabbay apontam para uma distinção cultural que valoriza uma concepção de cultura européia como ‘moderna’ e hierarquicamente superior aos regionalismos. No entanto, o mercado cultural, em determinado momento, passou a valorizar (vender) as regionalidades estereotipadas, atribuindo a elas o valor do rústico e exótico. Muniz Sodré percebe que esta atuação da mídia tem se construído desde a popularização da televisão no país, nas décadas de 1960 e 1970. Ele coloca que a burguesia presumia que nada houvesse no Brasil que tivesse a ver com o simbólico ou o cultural, em uma perspectiva eurocentrada de que a cultura se instalaria no país após seu

⁸ As estatísticas numéricas são do site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), órgão governamental responsável pelo censo populacional no Brasil. <www.ibge.gov.br>



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

desenvolvimento sócio-econômico. Essas noções determinaram, ainda segundo o autor, o padrão de programação do início e da consolidação da TV no país:

Reprimidas as possibilidades de irrupção no vídeo de imagens afins à realidade da cultura popular, o 'popularesco' que permaneceu encaminhou-se para a estética, publicitariamente vitoriosa, do *grotesco chocante*: o desdentado, o disforme, o humilhado, o ofendido e outros, foram os tipos representativos do povo nos programas campeões de audiência. (SODRÉ, 2003, p.47)

Sodré argumenta que, no mundo globalizado, existe a possibilidade de uma inserção social através da estética, mesmo que isto não resulte em efeitos econômicos práticos ou diretos. Ou seja, simbólico, cultural e estético estão em simbiose com outras dimensões da realidade. Ou seja, há algo na cultura que se move dentro dos jogos de poder e disputadas que tecem a sociedade.

Assim, percebe-se que, se no campo cultural as disputas e negociações são complexas, injustas e desiguais, no campo político, o paralelo disto é a invisibilidade dos problemas sociais e econômicos ou, no mínimo, uma visão distorcida deles. A segregação na esfera cultural ressoa e constrói, junto à dimensão política, uma cidadania restrita e inferior, com direitos reduzidos ou negados. Associando as disputas culturais às políticas, constata-se as múltiplas facetas de uma campanha como a que foca Marabá, que pode passar por um ideário que delega ao norte do país o local de 'floresta' em que um problema urbano – como saneamento ambiental – não caberia.

No quadro tecido até aqui é possível perceber uma desigualdade de vozes. Para Mallerba, meios de comunicação comunitária – e é possível estender para iniciativas alternativas – são fundamentais neste contexto:

Com a situação de oligopolização midiática no Brasil, fica claro um desequilíbrio nos locais de fala, com determinados grupos acionando seus sentidos de forma mais representativa que outros. Nesse cenário, os meios de comunicação comunitários surgem como uma possibilidade de que novos sentidos sejam agenciados nas esferas de negociação do poder: indivíduos historicamente excluídos do processo comunicacional têm a chance de que suas demandas passem a circular na sociedade através de suas próprias enunciações. (MALERBA, 2008, p.152/153)



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Apesar da restrição do espaço de informação do cartão, pode-se percebê-lo como motivador destes novos agenciamentos de poder. Através dele, uma questão local que provavelmente não conseguiria visibilidade na grande mídia – nem mesmo na regional, no Estado do Pará – ficou conhecida nacionalmente. É claro que aqui o termo aparece com sentido de representatividade. Obviamente, é questionável a repercussão do cartão, em termos de visibilidade pública. No entanto, ele foi levado para todas as regiões do país, por grupos de jovens, e para o Fórum Social Mundial 2009, que ocorreu em Belém, capital do Estado paraense⁹, além de ter repercutido no meio político regional.

A dificuldade de visibilidade deste tipo de demanda, oriunda do interior de uma região que pode, no contexto da grande mídia, definir-se como periférica, refletiu-se nas tentativas de inserção na mídia local e regional. Durante o lançamento da campanha, a coordenadoria de comunicação da rede tentou pautar os meios de comunicação, tanto da cidade de Marabá quanto os de circulação regional/ estadual. No entanto, a rede não obteve sucesso em nenhuma de suas tentativas. A esfera política mostrou-se mais flexível. O grupo de jovens de diversas regiões do país – que esteve em Marabá para lançar a campanha, em janeiro de 2009 – conseguiu agendar uma reunião com representantes de secretarias municipais e com uma vereadora da cidade, que declarou apoio à campanha. Além disso, membros do grupo local do Fale foram recebidos por um dos senadores do Estado, que assinou o cartão e também declarou apoio à campanha.

2.2 Religião como “canal de difusão”

O insucesso das tentativas de pautar a mídia de Marabá e do Pará com a campanha da Fale foi creditado, pelos membros locais da Rede, aos vínculos políticos dos grupos que comandam os meios. As pautas, segundo eles, não possuem muitas variações, sendo que os jornais – especialmente a imprensa em Marabá – são descaradamente utilizados para a

⁹ A Fale promoveu três mesas de debate no FSM Amazônico, com os seguintes temas: Cristianismo e Política (participação da então Ministra Marina Silva); Políticas Públicas: um debate sobre a atuação de organizações religiosas na defesa de direitos; e Saneamento e Defesa de Direitos – que lançou a campanha no Fórum; celebração por Justiça e Paz, na tenda inter religiosa. SOUZA, Victor. *Quem será o primeiro?*. Disponível em: <http://redefale.blogspot.com/2009_04_01_archive.html>. Acesso em 13 janeiro 2011.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

promoção de determinados políticos e seus pares. Assim, mesmo a mídia local existente não é um meio de visibilidade para grande parte da sociedade.

Por outro lado, a precariedade dos serviços oferecidos impõe dificuldades técnicas na construção de outras formas de mídia. Na ocasião do lançamento da Campanha, o grupo teve dificuldades com acesso à internet até mesmo para transmitir informações para o blogsite da Rede e entidades parceiras na mobilização. A velocidade da transmissão de dados era lenta e os e-mails com anexos não conseguiam ser enviados, mesmo nas lan-houses; também os estudantes do grupo local não possuíam internet em suas casas.

É neste ponto que o papel da religião parece fundamental para a realização da campanha. Do ponto de vista da comunicação, ela funcionou como o meio de difusão das informações e da própria campanha, uma espécie de canal; do ponto de vista político, a divulgação, neste caso, está fundida à mobilização. A Fale aposta em formas muito simples de distribuição do cartão, que é o que garante a campanha: correio e articuladores regionais. Os articuladores são pessoas que contribuem com a Rede no local onde moram. Normalmente mobilizam um grupo que, em época de campanha, distribuem o cartão, especialmente em igrejas, mas também em outros locais como escolas e universidades. O que garante a distribuição, portanto, é o trabalho pessoal, o sistema ‘de mão em mão’.

Evidentemente, a divulgação da campanha passa por outros meios de difusão, como o blogsite, em que qualquer interessado pode se cadastrar e solicitar cartões, tanto para o envio quanto para a distribuição. A Rede também produz material impresso e boletins que são passados em listas de e-mails, para participantes e parceiros. A maioria, também no meio religioso. Ou seja, a religião, a distribuição em igrejas ou a partir delas, é o que garante visibilidade. Um ponto interessante disto é que, em uma cultura altamente tecnológica, a aposta deste grupo é na comunicação interpessoal. Nas igrejas, por exemplo, normalmente um membro da Rede conversa com o pastor ou outro líder da comunidade e consegue um espaço para falar sobre a campanha, pedir orações sobre a questão – que é uma prática comum entre evangélicos -, e distribuir os cartões.



VIII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Por um lado, este modo de atuação e mobilização levou, de fato, a demanda social de Marabá a outras regiões do país, contribuindo para transmitir informações que provavelmente não estariam disponíveis de outra forma. Isto favorece o combate à invisibilidade e aos estereótipos produzidos pela grande mídia. Contudo, questionam-se os efeitos destas ações, já que elas podem ficar restritas à esfera religiosa e não chegar à visibilidade pública, em sentido amplo, na dimensão política.

3. Apontamentos finais

O desenvolvimento do estudo revela que a campanha “Fale por Saneamento em Marabá” se constrói através de recursos midiáticos, como o aqui analisado cartão postal e informativo. A necessidade de visibilidade para a existência da campanha esbarra nas questões político-estruturais da comunicação no país, como a concentração da produção midiática e seus desdobramentos sociais, econômicos, culturais. Uma das estratégias com que a Rede enfrenta isto, que poderia ser um empecilho, é a utilização de recursos comunicacionais que podem ser considerados tradicionais: informações impressas, correio, distribuição pessoal.

Outra estratégia utilizada para difusão de informações, reivindicações e mobilização é a identidade religiosa, que contribui com a ação em âmbito nacional e ainda consegue articular-se com movimentos/ organizações de juventude. Como a Rede acontece em um meio já existente na sociedade, que é a religião, gera um canal alternativo de distribuição de informação. Acredita-se que outros grupos e identidades sociais são capazes de criar este ambiente propício à difusão alternativa de informações, em que questões locais podem ser amplificadas.

Assim, o potencial que advém do intercâmbio entre local e nacional se torna evidente na campanha, que também traz à tona a questão da concentração da produção e veiculação da mídia no Brasil. Do ponto de vista estrutural, casos como este apontam a necessidade de incrementar a comunicação em regiões como a de Marabá, não apenas do



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

ponto de vista do acesso à mídia, mas principalmente na perspectiva de que os atores destes locais possam produzir e veicular seus próprios produtos midiáticos, o que garante voz às suas demandas e expressão do próprio olhar sobre sua cultura e práticas sociais regionais.

No caso estudado, a campanha está em curso e ainda não há resultados definitivos das negociações com a Vale do Rio Doce. No entanto, os efeitos da mobilização através de recursos que podem ser considerados alternativos, pelo potencial de gerarem mudanças, já são registrados. O grupo local de Marabá criou uma organização não governamental para continuar atuando com os temas da campanha, em busca da restauração do rio Grota Criminosa e da implantação de saneamento ambiental na cidade. Se estas metas ainda não foram atingidas, o processo da campanha através da produção e difusão do cartão postal afetou pelo menos dois grupos de pessoas. Primeiramente, os então estudantes de Marabá, que ganharam força para buscar consolidação e organicidade para manter suas lutas. Afetou também aqueles que tiveram acesso às informações sobre a situação e, através delas, a oportunidade de (re)construir noções mais adequadas à realidade do local do que as concepções estereotipadas que transitam na grande mídia ou até mesmo a completa desinformação.

Da perspectiva teórica, é possível constatar que marcos teóricos da comunicação comunitária, como a valorização do local nos estudos de comunicação e o olhar relacional sobre cultura e política contribuem com a compreensão de realidades como o caso estudado. Isto porque este tipo de pensamento comunicacional coloca em questão desigualdades sociais e a participação de produtos midiáticos tanto na manutenção quanto na resistência e confronto às situações de injustiça. Por este ponto de vista, iniciativas de pequeno porte, especialmente se considerado o contexto brasileiro, importam porque resistem à generalização e, portanto, ao estereótipo. Para Nemézio Amaral, a generalização implica exclusão. Isto significa dizer que a particularização de grupos, indivíduos ou ações implica inclusão e, quando a particularização é realizada coletivamente, implica também agenciamento de poder.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Referências bibliográficas

AMARAL FILHO, Nemézio. *As perigosas fronteiras da comunidade: um desafio à comunicação comunitária*. In PAIVA, Raquel e SANTOS, Cristiano (Org.). Comunidade e contra-hegemonia: rotas de comunicação alternativa. Rio de Janeiro: Mauad X:Faperj, 2008.

GABBAY, Marcello. *O tecnobrega no Rio de Janeiro: uma leitura hegemônica da cultura paraense para as elites cariocas*. In PAIVA, Raquel e SANTOS, Cristiano (Org.). Comunidade e contra-hegemonia: rotas de comunicação alternativa. Rio de Janeiro: Mauad X:Faperj, 2008.

MALLERBA, João Paulo. *A comunicação comunitária no limite*. In PAIVA, Raquel e SANTOS, Cristiano (Org.). Comunidade e contra-hegemonia: rotas de comunicação alternativa. Rio de Janeiro: Mauad X:Faperj, 2008.

SODRÉ, Muniz. *Cultura, estética e mobilização popular*. In REBELO, Jose (Coord.). Novas formas de mobilização popular. Porto: Campos das letras, 2003.



Novas representações de uma infância contemporânea em *Atrevidinha*¹

Renata Tomaz²

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

A infância é uma construção social cuja compreensão por parte das sociedades é elaborada a partir das distintas representações que se fazem da figura da criança. Com base nesse pressuposto, este trabalho analisa, dentre as novas imagens dessa fase instituída da vida, a forma como esta infância é retratada nos discursos da revista *Atrevidinha*, voltada para um público feminino na faixa dos 7 aos 12 anos. Tais discursos exibem uma menina constantemente convocada a crescer, desenvolvendo habilidades que lhe permitirão ser bem-sucedida não só no futuro adulto que a espera, mas num presente permeado por novas responsabilidades. O que se pretende, ao final, é mostrar requisições e recompensas sociais diante de uma adesão a práticas que situam tais meninas numa nova categoria de transição da identidade infantil para a adolescente: a pré-adolescência.

PALAVRAS-CHAVE: infância; pré-adolescência; *Atrevidinha*.

Frases de efeito como “As crianças estão perdendo a inocência” ou “As crianças estão mais espertas” – celebradas por uns e lamentadas por outros – apontam para uma alteração na compreensão de infância por parte das sociedades. Embora a ideia de que este período instituído da vida seja de ordem natural circule amplamente, trata-se de uma construção social baseada nas diferentes representações da figura da criança. A elaboração de um período em suspensão para que crianças pudessem retardar seu ingresso no universo adulto marcou a distinção entre estas duas categorias por meio de oposições que expressavam completude/incompletude. A visão desenvolvimentista (CASTRO, 2001) marcou, desde meados do século XVII, meninos e meninas como seres incapazes que

¹ Trabalho apresentado no GT Comunicação e Diversidade do VIII Seminário de Alunos de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio.

² Mestre em Comunicação e Cultura, sob orientação do Dr. Prof. João Freire Filho, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde também concluiu a graduação em Comunicação Social (Jornalismo). E-mail: renatactomaz@gmail.com.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

precisavam de uma infância, gradativamente maior, para desenvolver habilidades e capacidades que lhes permitissem atingir, num momento determinado, o ideal de adulto.

Sob o amálgama da inocência, da pureza e da fragilidade, eles eram tomados como objeto de proteção e cuidados (ARIÈS, 1981). A visibilidade das crianças como categoria tornou possível a interferência do Estado, da família e, de um modo geral, da sociedade sobre suas ações, seu comportamento, seus corpos (BUJES, 2002). Neste sentido, as crianças têm sido alvo de uma série de tecnologias de governo que procuram conduzi-las dentro de uma racionalidade *biopolítica* (FOUCAULT, 2008). Alicerçadas numa ampla produção de saberes sobre a infância e no conhecimento dos peritos, essas tecnologias produzem *sujeitos infantis*. Numa crescente sofisticação, tal aparato lança mão dos produtos culturais, permitindo que não apenas os cuidadores das crianças incidam sobre elas procedimentos padronizados, mas ofertando um rol de condutas que possibilitam às próprias crianças agirem sobre si mesmas desenhando, assim, novas formas de subjetivação.

Nessa perspectiva, as novas mídias e as novas tecnologias têm uma forte contribuição na medida em que ampliam de uma forma sem precedentes o acesso de crianças aos diversos saberes construídos pelas sociedades, o que as inclui, obviamente. Elas não só absorvem o que está disponível, como reconfiguram, reelaboram, ressignificam e emitem por meio das inúmeras ferramentas tecnológicas a que têm acesso. Conforme afirma Lemos (2005), a emissão descentrada, a conexão em rede e as possibilidades de reconfiguração caracterizam a *cibercultura* em que estes meninos e meninas estão inseridos, como produtores e produtos. É dessa forma que também tornam visíveis suas autorrepresentações. Tal acessibilidade pode ser compreendida, em certo sentido, por meio de alguns dados, como os que estão presentes em uma pesquisa encomendada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil e apresentada em 2010. Ela mostrou que cerca de 65% das crianças brasileiras entre 5 e 9 anos de idade já utilizaram um telefone celular, 57% já usaram um computador pessoal e 28% delas navegaram na internet³.

³ Crianças entre 5 e 9 anos estão mais conectadas. *Jornal MetroRio*, 15/10/2010, p. 14.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Outro desdobramento desse *acesso* é a consolidação do *status* de consumidor para as crianças. Elas são alvo não apenas da publicidade e propaganda de produtos voltados para sua faixa etária, mas também das que são focadas em seus pais, sobre quem, espera-se, poderão exercer certa influência. Um exemplo de como a audiência infantil está sendo usada para atingir os adultos é o canal por assinatura *Discovery Kids*. Entre os canais pagos, ele foi o mais assistido, no Brasil, em 2009⁴. Além dos comerciais de brinquedos, roupas infantis, calçados, escolas e eventos, estão entre os anunciantes do canal as marcas Peugeot, Vanish (alvejante de roupa e limpador de carpete), Hidrofil (creme antirrugas) e Glade (aromatizador). De acordo com uma pesquisa feita em São Paulo, em 2010, com pais e mães de crianças entre 3 e 11 anos de idade, 70% das famílias são influenciadas pelos filhos nas compras que fazem⁵. Um levantamento feito com 300 meninos e meninas de 8 a 12 anos, das classes AB, moradores de São Paulo e Rio de Janeiro, em junho de 2007, mostrou que eles são consultados pelos pais em 23% dos casos para a compra de um carro, 32% de celulares e 29% de computadores⁶.

A partir desse entendimento, esse trabalho chama atenção para uma dessas múltiplas imagens circulantes da infância na contemporaneidade. Ela retrata crianças *empoderadas*, *sabidas*, *conectadas*, chamadas a crescer, amadurecer e preparar-se para um futuro próximo repleto de responsabilidades e desafios. Os imperativos de crescimento perpassam uma série de produções voltadas aos indivíduos infantis. Os ditames midiáticos anunciados por Morin, na frase “sejam belos, sejam amorosos, sejam jovens” (MORIN, 2005, p. 157), são endereçados não apenas aos adultos convocados a uma constante busca de rejuvenescimento, mas também aos mais novos. O que se vê, especialmente na virada do século XXI, é que esta avançada juvenilização da cultura e, conseqüentemente, das

⁴ Disponível em <http://natelinha.uol.com.br/noticias/2010/02/03/195547.php>. Último acesso em 17/12/2010. O canal também foi o mais assistido no primeiro semestre de 2010, conforme disponível em <http://www.cidademarketing.com.br/2009/n/3169/discovery-kids-reafirma-liderana-em-2010.html>. Último acesso em 15/03/2011.

⁵ Jornal Hoje (TV Globo), 27/10/2010. Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2010/10/pesquisa-mostra-que-criancas-tem-muita-influencia-na-hora-das-compras.html>. Último acesso em 25/02/2011.

⁶Fonte: Millward Brown Brasil/Grupo Ibope.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

sociedades tem ganhado forma e força entre crianças, cada vez mais interpeladas pela cultura midiática para aderir à experiência de ser *jovem*.

A ideia de crescimento ligada a um amadurecimento emocional e intelectual entre as crianças está fortemente presente na cultura da mídia. Recentemente, o clássico personagem de Antoine de Saint-Exupéry saiu da infância para a juventude, no lançamento de A. G. Rommers: *O retorno do jovem príncipe* (2011). Pouco mais de um ano antes, o filme de Tim Burton, *Alice no País das Maravilhas* (2010), mostrou a clássica personagem criada por Lewis Carroll (1865) com 19 anos. Outro personagem que cresceu ao ser encarnado num longametragem foi Ben Tennyson. A figura central da série de desenho animado *Ben 10* aparece no filme *Ben 10 – Invasão alienígena* (2010) com 15 anos, ou seja, cinco a mais do que ele tem no desenho animado. Ainda no universo *anime*, o canal *Cartoonnetwork* transmite desde 2008, no Brasil, o desenho *Meninas Superpoderosas Geração Z*, onde Lindinha, Docinho e Florzinha têm 13 anos e defendem não mais a pequena Townville e sim Tóquio⁷.

O fenômeno também pode ser visto na produção cultural nacional. A criação que notabilizou o nome de Maurício de Souza ganhou uma nova versão com personagens adolescentes. *Turma da Mônica jovem* (2008), na primeira página da edição zero, traz a ilustração da protagonista deitada em sua cama, escrevendo em seu *laptop*, sob a chamada no alto da página: “Eu cresci”. Na edição seguinte (01), a chamada, desta vez na capa, confirma: “Eles cresceram”. Seguindo os passos da publicação, no mesmo formato, a personagem dos quadrinhos Luluzinha também chega à juventude através das histórias do gibi *Luluzinha teen e sua turma* (2009). Para assegurar a mudança de fase, as capas da segunda à sexta edição trazem a mesma chamada: “Eles cresceram”. Na literatura, a série de livros *De menina à mulher* (2001), de Drica Pinotti, já está em seu quinto volume (2010)

⁷ As *meninas superpoderosas* original é uma produção dos Estados Unidos e reúne histórias de três irmãs atingidas por uma substância química que lhes confere superpoderes. Embora elas ainda sejam crianças, são incumbidas de defenderem a cidade onde moram de ataques maléficos. A nova versão foi produzida no Japão e não tem continuidade cronológica. A história recomeça com três meninas que acabaram de entrar no que seria o Ensino Médio. Elas também sofrem um acidente radioativo e adquirem habilidades especiais para defenderem o mundo. Os nomes, as características físicas e emocionais são os mesmos do desenho original. Mudam, entretanto, os conflitos que passam a tratar de questões “da adolescência” e têm como cenário uma megalópole.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

e promete ser “uma verdadeira bíblia teen”. A série propõe passos para ensinar as meninas, “de uma maneira não professoral”, a operacionalizar sua própria passagem ao mundo adulto de um jeito “leve”. Garante, ainda, ser “um livro de cabeceira que as meninas, com certeza, nunca vão cansar de consultar e ler”. O volume 4, por exemplo, “com edição revista e ampliada” ensina, entre outras coisas, a “lidar com o dinheiro de forma saudável e prudente”⁸.

O que se vê nesses títulos e em suas propostas é a construção de uma criança que está sendo preparada para mudar e reformar a si mesma, capaz de intervir em seu próprio *eu*. A interioridade da criança, que antes estava limitada ao gerenciamento de seus cuidadores, é agora apresentada como um objeto acessível aos indivíduos infantis (TOMAZ, 2010). A dinâmica que conduz meninos e meninas a este lugar de amadurecimento e autonomia para a ele aderir reside no exercício de práticas sobre si mesmos e os outros. Há um acionamento de um repertório de condutas diante de situações específicas que lhes são apresentadas a fim de que (re)ajam segundo normas e padrões pré-estabelecidos na sua cultura. Tais normas são arquivadas ao longo do cotidiano, fruto das inúmeras interações sociais e das relações de poder vivenciadas por cada indivíduo: “São esquemas que ele [o indivíduo] encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social” (FOUCAULT, 2006b, p. 276). Dentre os produtos da indústria cultural que disponibilizam tais condutas, está a revista *Atrevidinha*, uma publicação do núcleo *Teen* da Editora Escala voltada para meninas entre 7 e 12 anos. Ao intitular-se a revista da pré-adolescente, ela situa suas leitoras numa fase de transição de uma identidade infantil para uma identidade jovem/adulta. Por essa razão, ela foi escolhida como objeto de análise de uma representação feminina de infância contemporânea.

⁸ *De menina a mulher: tudo o que você precisa saber para sobreviver à adolescência e virar uma mulher de sucesso* (2001), *De menina a mulher 2: tudo o que você precisa saber para trilhar os caminhos da moda e arrasar sempre* (2002), *De menina a mulher 3: tudo o que você precisa saber para ser popular, fazer amigos e manter relacionamentos* (2003), *De menina a mulher 4: Tudo o que você precisa saber sobre vestibular, profissões e dinheiro para ter uma vida de sucesso* (2004) e *De menina a mulher 5: Tudo o que você precisa saber para sobreviver no mundo dos adultos!* (2010). Todas da Editora Rocco.



***Atrevidinha* e os imperativos de amadurecimento**

A revista *Atrevidinha*, lançada em 2004, é uma espécie de irmã caçula da revista *Atrevida* (presente no mercado editorial desde 1994 e focada nas meninas entre 15 e 19 anos). Suas dezenas de páginas apresentam um discurso que valoriza beleza, saúde, bom desempenho, boas maneiras e atitudes ecologicamente corretas como legitimadoras do *verdadeiro* sucesso. O maior desafio a ser vencido nesta caminhada, pelas leitoras, é *crescer* ou *amadurecer* com equilíbrio, sem demorar-se muito na infância e sem chegar com pressa na vida adulta. As considerações que se seguem são resultado de uma pesquisa mais ampla realizada com seis edições de *Atrevidinha* em 2009/2010 (TOMAZ, 2011). Elas estão focadas num discurso que positiva práticas sociais e culturais oferecidas às leitoras a fim de que, ao executá-las, elas possam adquirir um estilo de vida que lhes permita constituir-se um sujeito aceitável e coerente com as demandas das sociedades contemporâneas.

Localizadas num período de transição, as leitoras de *Atrevidinha* são instadas a assumir gradativamente responsabilidades para uma vida adulta que se aproxima. Nos textos aparecem discursos que indicam quais são as melhores formas para ir de uma infância protegida e dependente para uma adolescência independente e autônoma – uma trajetória que demanda das pré-adolescentes equilíbrio, perseverança e autocontrole. Em “Menina ou mocinha” (ed. 66), as leitoras são instruídas a amadurecerem na medida certa. “Alguns sinais indicam se você tem a chamada ‘síndrome de Peter Pan’, ou seja, a mania de ignorar que o tempo passou e que você, embora não seja adulta, já cresceu (um pouco) e deve encarar alguns desafios”. Para aquelas que ainda gostam da vida de criança, um conselho: “aproveite sua idade para pular, deitar e rolar, enquanto pode! E aos poucos, assuma as responsabilidades que a vida oferece a você. Sucesso garantido!”, conclui o texto, seguido pelo teste: “Você se encaixa na sua idade?”.

A temática do equilíbrio também está na matéria “Vale medalha?” (ed. 67), onde se explica que “aprender a ganhar é tão importante quanto aprender a perder, assim como reconhecer algumas limitações, pode criar desafios interessantes de superação”. Além de atingir os resultados esperados, é preciso fazer isso dentro de um determinado modelo de



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

conduta. Nele, “ser competitivo pode ser fruto de esforço, de determinação e de perseverança”, mas “levar vantagem é uma atitude de pouco respeito e pouca consideração pelos outros”. As meninas, então, precisam ser habilidosas no governo de si mesmas, controlarem seus impulsos, restringirem seus desejos, ou seja, jogarem com as regras. E, se isso não for um problema para a leitora, o trabalho não para por aí, pois ela “deve ter alguma amiga assim”, a quem pode ajudar a “ser menos competitiva”. Afinal, “a competição saudável requer capacidade de colaboração, boa autoestima e autoconfiança”.

O sucesso a que se referem as matérias de *Atrevidinha* é resultado de um empenho contínuo em atingir as metas sociais às quais estas meninas são constantemente submetidas. Em “Promessa é dívida” (ed. 69), por exemplo, as leitoras são lembradas dos compromissos feitos na virada do ano: “estudar mais, não apenas na véspera das provas”, “comer mais frutas, verduras e legumes”, “praticar exercícios”, programar-se “para estudar sem ter de sacrificar um passeio legal ou um momento de relax”. Já que elas não trabalham, são alertadas com certa frequência, na seção *Escola*, de que “passar de ano é sua maior obrigação” (ed. 68). Para um rendimento melhor em sala, aconselha-se manter a organização, que “envolve administrar bem seu horário, seu visual e seu material” (ed. 70).

A busca pelo desempenho está nas mais distintas situações abordadas pela revista, desde as tarefas escolares até os momentos de lazer. Mesmo a diversão tem sua funcionalidade, é normalmente apontada como um meio para desenvolver aptidões. Diante dos muitos desafios a serem enfrentados, a publicação oferece farto material, boa parte testemunhal, que legitima a importância de persistir em realizar aquilo que parece impossível ou excessivamente dificultoso. Os estímulos a que leitoras superem obstáculos podem ser vistos na matéria “Sim, eu posso!” (ed. 65), onde uma psicóloga afirma que “meninas que são proativas, ou seja, que tomam atitudes em vez de ficarem sentadas esperando tudo acontecer, são pessoas que possuem foco em seus projetos de vida”. O esforço repetitivo e constante em atingir metas ou superá-las está estampado tanto na *performance* manifesta na carreira dos ídolos presentes em todas as edições quanto nos regimes corporais propagados por *Atrevidinha*. As sucessivas representações de meninas e de ídolos adolescentes capazes de prodigiosos feitos e de uma ação direta e estratégica



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

sobre si estão relacionadas de certa forma ao que Lipovetsky (2007) chamou de *cultura do desempenho*.

Debaixo de uma lógica concorrencial, o desempenho pode soar como um simples efeito. Mas, segundo Lipovetsky (2007), trata-se, na verdade, de um elemento bem mais complexo. O modo empresa de organizar relações, tarefas e fazer planejamentos é absorvido pela vida privada, que passa a ter como ideais prevalentes a vitória e o sucesso. Sendo assim, “não apenas o ‘saber-fazer’, mas também o ‘saber-ser’, os sentimentos, todos os componentes da personalidade individual é que devem ser otimizados” (LIPOVETSKY, 2007, p. 263). No universo infanto-juvenil, esta dinâmica se reproduz na exaustiva agenda de compromissos de crianças e adolescentes, elaborada por pais e professores. São inúmeras atividades físicas, intelectuais, lúdicas, escolares, esportivas e psicoterapêuticas, que procuram potencializar o corpo e a mente de crianças e adolescentes, a fim de que estejam desde cedo empenhados na tarefa de serem bem-sucedidos. Este quadro está bem visível no resultado de uma pesquisa realizada com 1,2 mil crianças, adolescentes e jovens entre 8 e 20 anos, das classes A e B de todos os estados brasileiros. De acordo com o estudo, 79% das crianças entre 8 e 12 anos disseram estar muito preocupadas com a futura profissão e 76% delas afirmaram que querem ter o seu próprio negócio⁹.

Esta lógica acabou se entranhando no cotidiano dessas crianças, alterando concepções vinculadas ao período da infância, como a brincadeira. “Para adultos”, afirma Postman, “brincar é coisa séria. À medida que a infância desaparece, desaparece também a concepção infantil de brincar” (POSTMAN, 1999, p. 145). Num anúncio do canal Discovery Kids (2010) em que crianças brincam fingindo serem bombeiros ou exploradores marítimos, a narradora conclui com a seguinte frase: “para você, é diversão; para nós, é potencial”. Existe, também nos discursos de *Atrevidinha*, uma instrumentalidade constante em todas as atividades, mesmo as ditas de lazer ou relaxamento: sucos energéticos, brincadeiras que aumentam a concentração, massagens que relaxam. Nenhuma atividade é feita (ou pode ser feita) por si mesma. Há que se ter um benefício, um propósito. Nesta perspectiva, os discursos da revista apresentam meios de autocontrole que possibilitarão às

⁹ Fonte: Rohde & Carvalho (www.rohdecarvalho.com.br).



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

leitoras articular as exigências de crescimento e amadurecimento, através de comportamentos pautados, por exemplo, pelo rendimento físico, desempenho escolar e desenvolvimento de novas habilidades. Na matéria “Eu me remexo muito” (ed. 65), há, neste sentido, uma associação entre atividade física e rendimento escolar, conforme a declaração de um profissional de educação física:

Cada modalidade [esportiva] exige que você esteja atento a gestos e movimentos específicos e isso automaticamente melhora seus reflexos e aumenta o seu poder de concentração, o que pode ser útil na hora de estudar para aquela prova de matemática, por exemplo.

Até mesmo as atividades de lazer são tomadas como oportunidade para aprimorar-se: “O golfe é divertido, relaxante e ainda ajuda a ser mais concentrada, disciplinada e você adquire mais coordenação e autocontrole”, relata Camila Louzada, de 11 anos, na seção *Eu e meu mundo* (ed. 65). No mesmo espaço, porém da edição 67, Milena Watanabe, de 9 anos, atesta: “a patinação me ajudou a ser mais concentrada e deixou os músculos das minhas pernas mais fortes”. Ainda na seção *Eu e meu mundo* (ed. 69) a atriz Polliana Aleixo, de 13 anos, assegura:

Interpretar me ajuda a ser mais concentrada e, além disso, me dou bem na hora de apresentar trabalhos na escola e de falar em público (...) fora da novela, faço aula de violão e canto, pois isso me ajuda com a dicção, coordenação, disciplina e também me prepara para futuros trabalhos.

Como se vê, “o poder de concentração” aparece com frequência nos discursos de *Atrevidinha*, está em quatro das seis edições analisadas. Trata-se de uma importante ferramenta não só para “dar conta” dos estudos, mas para viabilizar resultados satisfatórios nas mais diferentes tarefas a que estas meninas estão submetidas. Nesta perspectiva, a concentração está diretamente vinculada à capacidade de autocontrole, uma habilidade altamente requisitada a elas diante das sucessivas ofertas, apelos e interpelações que lhes são endereçados, sobretudo pelo aparato midiático. Os indivíduos buscam potencializar sua capacidade de serem atentos a fim de serem capazes de coletar o material simbólico necessário para a construção de identidades válidas (CALIMAN, 2006; HAGNER, 2003). Esta é uma tarefa desafiadora particularmente para crianças e jovens, requisitados



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

diariamente por mensagens que chegam via celular e os diversos tipos de *gadgets*, além de *e-mail*, redes sociais e de relacionamento, fóruns, *blogs*, *fotologs*, família, escola, publicidade e incontáveis produtos que a indústria cultural lança sistematicamente. Fazer uma autogestão da atenção é saber direcioná-la para o que é considerado importante, é desenvolver o que Caliman chamou de *atenção produtiva* (2006), um regime atencional que gera novas possibilidades de subjetividade, neste caso a de um sujeito de sucesso.

Considerações finais

Olhar para as meninas de *Atrevidinha* é enxergar meninas que estão sendo lembradas a todo instante de que estão crescendo e que, portanto, precisam se encaixar num modo de vida diferente, distinto daquele da infância. Os retratos juvenis exibidos por *Atrevidinha*, entretanto, falam de uma pré-adolescência muito particular: feminina, classe média, branca, urbana, alfabetizada nas novas tecnologias, empenhada na eficácia do corpo e da mente, consciente dos problemas relativos ao meio ambiente, despreocupada com assuntos relacionados a namoro. Embora o acesso ao universo adulto esteja menos longo e mais viabilizado, a leitora de *Atrevidinha* ainda está num lugar de proteção, separado. Ainda não é apresentada a conteúdos, por exemplo, na esfera do sexo, da violência, da criminalidade infanto-juvenil, do homossexualismo, da gravidez, do aborto, do uso de drogas. Estas temáticas ficaram de fora da realidade construída pela revista.

É interessante notar que, ao mesmo tempo em que há um apelo claro à *juvenilização/adultização* de crianças, há um esforço para conservar, em parte, o que seria uma suposta inocência da infância. Se, por um lado, a infância parece estar sendo desarticulada e desfeita, por outro, ela pode funcionar como um lugar de segurança para onde se apela diante de determinadas situações. É notória a disseminação da imagem de uma menina que precisa amadurecer, assumir responsabilidades, cuidar de si mesma e, assim, acessar o mundo adulto, mas que também fique fora dele no que diz respeito a práticas condenáveis que incorram em algum tipo de perigo ou ameaça. Sendo assim, os textos de *Atrevidinha* mostram uma *menina* que resiste aos apelos, bastante presentes na mídia, do sexo chamado precoce, das drogas lícitas e ilícitas e do comportamento de risco.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Neste sentido, a leitora de *Atrevidinha* não representa, por exemplo, meninas localizadas nos rincões brasileiros onde o acesso a serviços como saneamento básico não é assegurado e, muito menos, aqueles relacionados às mídias digitais. Não representam também aquelas que vivem nas favelas e periferias das grandes cidades, onde o domínio do tráfico, a ausência do Estado – nos serviços aparentemente dos mais corriqueiros como saúde e educação – as tragédias sociais, o desemprego, a prática do sexo e o uso de drogas são bastante sentidos por todas as faixas etárias, inclusive as crianças.

A leitora de *Atrevidinha* é instruída a amadurecer e aproveitar cada situação – desde os momentos de lazer e brincadeira até aqueles vivenciados na escola – para desenvolver habilidades que lhes serão, de alguma forma, proveitosas. Elas são encorajadas a desenvolverem estratégias para a transição de uma identidade etária *infantil* para uma identidade etária *jovem*. Cabe aqui a maneira como Wærdahl (2005) usa o conceito de *socialização antecipatória*. Embora não sejam adolescentes, começam a experimentar práticas sociais e lançar mão de símbolos e códigos associados a este período da vida como táticas de dar a si mesmas visibilidade diante do grupo ao qual aspiram. Sendo assim, a pré-adolescência ganha força nos discursos midiáticos como um retrato das infâncias que circulam pelas sociedades contemporâneas. Ela se constitui nesse espaço ao qual é possível recorrer diante da decisão de crescer e deixar de ser um sujeito infantil para tornar-se um sujeito juvenil. Tal dinâmica parte de uma estratégia em que as crianças não se limitam a se submeterem às práticas direcionadas por seus cuidadores, mas são incentivadas a agirem sobre si mesmas e se autoconstituírem novos sujeitos.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. A Indústria cultural. In: LIMA, Luís Costa (Org.), *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, pp. 157-204.
- ARIÈS, Phillippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BUJES, Maria Isabel Edelweiss. *Infância e maquinarias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- CALIMAN, Luciana Vieira. *A biologia moral da atenção: a constituição do sujeito desatento*. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

CASTRO, Lucia Rabello de. Da invisibilidade à ação: crianças e jovens na construção da cultura. In: _____ (Org.). *Crianças e jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: Nau Editora: Faperj, 2001, pp. 19-46.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). *Ditos e escritos V. Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a, pp. 192-217.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). *Ditos e Escritos V. Foucault - ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b, pp. 264-287.

_____. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HAGNER, M. *Toward a History of Attention in Culture and Science*. Baltimore-MD, USA: The Johns Hopkins University Press, 2003.

LE MOS, André. Ciber-Cultura-Remix. Disponível em <http://www.andrelemos.info/artigos/remix.pdf>. Último acesso em 25/10/2011.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RAJCHMAN, John. Foucault's Art of Seeing. *October*, v. 44, pp. 88-117, 1988.

TOMAZ, Renata C. de Oliveira. *Da negação da infância à invenção dos tweens*: imperativos de autonomia na sociedade contemporânea. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura), Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2011.

WÆRDAHL, Randi. 'May be I'll need a pair of Levi's before Junior High?': child to youth trajectories and anticipatory socialization. *Childhood*, v. 12, n. 2, pp. 201-219, 2005.



“A Crise Ambiental: o retorno das grandes narrativas?”¹

Seiji Nomura²

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

RESUMO:

Com a derrocada do chamado ‘socialismo real’ e a queda de grandes sonhos como os da ilustração iluminista, aparentemente teríamos entrado em uma era do fim das grandes narrativas de libertação do humano. Para pensadores da linha pós-moderna, os parâmetros históricos e políticos que vigoravam anteriormente teriam ruído e só restariam as micronarrativas em vez de uma grande narrativa de libertação do humano. Diante disso, o trabalho procura questionar não só sobre o aparecimento de uma narrativa de escopo potencialmente universal – a da crise ambiental – como também questiona a ideia das micronarrativas. Ressalta-se a dimensão da crise como uma questão de vida ou morte que, ao contrário do que afirma o ativista americano Al Gore, seria não só moral, mas também política

PALAVRAS-CHAVE: Movimento da Extinção Voluntária do Ser Humano; Natureza ; sociedade; Narrativas; Meio ambiente

Apresentação

Vito Giannotti³, na época um jovem italiano, abriu mão de se formar universitário e perseguir um gordo salário. Junto a dois amigos, saiu da Itália com uma ideia na cabeça: vir para o Brasil e tornar-se um operário, um metalúrgico que como tantos outros, ganhava o seu pão na São Paulo de 1966. Para o grupo, essa era a única maneira de realizar uma transformação real na sociedade, lutando lado a lado com os trabalhadores na busca de seus direitos, que seriam concretizados no alvorecer do socialismo.

Tanto para aqueles que o consideram um tolo iludido quanto para os que almejam essa mesma bravura, é certo que essa história causa admiração ou espanto pela coragem de Giannotti e de tantos outros que lutaram por suas crenças. O que é difícil saber é se essa narrativa deles nos aproximam ou nos afastam. Eclipsados pela aparente falência das grandes utopias, temos a impressão de que os jovens e adultos de hoje só querem saber das revoluções

¹ Trabalho apresentado no GT Comunicação e Diversidade do VIII Seminário de Alunos de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio.

² Mestrando em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Orientador: José Carlos Rodrigues. E-mail: seijinomura23@gmail.com

³ Giannotti não é um acadêmico, mas milita até os dias atuais em movimentos de esquerda e de democratização da comunicação



VII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
22,23 e24 de novembro de 2010

que podem fazer sem sair de seus quartos ou daquelas que fazem por minuto um motor de BMW.

Não faltaram aqueles que, reconhecidos como filósofos, antropólogos ou historiadores, anunciaram a plenos pulmões o fim da história, das grandes narrativas ou até mesmo do próprio Real, devido ao predomínio em larga escala de uma única forma de pensar e organizar o mundo. Mesmo hoje, em 2011, quando diversos povos dão o sinal de que a sociedade pode e deve mudar, ainda não é possível dizer sem gaguejar ou mostrar alguma dúvida que as grandes utopias de libertação do ser humano passam bem.

É muito mais comum olhar para as instituições que assentaram a identidade do homem ocidental moderno, como a família, os Estados-nação, a religião, as classes sociais, entre outras, e dizer que elas foram “descentradas” ou mesmo que não estão mais válidas, tendo sido substituídas por múltiplos pertencimentos ou até mesmo potencialmente infinitos fragmentos. À maneira de Foucault ou de Hall, para citar alguns dos teóricos recentes mais combativos, o foco dos estudos e das lutas deve se mudar para as micropolíticas como o movimento feminista, o antimanicomial, os movimentos pelos direitos dos imigrantes do que para lutas universais que estruturam a sociedade. Outros pensadores, mais ‘integrados’, comemoram o hibridismo cultural e até celebram, dizendo que “a periferia agora está no centro” ou procuram afirmar que a tecnologia integraria finalmente a humanidade como um todo.

Nesse contexto, há uma grande desconfiança em relação a discursos totalizantes ou ‘verticais’, no linguajar do filósofo Vilém Flusser. Associam-se os horrores do fascismo e a repressão da riqueza das culturas orais às sociedades da escrita, da história ou do pensamento linear e se valoriza o contato ‘direto’, a voz, a presença, por vezes até propondo não haver diferença entre mito e história. Outros, como McLuhan, comemoram o alvorecer de uma nova era da oralidade, integrativa, comparada à fragmentação da escrita, e que poderia levar o mundo a uma nova era em que seríamos uma ‘aldeia global’ (MCLUHAN:1974;29). Quando há um exame mais estrutural, o que em geral é apresentado é um quadro de desespero platônico pelo ‘desaparecimento do Real’ (Baudrillard), uma comemoração das múltiplas identidades sem qualquer eixo comum ou uma saída como a do filósofo americano Richard Rorty, que nega qualquer universal, mas propõe uma constante reconfiguração sensível das narrativas dos indivíduos para comportar a diferença, baseado na sociedade liberal



VII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
22,23 e24 de novembro de 2010

estadunidense — muitas vezes cego ao fato de que a sociedade da qual provém foi vetor da desestruturação e dominação de muitas outras.

Também não faltam aqueles que, no esteio dos estudos antropológicos e do máximo pessimismo diante da proliferação de mediações, almejam retornar franciscanamente ao seio das antigas comunidades, esquecendo-se da rigidez dos lugares que marca muitas delas e de que ninguém foge definitivamente de seu tempo. Pelo contrário, até mesmo essa ânsia de se tornar um outro produzido em laboratório é uma marca da contemporaneidade, retratada em filmes da cultura de massas como “A Vila” e “Avatar” e de maneira distópica em “Dogville”.

Diante desse quadro, a figura do intelectual como aquele que fala pelos outros, cujas vozes são abafadas pelo relinchar dos cavalos do progresso, é duramente questionada. Uma figura como Giannotti que renuncia a uma vida de estudos e de livros para militar entre os operários parece algo muito distante. A ideia de um intelectual que se insurge contra o poder dominante perde força mesmo para filósofos combativos como o já citado Michel Foucault, que supõe que o papel do intelectual é fazer teorias que problematizem as práticas e instituições, e Deleuze, que defende a filosofia como uma guerrilha onde somos todos pequenos grupos nômades enfrentando os esquemas centralizadores do poder

Chama a atenção, porém, nesse caleidoscópio de lutas potencialmente tão diversas quanto as contas de um cordão que se arrebenta, uma causa que aparentemente não tem outra opção senão ser global e vertical. Na chamada crise ambiental, cujo principal fenômeno é o aquecimento global⁴, o que se coloca em questão não é a libertação de um ou outro grupo, nem lutas locais e pontuais, mas a Morte absoluta, da qual não escapa homem mulher, planta ou animal, não importa se estão em um Starbucks em Nova Iorque ou em uma tribo que nunca teve contato com o homem branco. Pelo menos é o que nos contam os ambientalistas, cineastas e políticos com muita razão de falar assim — pois as escalas estão muito além da humana —, mas muitas vezes se esquecendo de apontar que as nações e as pessoas mais pobres — logo as que menos contribuíram e contribuem tanto para os gases do efeito estufa quanto para o esgotamento dos recursos naturais — estão sendo as mais afetadas. Há, ainda, um segundo ponto que é esquecido, este mais positivo, que é o de que mesmo que a vida

⁴ Em geral, a comunidade científica das ciências naturais propõe que se chame o efeito de ‘mudanças climáticas’, para não passar a impressão de um aumento uniforme da temperatura



humana acabe, há a possibilidade de a vida na Terra continue; mas vamos deixar essa alegria de consolo caso realmente haja o tal apocalipse.

O que importa, no contexto deste trabalho, é nos perguntarmos como essa possibilidade se relaciona com o contexto da crise das grandes narrativas. Será que em meio a tantas supostas diferenças e desigualdades, a causa ambiental se mantém como as outras lutas, dentro de um ‘social’ brilhantemente imaginado por Noval Baitello Júnior (ao descrever um exemplo do pensamento em superfície de Flusser) “como um enxame de grãos, pessoas encolhidas à dimensão de insetos, que se coagulam em torno de interesses e se dispersam novamente em busca de novos enxames e novos interesses” (BAITELLO JUNIOR:2008;10)? Ou será que é necessário se reforçar algo do espaço público, do social integrado para superar essa crise? Seria ela, também, instrumento da globalização ou, por evidenciar a contradição entre a escala industrial e os ciclos naturais, causa para novos movimentos da história?

A grande narrativa de nossos tempos

Antes de nos debruçarmos especificamente sobre a questão ambiental, cabe agora questionar a própria “crise das grandes narrativas”. Há a hipótese⁵ de que este conflito remonta parte da tensão entre os sofistas e Platão na Grécia antiga, guardadas várias diferenças históricas. Os primeiros privilegiavam a dimensão da enunciação, na qual um discurso ganha sentido e se legitima somente em função da adesão dos membros da pólis (algo como ‘cidade’). Para os sofistas, o Real ou não era acessível ou se for acessível, não podia ser conhecido, ou caso possa ser conhecido, não é comunicável. O discurso verdadeiro para o sofista é o discurso do poder, marcado pela posição de quem fala. Cabe observar, porém, que a sociedade grega antiga não era marcada pelo individualismo nem pela mobilidade social, para evitar anacronismos.

Já Platão defendia que a Idea, que para nós corresponderia ao Real, não estaria no mundo. Tudo o que veríamos e sentiríamos seriam apenas aparências, cópias das Ideas, pois a verdade seria, para Platão, una, eterna, imóvel e imutável. A verdade não estaria na enunciação e nem nos enunciados, mas em um mundo à parte do qual só poderíamos nos

Este trecho do trabalho se baseia em D’AMARAL (2004), SODRÉ (2009), FIGUEIREDO (2010) e no diálogo ‘Górgias’ de Platão, mas principalmente nas aulas dos professores Márcio Tavares D’Amaral e Vera Lúcia Follain Figueiredo⁵



VII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
22,23 e 24 de novembro de 2010

aproximar através da contemplação. Cabe lembrar, porém, que o critério para avaliar um discurso é a sua conformidade em relação a uma verdade externa a este.

Na modernidade, um dos filósofos que marcou o pensamento sobre a verdade foi René Descartes, no começo do século XVI. Em seu “Discurso do Método”, o pensador se questiona sobre a existência de todas as coisas à sua volta e até de sua própria realidade, levantando a hipótese de que um gênio maligno pode estar criando projeções ilusórias. Como garantia de existência de algo de Real, o filósofo percebe que para fazer tudo aquilo ele estaria pensando, o que serviria como a prova que ele procurava. Daí a frase, há muito tempo batida, “Penso, logo existo”. Milhares de críticas foram escritas mostrando os erros de Descartes, dentre elas os poderosos aforismas Nietzscheanos, mas o que cabe observar aqui é que a possibilidade de acesso direto ao Real é obra de um ‘eu máximo’ do pensamento, que seria capaz de se abstrair completamente do mundo.

É esse ‘eu máximo’ que seria capaz de produzir um discurso absolutamente racional e, mesmo que não seja imediatamente correspondente ao Real, se aproxima progressivamente dele. Ironicamente, ele é o sujeito da objetividade dura, sem ‘mas’, e que, em vez de ser parte de uma comunidade, de um mundo, é antes o que garante a sua própria existência somente em sua própria racionalidade – portanto também é o ‘eu mínimo’. Há algo nessa concepção de mundo que, ao negar que o real seja multifacetado e que permita múltiplas interpretações, foi aquele que embasou o processo imperialista, chamado de ‘civilizatório’, e a noção positivista de progresso.

As grandes narrativas contadas por esse sujeito pressupõem uma objetividade dura, que separa absolutamente o mundo em verdadeiro ou falso, eu e o resto, homem e natureza, entre outros dualismos, muitas vezes sem matizes ou meio termos. Isso justifica visões de certas sociedades como “primitivas” simplesmente por não dispor da tecnologia das sociedades ocidentais. Em termos lingüísticos, tenta apagar a enunciação e ressaltar o enunciado como um absoluto que, se não pode chegar a se conformar ao Real, progressivamente se aproxima — só que, lembremos, isso depende simultaneamente da capacidade de o sujeito acessar o Real diretamente no início, mas também da capacidade desse enunciado funcionar longe do sujeito que produziu o discurso. Isso daria uma abertura no que se refere à interpretação dos enunciados e disponibiliza uma exterioridade – o Real ou algo que o valha como direitos humanos universais – com a qual os sujeitos podem defrontar



VII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
22,23 e 24 de novembro de 2010

o discurso. A ideia de um Real unilateral, porém, deu margem a políticas como o fascismo, em que os indivíduos de uma sociedade só importam na síntese do Estado.

O paradigma pós-moderno das micronarrativas retoma muito do pensamento dos sofistas, porém, em vez de ligar o discurso verdadeiro a quem seria o portador do poder⁶, adapta-se a lógica da enunciação a um paradigma individualista e liberal, típico da economia capitalista de produção flexível. Os enunciados só seriam válidos dentro de seus âmbitos de enunciação (ou os seus contextos), pois não existiria Real ou este poderia até ocorrer, só que deixaria de ser interessante diante das peripécias da eficácia. Dentro dos pequenos grupos de que se compõem as ‘tribos’ pós-modernas, ainda haveria alguma referência, no âmbito das convenções e dos acordos, que permitiriam algum “debate”, mas este seria sempre no âmbito privado. Fora das comunidades de convenção, não haveria exterioridade a que se referir (por exemplo, Baudrillard afirma que o simulacro toma o lugar do Real enquanto Rorty afirma que não há razão universal, somente justificações), o que impossibilitaria o debate público que não fosse em torno de discussões linguísticas ou de convenções. O máximo que se poderia produzir seriam agregados de opiniões particulares (daí a figura do consenso, configurada nos números das pesquisas de opinião); ou, como pretendeu Rorty — talvez o mais sofisticado dos pós-modernos —, identificações sensíveis que permitiriam a convivência e a redefinição da convenção de grupos, para comportarem mais membros (de onde ele tira sua proposta de redescrição – extremamente útil mesmo fora do pós-modernismo).

Ainda não está claro se algo de novo se segue ao paradigma pós-moderno em termos de teoria, como forma hegemônica. Porém, é marca comum de diversos pensadores brasileiros, como Márcio D’Amaral, Muniz Sodré e José Carlos Rodrigues, recuperar o conceito (e a realidade) do Real. Todos eles — receosos dos males da crença cega do ‘progresso’ tecnocrata — indicam que há no Real ou aspectos multifacetados, ou que não há acesso direto do conhecimento do humano ao mundo, sendo este sempre mediado por mitos, ideologias e pontos de vista. Em qualquer caso, o que se observa é uma tentativa de conciliação entre a dimensão da universalidade e a da diferença, onde se abre a porta para projetos totalizantes e narrativas abrangentes de explicação das sociedades e do mundo, mas

⁶ Em termos, pois pensadores como Foucault ou Baudrillard pensavam o poder como micropolítico ou como algo que não pode ser dado e nem possuído. Está na própria forma da sociedade ou no território entre os membros dela, mais do que nas mãos de uma classe dominante.



VII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
22,23 e24 de novembro de 2010

que dão espaço para o acaso e a diferença. O autor deste texto crê fortemente nesta terceira hipótese, que ganha em força política com a crise ambiental, mas isso não é necessário para entender o ponto onde o texto deve chegar.

O que importa é assinalar que as ‘grandes narrativas’ de libertação do homem não acabaram tendo consequências totalitárias pelo fato de procurarem lutar por direitos e deveres universais para a humanidade ou por enfrentarem (ao menos teoricamente) a desigualdade e a miséria. É bem provável também que seus fracassos não tenham sido culpa de um ditador que ‘traiu a causa’ ou de um imprevisto qualquer, mas por falhas sistemáticas, causadas por não se abrir para a diferença e o acaso. Pelo menos é essa a aposta, pascaliana, que se faz aqui.

*

Mas se há aqueles que se apressam em proclamar esse fim, há também quem procura apontar que, apesar de tudo, sempre se trata de uma grande narrativa de libertação do humano, embora umas sejam mais contraditórias que as outras. Pousando os olhos sobre a grande diversidade de fluxos irrompendo a velocidades espantosas e ao cruzar nas ruas com mulheres muçulmanas de véu, acadêmicos seguidores do candomblé e jovens punk, às vezes é fácil se deixar fascinar pela ideia de que viveríamos em uma ‘sociedade aberta’ ou em um meio marcado por uma multiplicidade de micronarrativas sem um ‘universal’, mesmo que seja limitado.

O sociólogo David Harvey abriu caminho para se repensar isso em “A Condição pós-moderna”, ao apontar para o materialismo que estrutura essa aparência. Segundo ele, associando modernidade ao modelo fordista e pós-modernismo ao modelo flexível de produção, observa que o binômio modernidade/pós-modernismo pode ser pensado como “relações interiores no interior de um todo estruturado. (...) vemos as categorias do modernismo e do pós-modernismo como reificações estáticas impostas à interpenetração fluida de oposições dinâmicas” (HARVEY:1989;305). Sendo assim, haveria uma oscilação entre “centralização e descentralização, entre autoridade e desconstrução, entre hierarquia e anarquia, entre permanência e flexibilidade” (HARVEY:1989;305), entre outras. Um dos estudiosos que procura questionar a fragmentação do pós-modernismo, o antropólogo José Carlos Rodrigues contraria tendências atribuídas a sua área ao tentar delinear uma grande narrativa do capital:



VII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
22,23 e24 de novembro de 2010

“auxiliados pelas marcas e pelos produtos, os consumidores que nós somos podem conquistar a liberdade, fugir das burocracias e das hierarquias, sempre com beleza, saúde, sucesso, amor, fartura, lazer, sorrisos... e isso de maneira fácil, sem esforço, feito especialmente para você e grátis”
(RODRIGUES:2006;28)

De fato, o enredo acima engloba uma série de mitos que atravessam o cotidiano de nossas sociedades ocidentais, tais como o ‘self-made man’⁷ — cujo tradicional exemplo é o filme “Rocky”, mas pode ser adaptado para figuras como o ex-presidente brasileiro Luís Inácio Lula da Silva — e o da falsa oposição entre segurança e liberdade⁸ — que alimenta grande parte da parafernália de vigilância que marca nosso dia-a-dia. Essa mesma configuração estende-se para as formas de se enfrentar a crise ambiental, quando se declara que não há contradição entre economia ou desenvolvimento e meio ambiente (como faz o político americano Al Gore em “Uma verdade inconveniente”, um dos filmes que marcou os movimentos ambientais recentes), mas se faz vista grossa para o fato de que se toda a população mundial consumisse como os Estados Unidos, as reservas de petróleo conhecidas do mundo acabariam em sete anos — sendo que levaram milhões de anos para se depositarem. Igualmente, todo o aparato de meios de transporte, comunicação e eletrodomésticos é insustentável.

Pode-se argumentar, como de fato se faz, que podem ser descobertas fontes renováveis de recursos minerais que permitirão se evitar a escassez das reservas de combustíveis fósseis e diminuir os gases que contribuem para o efeito estufa⁹. Mas o nosso sistema de produção depende de considerar a natureza como um recurso virtualmente inesgotável para ser usado para um progresso que, também, nunca deve ter fim. Nossos meios de produção trabalham em escala industrial enquanto os recursos naturais se renovam em ciclos muito mais lentos; por exemplo, “a metade do petróleo bruto conhecido até por volta de 1970, gerado desde a origem da humanidade, foi consumida nos 10 anos anteriores” (RODRIGUES:2006;216). Enfrentar a crise ambiental em sua radicalidade — questão de vida ou morte — deve ser necessariamente uma quebra do paradigma pós-moderno de que não existem universais (ainda que restritos) ou

⁷ O mito do homem que sai das classes pobres e ‘se faz vencedor’

⁸ Ver ‘Razões do risco e riscos da razão’, de José Carlos Rodrigues, em Comunicação e significado (2006)

⁹ Fenômeno natural, mas cuja amplificação — atribuída a emissões elevadas de gás carbônico pelas indústrias — é apontada como uma das maiores causas do aquecimento global



VII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
22,23 e24 de novembro de 2010

da ideia de que só devemos nos confrontar com as causas locais. A mudança necessária é transversal e sistemática, ainda que não totalitária.

Mas o fato dessa contradição radical existir não significa que ela esteja às claras, até porque na verdade ela já existia muito antes de estar em questão como está hoje. Na realidade, a maior parte da chamada “onda verde” atual é parte de uma tentativa de conciliar a forma de vida da sociedade atual com o meio ambiente através de medidas administrativas ou pontuais como economizar água ou reciclar papel e outros produtos vistos como “dejetos”. Pode-se dizer, até, que estivemos mais próximos de uma visão mais equilibrada do assunto nos anos 70 quando pipocavam cá e lá propostas como a do Clube de Roma, um grupo de empresários que defendiam o “crescimento zero” (AGUIAR:2010;4), ainda que na época o problema fosse visto como o da escassez e que seja expresso no vocabulário economicista.

Na atualidade, esse discurso perde força em função de uma adesão de diversas empresas a “políticas verdes” entre muitas aspas, como a de reflorestamento ou a de compensar suas “emissões de carbono”. Por outro lado, porém, mesmo que seja configurado por uma miopia quanto às contradições desenvolvimento/meio ambiente, o momento atual também é o do aumento da força desse discurso, que vem ganhando em expressividade ao redor do mundo. Mesmo sendo produto de uma consciência ecológica superficial, a assinatura do protocolo de Kyoto por grande parte dos países capitalistas centrais significa que a crise ambiental é um problema que está sendo reconhecido pela populações desses países, o que pode ser um passo.

Não seria, porém, o mesmo caso com as contradições que envolvem a separação entre trabalho manual e intelectual, com a valorização deste último, e a exploração da força de trabalho? A crítica é válida, mas no caso da crise ambiental, mesmo o poder não pode tratar a questão com simples reformas eternamente produzidas, com uma lógica de melhoras ou concessões ou ainda com a fragmentação indefinida do problema. Além de se tratar de uma questão que pode erradicar a espécie humana como a conhecemos, ela mexe diretamente com a própria lógica do poder.

“como Hegel nos ensinou em sua *Fenomenologia do Espírito*, não é na minha morte que o poder está interessado, não é dela que se nutre: pelo contrário, é minha vida que preenche essas funções. Por isso, o dominante permite ao dominado que viva e a isto até o obriga. Por isso adia sua morte”
(RODRIGUES:2006-2;243)



VII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
22,23 e24 de novembro de 2010

O poder se baseia nesse adiamento da morte, sendo que em nossa sociedade alcança inclusive a fantasia de que as ciências biológicas e da saúde poderiam potencialmente tornar o indivíduo imortal. Ao contrário do clichê que afirma que o poder se baseia no controle sobre a morte dos indivíduos, ele está muito mais em incitar o medo da morte e se colocar como o responsável pelo afastamento deste risco. Com o aquecimento global e as outras crises ambientais, o colapso que pode causar essa morte é interno à própria lógica do sistema, não é causado por um Outro que pode ser afastado ou controlado pela implementação de mais e mais precauções sistemáticas e tecnologias de segurança e controle.

Com isso, torna-se cada vez mais tentadora a fantasia de tornar-se outro, ser fora da civilização ocidental ou até mesmo do planeta. O maior sucesso de bilheteria da história do cinema e um dos filmes mais caros da história, o ‘blockbuster’ “Avatar” lida diretamente com esse sonho. Na narrativa, os seres humanos necessitam explorar recursos naturais de outros planetas para poderem continuar com sua civilização. Extremamente bélicos e dotados de altíssima tecnologia militar e de transporte, os terráqueos chegam ao planeta de Pandora, praticamente uma reedição do jardim do éden, mas com um ecossistema com seus animais predadores de grande porte e humanóides similares aos humanos, só que muito mais conectados com a selva onde vivem, azuis e gigantes, os Na’vi. Chegando a Pandora, para empreender sua devastadora rotina de extração, os humanos empregam uma máquina que permite que deles, Jake, adote o corpo de um dos nativos e viva entre eles para conseguir acesso mais fácil aos recursos que procuram. No final da história, assim como o próprio espectador, o homem que adotou o corpo do alienígena, acabe se juntando aos nativos contra os próprios seres humanos, apaixonado por uma forma de vida “mais próxima da natureza”. A proximidade com as narrativas da colonização não é casual.

Na realidade, porém, o ser humano está muito longe de colonizar outros planetas, estamos vinculados à Terra, compartilhada entre as nações ocidentais, muçulmanas, outros Estados nação e qualquer comunidade tradicional ou Hippie. Isso pode querer dizer que a estratégia de São Francisco de Assis de deixar de lado a civilização e ‘seus pecados’ e fundar ou ir viver em uma comunidade com novos valores não é mais possível. Por outro lado, também, não há dúvida de que as comunidades tradicionais têm uma relação mais equilibrada com a natureza e, se não há mais “fora” das consequências da sociedade ocidental, é no mínimo irônico que após décadas e mais décadas de escritos e ações sobre o processo



VII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
22,23 e 24 de novembro de 2010

“civilizatório” de povos ditos “primitivos” seja necessário um processo parcialmente às avessas. É muito provável que tenhamos de deixar de lado algo da nossa “civilização” ocidental se quisermos superar a crise ambiental, desenvolvendo novas formas de viver, novas técnicas e tecnologias.

Em se tratando de rever os valores que estruturam a nossa e outras sociedades, é provável que volte a ter relevância a figura de intelectuais que ambicionem não apenas enfrentar lutas locais, mas que defendam valores universais, mesmo que condicionais. O que pode ser surpreendente para nós da academia, porém, é que vários desses valores talvez não sejam aqueles que defende a nossa sociedade ocidental e que muitos desses intelectuais não sejam dos países ‘centrais’.

A capacidade de narrar da Distopia

“Trabalhadores do mundo, uni-vos”, escreveram os filósofos Karl Marx e Friedrich Engels em sua mais célebre, porém hoje batida frase. Quando eles a cunharam, provavelmente esperavam que a fonte de união e luta de cada um dos proletários fosse a construção de uma sociedade igualitária. É bem verdade que esse quadro de superação das contradições de uma sociedade falha por outra que seria ideal soa bem mais agradável que o tic-tac de uma bomba-relógio indicando a possibilidade do fim do mundo, ainda mais quando nós, ocidentais, não aparecemos como os libertadores, mas os culpados. Quando se pensa nisso, é difícil deixar de achar que o que se desenha à frente é um horizonte de medo.

É por isso que o comunicólogo Leonel Aguiar, ao investigar as representações da crise do meio ambiente no jornalismo científico, observa que há uma “construção de uma heurística do medo, na qual o signo da negatividade esvazia a possibilidade da ação política” (2010;1). Ele observa:

“O princípio da responsabilidade (...) não consegue erigir uma nova ética que vise ao processo de simbiose entre a humanidade e um objeto frágil e precário como a biosfera. Por ser direcionada pela antecipação das ameaças e o controle dos riscos, esta responsabilidade torna-se um dever moral guiado pelo sentimento coletivo do medo”
(AGUIAR:2010;14)

No famoso documentário “Uma verdade inconveniente”, o político americano Al Gore faz eco às observações de Aguiar: “A questão ambiental é moral, não política”. O ponto



VII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
22,23 e 24 de novembro de 2010

levantado por ambos é seriíssimo, por isso, é necessário um pequeno recuo para levá-lo em consideração e recuperar o sentido político da distopia.

Em cada sociedade, há sempre diversas temporalidades, embora haja sempre a preponderância de uma. É fácil observar isso, pois as comunidades tradicionais, vistas geralmente como dotadas de uma concepção de tempo mais cíclica que a nossa, contam narrativas mais ou menos diacrônicas, que se baseiam em uma sucessão temporal. Na sociedade ocidental, os mitos do progresso e da acumulação da riqueza são narrativas baseadas na forma cronológica e em um tempo progressivo virtualmente infinito, em que se pode ter cada vez mais (não só bens, mas também conhecimentos, experiências e prazeres). Só que a morte como o fim do tempo e da vida, como cultivou nossa sociedade, também é o fim da acumulação. O enfrentamento coletivo da morte do mundo como a distopia do capital implica uma mudança na concepção temporal crono-lógica, possível até certa medida dentro dos nossos padrões, mas que no limite contradiz diretamente o projeto capitalista. Ou como cantou o sambista negro Wilson Batista, “Tenho pena daquele/ que se abaixa até o chão/ enganando a si mesmo/ por dinheiro ou posição/ nunca tomei parte/ desse imenso batalhão/ pois sei que além de flores/ nada mais/ vai no caixão”.

Diante disso, pode parecer que o que se defende é a morte autoinfligida do capital pelo extermínio de toda a humanidade. Há, porém, um sentido fundamental da morte que a nossa consciência ocidental faz esquecer, faz apagar ao tentar desdobrar o tempo para transformá-lo em uma linha crono-lógica. A morte em nossa sociedade vira um tabu tão poderoso que se esquece que estar vivendo é simultaneamente estar morrendo e que é a consciência da morte que impele originariamente o homem à ação. “a liberdade do homem exige a existência da morte e é esta existência – não temida – que o impele a ousar e não a esperar” (RODRIGUES:2006-2;245). Só superando a dicotomia entre morte e vida — que baseia o poder, a hegemonia da temporalidade crono-lógica e a acumulação material — é que se pode recuperar o sentido político da distopia ambiental e se pode perceber que não se trata de julgar e condenar a história da civilização ocidental, culpando-a por todos os nossos males e esquecendo-se de suas glórias. Esse sentido é o de construir novas possibilidades políticas e um novo modelo de sociedade que não compartilhe das mesmas contradições do sistema capitalista e nem repita sua ideologia produtivista de acumulação e a dimensão exploradora da natureza. A única possibilidade real de superação da distopia do fim do mundo é através de



VII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
22,23 e 24 de novembro de 2010

uma nova utopia de libertação do humano e da natureza, superando não só as micronarrativas fragmentadas da pós-modernidade, mas também outras concepções da nossa civilização ocidental.

Bibliografia

AGUIAR, Leonel. *Representações da crise do meio ambiente no jornalismo científico*. 1ªed. Rio de Janeiro: Arquivo digital da Compós, 2010.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa : Relógio D'Água, 1981

D'AMARAL, Marcio Tavares. *Comunicação e diferença*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Col. Os Pensadores.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain. *Narrativas Migrantes*. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2010.

FLUSSER, Vilém. *O universo das imagens técnicas*. São Paulo: Annablume, 2008

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997.

HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós-modernidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução de Décio Pignatari. 4º ed. São Paulo: Cultrix, 1974

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. São Paulo: José Olympio, 2002.

RODRIGUES, José Carlos. *Comunicação e Significado*. Rio de Janeiro, Editora Mauad, 2006.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da Morte*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2006-2



VII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
22,23 e24 de novembro de 2010

RORTY, Richard. *Pragmatismo – A filosofia da criação e da mudança*. 2ªed. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2000.

SODRE, Muniz. *A Narração do Fato*. 3ª ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2009.

Weblografia

http://www.mra.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=100&Itemid=41, acessado em 21/06/2011, 11h30



Sobre o que deveria ser público e o que poderia ser privado na divulgação da produção acadêmica científica ¹

Sueli Ferreira Schiavo²
Universidade Paulista – UNIP

RESUMO

Neste texto há uma reflexão relativa a acesso ao conhecimento do texto acadêmico científico, discute sobre quando este migra para o mercado editorial de livros, fundamenta na visão de autores da teoria crítica da sociedade, entre outros, Jürgen Habermas, Hannah Arendt, Nestor Garcia Canclini, Zygmunt Bauman. Analisa o que deveria ser público e o que poderia ser privado, principalmente quando a produção do texto elaborado é originada por recursos públicos de fomento à pesquisa acadêmica científica. Aponta a necessidade de identificar e solucionar entraves para dar conta do interesse social de acesso ao conteúdo elaborado e propõe o investimento em políticas públicas dentro de uma perspectiva de novas possibilidades na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: público; privado; produção científica

Contexto atual

Neste período contemporâneo, em que alguns autores denominam como auge da modernidade e outros como pós-modernidade³, estabelece-se uma vida de consumo e uma situação acentuadamente muito desigual entre as pessoas.

¹ Trabalho apresentado no GT Comunicação e Diversidade do VIII Seminário de Alunos de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio.

² Mestranda em Comunicação – Universidade Paulista-UNIP, área de concentração Comunicação e Cultura Midiática - Orientador Prof. Dr. Milton Pelegrini - objeto de pesquisa, Políticas Públicas para a Divulgação da Produção Científica Livre - suelischivo@gmail.com, graduada em Psicologia.

³ Como exemplo, Zygmunt Bauman (sociólogo polonês) denomina esse período como líquido moderno, isto é, para esse autor este período é o auge da modernidade, e para Boaventura de Sousa Santos, (sociólogo português) utiliza a expressão de pós-modernidade.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Os grandes centros urbanos se caracterizam por uma “ordem e uma desordem demográfica”, com uma forte expansão para a periferia representando um desequilíbrio e uma dificuldade de acesso a bens e serviços, uma ‘urbanização desurbanizadora’, como comenta Canclini⁴. Frequentes situações de diferentes tipos de violência são relatadas, queixas sobre a precarização das condições de trabalho, dificuldade da mobilidade, vínculos sociais frágeis, situações de imprevisibilidade, representando um desafio constante no cotidiano das pessoas. No campo também é frequente o relato de casos de situações de violência e exploração. Estas situações parecem estar sempre solicitando atenção de quem pode ajudar a investigar soluções.

A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência. O mundo no qual transcorre a *vita activa* consiste em coisas produzidas pelas atividades humanas; mas, constantemente, as coisas que devem sua existência exclusivamente aos homens também condicionam os seus autores humanos. Além das condições nas quais a vida é dada ao homem na Terra e, até certo ponto, a partir delas, os homens constantemente criam as suas próprias condições que, a despeito de sua variabilidade e sua origem humana, possuem a mesma força condicionante das coisas naturais. (ARENDT, 2007, p. 17)

A busca de soluções, pesquisa sobre outras possibilidades, novos caminhos para uma transformação social, implica em ações que aproximem pesquisadores dos conhecimentos que lhes são necessários para que apresentem suas contribuições. "É necessário repensar inovadora e radicalmente a idéia de universidade para que esta se possa transformar numa universidade de idéias". (SANTOS, 1989) Limitar a pesquisadores o acesso a conteúdos de produção científica, a partir de um trabalho fomentado com recursos públicos, em tese, priva esses pesquisadores de subsídios que podem ser relevantes para as suas produções.

O objeto de pesquisa em nível de mestrado desta autora trata-se da contribuição para construção de políticas públicas para a divulgação da produção acadêmica no strictu sensu, isto se relaciona à produção de teses, dissertações, artigos científicos, resultados

⁴ Em “Cidades e Cidadãos Imaginados pelos Meios de Comunicação”, Nestor Garcia Canclini, filósofo argentino radicado no México.



VIII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

de pesquisas, anais de congressos. Parte dessa produção tem migração para o mercado editorial de livros. Outra parte desejaria migrar para esse mercado, porém não consegue por questões do interesse comercial das editoras. Ao comprar o direito de publicação de um texto do pesquisador, a editora tem a produção do livro protegida pela lei do direito autoral, lei nº 9610 de 19 de fevereiro de 1998.⁵ Apesar da existência da Portaria da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) nº 13 de 12 de fevereiro de 2006⁶ que “Institui a divulgação digital das teses e dissertações produzidas pelos programas de doutorado e mestrado reconhecidos”, o estabelecido nessa Portaria não atende a toda a produção acadêmica científica que é elaborada e que pode migrar para o formato de livro, nem é suficiente para resolver a questão de pesquisadores que venderam seus direitos de autoria para as editoras, e estas por motivos diversos possam ainda não ter produzido o livro, outros casos em que possam ter produzido, porém não ter promovido a divulgação do livro impresso.

Um livro é um suporte midiático reconhecido e valorizado socialmente, demanda um investimento e uma infraestrutura para sua formatação, impressão, publicação, distribuição que implica em um custo. A lógica de mercado comercial avalia a importância dos temas em relação ao interesse e o retorno sobre o investimento, diferentemente do que pode ser analisado em relação ao interesse científico de pesquisadores que poderiam ter acesso ao conteúdo científico, sendo que aqui nos referimos principalmente aos conteúdos produzidos por fomento com recurso público.

Dentro do contexto social contemporâneo que evidenciamos aqui, o custo comercial do livro, limita, o acesso ao texto científico elaborado com recurso público e que emigrou para o mercado editorial de livros. Outra questão que em tese pode ocorrer, é de que a editora, ao comprar o direito de publicação de um texto elaborado pelo pesquisador, além de ficar detentora dos direitos autorais, também será a única responsável pela avaliação

⁵ Lei 9610 de 19 de fevereiro de 1998. <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L9610.htm>> acessado em 27.05.2011.

⁶ Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria_013_2006.pdf> acessado em 27.05.2011.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

sobre a importância e o interesse da publicação desse texto científico no suporte midiático livro. A lei de direito autoral, lei nº 9610 de 19 de fevereiro de 1988 permite a uma editora adquirir o direito autoral sobre um texto de produção científica mesmo que fomentado por recursos públicos.

A lei protege e dá garantias dos interesses econômicos, porém precisamos entender o que especificamente está sendo atendido pela lei, principalmente no momento em que refletimos sobre o texto elaborado por pesquisador que recebeu subsídio com recurso público.

Mas, para além da concordância sobre a idéia de que a regra é preferível ao arbítrio e a liberdade à servidão, resta saber quais fenômenos são exatamente designados por esses termos. Como cada uma das palavras implicadas na política, a palavra "direito" é o homônimo de coisas muito diferentes: disposições jurídicas dos códigos e das maneiras de pô-las em prática, idéias filosóficas da comunidade e do que a funda, estruturas políticas do dano, modos de gestão policial das relações entre o Estado e os grupos e interesses sociais. A simples celebração do Estado de direito entra então nas cômodas abreviações que permitem em face do não-direito dos Estados arqui-policiais, unir todos esses "direitos" heterogêneos num único não-questionado do direito, feito da harmonia feliz entre a atividade legislativa do poder público, os direitos dos indivíduos e a inventividade processual dos escritórios de advocacia. (RANCIÈRE, 1996, p. 110)⁷

Existe a necessidade da construção de políticas públicas para dar conta da complexidade que esta temática da divulgação acadêmica científica representa, uma vez que, em tese, se configure uma situação de hegemonia⁸, representada pelo poder econômico de um lado, por outro lado também a valorização social do objeto midiático livro, que mantém esse modelo, bem como analisando que na contemporaneidade temos outros instrumentos e recursos que podem ser utilizados, por essas razões apontadas e pela complexidade desse cenário, é importante para o atendimento do interesse social que se faça um estudo sobre a construção de políticas públicas integradas.

Política pública é definida aqui como o conjunto de ações desencadeadas pelo

⁷ RANCIÈRE, Jacques. O Desentendimento. Editora 34. 1996.

⁸ No livro: GRUPPI, Luciano. O Conceito de Hegemonia em Gramsci. Ed. Graal, 1978, na pág. 3 encontramos: "hegemonia é apresentado por Gramsci em toda sua amplitude, isto é, como algo que opera não apenas sobre a estrutura econômica e sobre a organização política da sociedade, mas também sobre o modo de pensar, sobre as orientações ideológicas e inclusive sobre o modo de conhecer."



VIII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Estado, no caso brasileiro, nas escalas federal, estadual e municipal, com vistas ao bem coletivo. Elas podem ser desenvolvidas em parcerias com organizações não governamentais e, como se verifica mais recentemente, com a iniciativa privada. (Wikipedia, 2008)⁹

Pensando em por que precisamos da construção de políticas públicas para fundamentar a condição no que se refere à divulgação da produção científica, buscamos uma explicação de Fábio Konder Comparato:

“Há uma questão que deve ser analisada previamente à definição de política pública: a política não é uma norma nem um ato jurídico; no entanto, as normas e atos jurídicos são componentes da mesma, uma vez que esta pode ser entendida como "um conjunto organizado de normas e atos tendentes à realização de um objetivo determinando". As normas, decisões e atos que integram a política pública têm na finalidade da política seus parâmetros de unidade. Isoladamente, as decisões ou normas que a compõem são de natureza heterogênea e submetem-se a um regime jurídico próprio”. (COMPARATO: 1997, p. 18)

A produção acadêmica a que nos referimos

A produção acadêmica referida aqui neste artigo diz respeito aos textos elaborados pelo segmento de pesquisadores do denominado *stricto sensu*, que se relaciona a teses e dissertações nos cursos de mestrado e doutorado, além de artigos, pesquisas, anais de congressos, entre outros.

Assim como era impossível fazer circular uma música sem um suporte específico (disco de vinil, fita magnética ou CD), a indústria das editoras, desenvolveu-se na relação necessária entre texto e livro, porque a imaterialidade primeira da linguagem escrita fazia com que fosse virtualmente impossível separá-la de seu suporte privilegiado: o papel. A partir dessa característica técnica, desenvolveu-se todo um sistema cultural e institucional que tratava livro e texto como sinônimos. Essa indiscernibilidade manifesta-se na linguagem do senso comum, quando se diz que tal autor "escreveu um livro", por exemplo. Na verdade ocorre que esse autor "escreveu um texto" posteriormente trabalhado e publicado por uma editora em formato de livro. (CAZELOTO e PELEGRINI, 2010)¹⁰

⁹ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADtica_p%C3%Bablica> - acessado em 07.05.2011.

¹⁰ Contraeditora Ciência Livre: uma proposta para a divulgação científica.



Conceituação de Público e de Privado

É do ano de 1995 o documento *Câmara da Reforma do Estado*, em que o então Ministério da Administração Federal da Presidência da República, propõe a criação de organizações públicas não-estatais. Esse modelo de operação, torna ainda mais complexo definir limites entre o público e privado.

Reformar o aparelho do Estado significa garantir a esse aparelho maior governança, ou seja, maior capacidade de governar, maior condição de implementar as leis e políticas públicas. Significa tornar muito mais eficientes as atividades exclusivas de Estado, através da transformação das autarquias em “agências autônomas”, e tornar também muito mais eficientes os serviços sociais competitivos ao transformá-los em organizações públicas não-estatais de um tipo especial: as “organizações sociais”. (MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO FEDERAL, 1995, p. 44-45)¹¹

O pensador francês Edgar Morin, em seu livro “Da necessidade de um pensamento complexo”, faz uma reflexão que nos alerta sobre o pensamento e a prudência.

Produzimos a sociedade que nos produz. Ao mesmo tempo, não devemos esquecer que somos não só uma pequena parte de um todo, o todo social, mas que esse todo está no interior de nós próprios, ou seja, temos as regras sociais, a linguagem social, a cultura e normas sociais em nosso interior. Segundo este princípio, não só a parte está no todo como o todo está na parte. Isto acarreta consequências muito importantes porque, se quisermos julgar qualquer coisa, a nossa sociedade ou uma sociedade exterior, a maneira mais ingênua de o fazer é crer (pensar) que temos o ponto de vista verdadeiro e objetivo da sociedade, porque ignoramos que a sociedade está em nós e ignoramos que somos uma pequena parte da sociedade. Esta concepção de pensamento dá-nos uma lição de prudência, de método e de modéstia. (MORIN, 2003)

Na antiguidade apenas aquilo que acontecia no cerne da família, dentro desse espaço restrito era considerado privado no sentido de não ser compartilhado publicamente. Portanto tudo o mais era espaço público.

Hannah Arendt em seu livro *A Condição Humana*, esclarece que tudo aquilo que é

¹¹ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/publi_04/COLECAO/PLANDI5.HTM> acessado em 27.05.2011.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

público tem a maior divulgação possível.

O termo <<público>> denota dois fenômenos intimamente correlatos, mas perfeitamente idênticos. Significa, em primeiro lugar, que tudo o que vemos vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível. [...] Em segundo lugar, o termo <<público>> significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. [...] A distinção entre as esferas pública e privada, encarada do ponto de vista da privatividade e não do corpo político, equivale à diferença entre o que deve ser exibido e o que deve ser ocultado." (ARENDT, 2007, p. 59)¹²

Refletimos aqui sobre a importância e a necessidade da produção acadêmica científica ser tornada pública porque: precisamos ter o acesso ao que é produzido, principalmente quando a produção é fomentada por recursos públicos, o acesso a este conhecimento retorna para a sociedade o investimento que é feito na atividade de pesquisa, na busca de soluções e respostas aos desafios sociais contemporâneos. A transformação do texto científico elaborado em um livro não deve limitar a coletividade de ter o acesso a esse conhecimento produzido, que pode, em tese, ficar submetido unicamente pela análise e o interesse privado do mercado editorial de livros.

O moderno da esfera pública burguesa contava com a separação rígida entre setor público e setor privado; a esfera pública das pessoas privadas reunidas num público, que fazia a mediação entre o Estado e as necessidades da sociedade, era computada ela mesma no setor privado. A medida que o setor público se imbrica com o setor privado, este modelo se torna inútil. Ou seja, surge uma esfera social repolitizada, que não pode ser subsumida, nem sociológica nem juridicamente, sob as categorias do público ou do privado. Neste setor intermediário se interpenetram os setores estatizados da sociedade e os setores socializados do Estado sem a intermediação das pessoas privadas que pensam politicamente. O público cede grandemente essa tarefa a outras instituições: por um lado as associações em que os interesses privados coletivamente organizados procuram dar-se imediatamente uma configuração política; por outro lado, através de partidos que, condescidos com órgãos do poder público, como que se estabelecem acima da esfera pública, da qual já foram instrumentos. O processo politicamente relevante do exercício e do reequilíbrio dos poderes transcorre diretamente entre as administrações privadas, as associações, os partidos e a administração pública; o público enquanto tal só esporadicamente é inserido neste circuito do poder e, então, apenas também para que aclame. (HABERMAS, 1984, p. 208)

¹² Em: *A Condição Humana*, 7. A Esfera Pública: O comum.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

A necessidade de construção de políticas públicas nessa temática da divulgação acadêmica científica é um fato. Apenas a legislação existente relativa a direitos autorais, pela lei nº 9610 de 19 de fevereiro de 1998, e a existência da Portaria da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) nº 13 de 12 de fevereiro de 2006¹³, não dão conta das necessidades que essa temática exige socialmente.

A percepção é predominante no sentido de que os processos de formação, controle e de avaliação de políticas públicas se dão exclusivamente no âmbito do poder legislativo e do poder executivo. No entanto, a materialização de políticas por meio de leis constitui apenas uma de suas vertentes, o que indica não ser predominante a ação do poder legislativo nestes processos. É bastante comum a conformação de políticas por meio de decretos, resoluções, portarias, identificando-se elementos caracterizadores de uma política até mesmo no corpo de contratos e convênios administrativos, o que leva habitualmente a se creditar ao poder executivo o principal locus de conformação de políticas. (ARZABE, 2001, p.32)

São precisos diferentes atos e normas, bem como ações da sociedade civil e do Estado no sentido de incentivar e promover a comunicação e divulgação da produção científica nacional e a apropriação desse conhecimento pelos demais pesquisadores que estão produzindo e que poderão ter contribuições relevantes e isso irá retornar em favor da sociedade como um todo.¹⁴ É importante pensarmos na questão regional e nacional do conhecimento produzido, no fortalecimento da produção científica que poderão ser respaldadas por uma maior divulgação do que é produzido com o recurso público.

A universidade é um espaço onde a transformação social é possível, pois há o compromisso social que se caracteriza na produção científica. Conforme argumenta a Prof^a Dra. Teresa Dib Zambon Atvars:

“O produto final de um programa de pós-graduação é a formação de um profissional qualificado, seja com o título de mestre, seja com o título de doutor.

¹³ Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria_013_2006.pdf> acessado em 27.05.2011.

¹⁴ Buscando identificar as mudanças ocorridas no grau de intervenção do Estado em economias desenvolvidas e em desenvolvimento desde os anos 70, Flávio da Cunha Rezende analisou a evolução de gastos públicos por função segundo a renda em uma amostra de 64 países. E concluiu que os governos dos países ricos vêm interferindo mais na economia e exercendo maior intervenção social que os países em desenvolvimento, em contraste com o que convencionalmente apregoa o ideário do "Estado mínimo". (GONÇALVES, 2006, p. 88)



VIII POSCOM

Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

E a obtenção desses títulos acadêmicos só é possível com a elaboração e a defesa pública de uma tese ou dissertação, que deve ser escrita e elaborada em linguagem científica, valorizando a metodologia e os resultados obtidos na pesquisa”. (ATVARS, 2005)

A produção científica precisa ser conhecida pela sociedade para que esta possa se apropriar, assimilar o conhecimento produzido e garantir que o investimento público e científico promova o desenvolvimento político, econômico e social da população. Nas palavras do Prof. Dr. Edgar de Assis Carvalho:

“Se a história humana possui sempre um caráter não determinista, porque imersa no caos da vida, devemos sempre privilegiar as experiências da criatividade (...). O planeta tem urgência de ser mais integrativo e interdependente”.(CARVALHO, 2002)

O que é desejado

É desejável a construção de políticas públicas para identificar e solucionar os entraves na divulgação do conhecimento acadêmico científico, que contribuam para o avanço da divulgação dos textos elaborados das pesquisas, que a produção acadêmica científica implemente em qualidade nas questões que dizem respeito ao interesse social e humano, meio ambiente, de vida, desenvolvimento econômico. Todo conhecimento tornado público implementa a produção de novos conhecimentos.

Este período contemporâneo em que se apresentam diversos desafios, o conhecimento científico pode propiciar novas perspectivas e condicionamentos (ARENDT, 2007) para essa realidade social. Se na academia, no momento em que se produzem pesquisas, elaboram-se conteúdos que dialogam com a realidade e apresentam-se propostas na busca de entendimentos e soluções, então é importante propiciar e facilitar que aconteça essa comunicação e o intercâmbio entre cientistas na academia e as demais pessoas nos diversos segmentos sociais, bem como que se garanta o acesso a esse conteúdo pesquisado e elaborado em texto, utilizando-se de novos recursos presentes nesta contemporaneidade, de forma que as pessoas se sintam contempladas pela produção científica, os cientistas percebam a importância de seu trabalho, recebam o reconhecimento



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

e que isso tudo represente o atendimento das necessidades sociais e humanas.

Questiona-se quanto da produção científica consegue ser alçada a posição de representação no suporte midiático livro. Quanta dessa produção que foi colocada em livro foi acessada e efetivamente lida pelas pessoas. Quanto dessa produção que teve o direito reservado para se tornar um livro pode ter sofrido a situação de ter sido deixada de ser impressa por algum motivo concernente ao interesse restrito de um editor. Quanto da produção efetivamente impressa foi possível de acesso à compra ou limitada de acesso em função de custo. Quais são os entraves para a divulgação da produção científico acadêmica?

Todo conhecimento passível de formalização pode ser abstraído de seu suporte material e humano, multiplicado quase sem custos na forma de software e utilizado ilimitadamente em máquinas que seguem um padrão universal. Quanto mais se propaga, mais útil ele é à sociedade. Seu valor mercantil, ao contrário, diminui com a sua propagação e tende a zero: o conhecimento torna-se um bem comum acessível a todos. Uma autêntica economia do conhecimento corresponderia a um comunismo do saber no qual deixam de ser necessárias as relações monetárias e as de troca. (GORZ, 2003, p. 10)¹⁵

O pesquisador em seu desafio precisa estruturar suas idéias imbuído de princípios, valores, visão social e de mundo que integre esse processo de fragmentação social em que vivemos na sociedade contemporânea e que encontre meios de expressar seu entendimento e espaço para desenvolver sua criatividade com responsabilidade, com imaginação, utilizando a ciência através do método científico como forma de organizar suas idéias.

Para Vilém Flusser, importante filósofo tcheco que residiu um tempo no Brasil e se naturalizou brasileiro¹⁶, tem uma citação que fala da importância da ciência como uma conversação.

“...a ciência é a conversação em sua forma mais perfeita e rigorosa. Os elementos da língua, são, durante esse tipo superior de conversação, constantemente reagrupados pelos intelectos participantes, em busca consciente de novas frases que obedeçam às regras da língua científica...” (FLUSSER: 2007, p. 137)

¹⁵ *O Imaterial* de André Gorz cuja leitura aconteceu no Grupo de Estudos do Mestrado em Comunicação.

¹⁶ Filósofo tcheco (1920-1991), conforme Wikipedia disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Vil%C3%A9m_Flusser> - acessado em 14/06/2011.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Como ressalta o filósofo, o rigor do método científico, pela sua descrição confiável, busca garantir que a produção daquele conhecimento tem valor pela sua objetividade, sistematização, fundamentos, portanto a expressão da produção científica aliada à necessidade social representa perspectiva de desenvolvimento para o País, abrindo um leque de novas possibilidades.

Considerações parciais

A proposta deste artigo foi trazer a reflexão sobre a temática da divulgação da produção acadêmica científica que está relacionada ao objeto de pesquisa desta autora, dentro de uma contextualização de cenário contemporâneo e fundamentada em alguns conceitos teóricos com uma visão crítica. Apresentou algumas questões sobre a complexidade na conceituação de público e do privado, considerando que público é aquilo que é do interesse e para o conhecimento de todos, enquanto que o que é privado é particular e restrito ao acesso, o que não seria esperado acontecer com uma produção científica acadêmica de interesse social fomentada por recursos públicos. Discutiu a importância de não haver entraves entre a necessidade de tornar público o conhecimento da produção acadêmica científica frente à lógica do mercado editorial de livros e fortaleceu a ideia da necessidade de investimentos em políticas públicas para dar conta da atual situação dentro desta temática da divulgação científica acadêmica.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 10ª ed., 2007.
- ARZABE, Patrícia Helena Massa. *Conselhos de Direitos e Formulação de Políticas Públicas*. In BUCCI, Maria Paula Dallari et alli. Direitos humanos e políticas públicas. São Paulo, Pólis, 2001.
- ATVARS, Teresa Dib Zambon. *Prefácio*. In: LAGOSTERA, Ana; CECCOTTI, Heloisa Maria; VICENTINI, Regina Aparecida Blanco. TESES E DISSERTAÇÕES DA UNICAMP diretrizes para normalização do documento impresso e eletrônico, Unicamp, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Ed. Zahar, 2005.
- CANCLINI, Nestor Garcia - *Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação* - OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, Vol. VIII, nº1, 2002 pp.40-53.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

CARVALHO, Edgar de Assis - *Saberes Culturais e educação do futuro* - Núcleo de Estudos da Complexidade da Faculdade/PG de Ciências Sociais da PUC/SP, 2002.

CAZELOTO, Edílson; PELEGRINI, Milton. *Contraeditora Ciência Livre*: uma proposta para a divulgação científica. Revista Conhecimento em Rede. Artigo p.10-11, 2010.

COMPARATO, Fábio Konder. *Ensaio sobre o juízo de constitucionalidade de políticas públicas*. Revista dos Tribunais, ano 86, n. 737, março, São Paulo, 1997. In: CRISTÓVAM, José Sérgio da Silva. Breves considerações sobre o conceito de políticas públicas e seu controle jurisdicional. Jus Navigandi, Teresina, ano 10, n. 797, 8 set. 2005. Disponível em: <<http://jus.uol.com.br/revista/texto/7254>>. Acesso em 19.03.2011.

GORZ, André. *O Imaterial*. Annablume Ed., 2003.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. RJ: Tempo Universitário, 1984.

GONÇALVES, Alcindo. *Políticas Públicas e a Ciência Política*. In: BUCCI, Maria Paula Dallari et alli. Políticas Públicas – reflexões sobre o conceito jurídico. Ed. Saraiva, 2006.

MORIN, Edgar. *Da Necessidade de um Pensamento Complexo*. In. Org. Martins, Francisco Menezes e Silva, Juremir Machado da - Para Navegar no Século XXI – 3ª ed. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2003.

FLUSSER, Vilém – *Língua e realidade* – 3ª ed.pág.137 – Annablume, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento*. Editora 34. 1996.



**Um corte na experiência:
práticas comunicativas na polifonia das ruas do Centro de Fortaleza¹**

Tarcísio Bezerra Martins Filho²
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

Pretendo neste trabalho apresentar minhas primeiras impressões sobre as práticas comunicativas no Centro de Fortaleza. O texto é construído em forma de relato, um corte na experiência urbana, que objetiva descrever aspectos da comunicação (e de sua relação com o espaço) no trajeto da rua Major Facundo até a praça do Ferreira. Constato preliminarmente modalidades comunicativas diferentes para cada região atravessada: as ruas de automóveis e pedestres, as ruas de passagem exclusivas aos pedestres e a praça. Finalmente, reforço o argumento que no contexto particular da polifonia urbana a comunicação pode atingir uma voz altiva.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade. Comunicação. Experiência urbana. Práticas comunicativas. Centro de Fortaleza.

1 Ao que me proponho

“Antes”, lembra-se Dona Argélia, “era tudo muito diferente. Não tinha nada disso aqui. Não tinha esses cartazes. Não tinha os camelôs. Não tinha nada disso. Era só uma praça mesmo. Uma praça para a gente passear”.

Os grande acontecimentos da história política da cidade de Fortaleza atravessaram em muitos momentos o centro da cidade. Mas não só. Os pequenos acontecimentos

¹ Trabalho apresentado no GT Comunicação e Diversidade do VIII Seminário de Alunos de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio.

² Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Graduado em Comunicação Social pela Universidade de Fortaleza. Email: tarcisiobmf@gmail.com.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

também: o dia a dia, o cotidiano do fortalezense que passava pela região por motivos diversos. A praça do Ferreira tornou-se um espaço de sociabilidade bastante frequentado na capital cearense. Ou, como preferiu a Dona Argélia, “um lugar para a gente passear”. Hoje, ele ainda se apresenta como um lugar interessante para a sociabilidade. Mas muita coisa mudou.

O contexto da interlocutora, aproximadamente os anos 1950 ou 1960, difere de forma muito explícita do que encontramos hoje. O *cenário* mudou. – para usar um termo comum à Antropologia Urbana de Magnani (2008). Os *atores* também. O que dizer então do *script*? Qual é o novo cenário? Quem são os novos atores? Quais são as novas regras de sociabilidade, de experimentação do espaço encontradas na região da praça do Ferreira?

Estas perguntas remetem a uma pesquisa de ordem maior. Limito-me a descrever parcialmente o que observei nos meses de maio e julho de 2011 no lócus estudado. Até então, tinha particular interesse em aspectos referentes à comunicação visual. Em campo, contudo, percebi que uma experiência no Centro de Fortaleza é multissensorial. As vozes dos camelôs são parte do cenário. Assim como o cheiro e o gosto do mugunzá³ e a aspereza dos bancos de madeira da praça do Ferreira. E, claro, a infinidade de anúncios publicitários e de sinalização encontrados na região.

Venho, portanto, apresentar o meu objeto: as práticas comunicativas. O termo propositalmente reúne não só as estratégias midiáticas de cunho publicitário, mas também as placas de sinalização de trânsito, a arquitetura, as estratégias de venda dos vendedores (inclusive os ambulantes), a multidão, as conversações etc.. Enfim, todas as múltiplas formas de linguagens que abraçam a experiência do transeunte e sua percepção sobre o espaço. Daí a intenção de “corte na experiência” sugerida no título.

³ “Mugunzá” é uma comida típica cearense que no Sudeste é conhecida como “canjica”.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Sendo este fenômeno uma experiência pessoal e particular a um momento, o que se propõe aqui é uma mínima sistematização desses cortes que variam a todo momento. Isso é mais explícito ao analisar, por exemplo, dois cortes distantes temporalmente – como no caso das experiências de Dona Argélia.

A interlocutora encontra grandes diferenças entre as duas praças separadas temporalmente. Não pretendendo defender um passado glorioso e um presente degradado. Ao contrário, gostaria de explicitar, a partir desse texto, a multiplicidade de fenômenos que encontro ao percorrer hoje o lócus⁴. Longe do Centro que precisa ser *revitalizado*, como amplamente é discursado na mídia local ou nos fóruns culturais da cidade, vejo um bairro incrivelmente heterogêneo e produtor de diversidade.

Ao considerarmos o argumento de Caiafa (2007a:25), que julgar ser “a mistura urbana, a concentração e a circulação, o contágio em plena rua que garantem a nossa presença e a nossa liberdade de circular e, portanto, a nossa relação ativa com a cidade”, então o Centro de Fortaleza é um poderoso testemunho – e, creio eu, um dos poucos na capital cearense – dessa “relação ativa com a cidade”.

Vive-se a cidade. É esta experiência de “praticar a cidade”, como diria Michel de Certeau (1994), que pretendo ressaltar neste trabalho. A zona estudada esbanja sua qualidade comercial, mas, um olhar mais próximo, permite-nos observar que o comércio é, no máximo, um estopim. É a presença da diversidade, da pluralidade de formas e dos discursos no Centro de Fortaleza que garantem sua característica produtora de heterogeneidade⁵.

⁴ Devo frisar, como voltarei a fazer nas considerações desse artigo, que o Centro a que me refiro é aquele relacionado ao comércio. Há outros Centros dentro do Centro de Fortaleza que variam de acordo com o período da visita.

⁵ Cf. Caiafa (2007b)



Assim, proponho neste artigo descrever a minha experiência como transeunte nesse locus tão múltiplo e apontar algumas das diversas modalidades comunicativas da região. Compreendo-as como formas de apropriações do espaço urbano, pois, elas refletem, cada uma à sua maneira, a “relação ativa” com a cidade. O anúncio publicitário em um prédio do Centro participa da experiência do transeunte ao agenciar-se com a arquitetura antiga. Não é possível separar a cidade de concreto das apropriações nela feita. Seria o mesmo, acredito, que apresentar um mero cadáver, um corpo sem alma⁶.

2 As duas cidades

Em certo relato, uma jovem blogueira interessada no Centro escreveu:

Montados em bicicletas, escoltados pela AMC [Autarquia Municipal de Trânsito e Cidadania] e percorrendo as ruas históricas do Centro, estávamos cercados do *estranhamento necessário* para olhar nosso coração de cidade com olhos de primeira vez. Apesar do pouco tempo, [...] observar um a um dos prédios do entorno da Coluna da Hora [na praça do Ferreira] e imaginá-los sem os *letreiros propagandísticos* das lojas dá um susto. Debaixo do depredo e da sujeita, uma verdade: vivemos em uma cidade bonita. [post da usuária JANA.BRAS no dia 18 de janeiro de 2010 no blog Fortaleza no Centro, grifo meu]

Em entrevista com a internauta, ouvi suas antigas frustrações em relação ao Centro (anteriores ao momento do “susto”). Elas, de certa forma, refletem um pensamento bem característico da classe mais altas em Fortaleza. São as constante descrições do bairro como “um lugar sujo, quente, feio, perigoso” e que, de alguma forma, precisa ser evitado. Os espaços de sociabilidade entre jovens desse perfil dificilmente passam pelo bairro. Todavia,

⁶ Jaques (2008) propõe uma certa linha desenvolvimentista de complexidade para pensar as questões da urbes. Há a cidade como projeto urbano, do ponto de vista do urbanista. Em um segundo nível, há as cartografias, estas, por sua vez, atualizam (apropriam-se e modificam) o projeto arquitetônico por meio das práticas sociais. Em grau mais complexo, encontra-se as “coreografias”, isto é, os fluxos, “projetos de movimentação corporal, ou seja, um projeto para o corpo (ou conjunto de corpos) realizar, o que implica, como no projeto urbano, em desenho (ou notação), em composição (ou roteiro) etc.” (Jacques, 2008:51). Esta coreografia, assim como na dança sofre a influência da subjetividade de seus produtores, o que vem a gerar, por sua vez, um quarto e último nível ainda mais complexo: a experiência corporal das cidades ou corpografias urbanas. Este último nível, em suma, trata de uma “cartografia da coreografia”, isto é apresenta em um mapa a variedade das coreografias existentes em um contexto dialógico. É esta corpografia que me interessa para pensar a experiência urbana no Centro de Fortaleza.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

lá estava a usuária olhando “com olhos de primeira vez”. Assim, a partir das intervenções propostas no passeio ciclístico descrito, a cidade “verdadeira” apareceu.

Há duas versões de cidade aqui. Em uma delas, a cidade sem o depredo, a sujeira e os letreiros propagandístico – a cidade “verdadeira” para a usuária – desloca-se da “cidade praticada”. Argumento, todavia, que o que precisou ser filtrado na nova percepção da blogueira representa justamente as apropriações sociais do espaço, o que venho metaforizando como a alma do Centro. A versão de cidade que a levou ao susto, longe de ser uma “uma verdade”, é a imagem mais idealizada e romântica do concreto citadino. Um corpo bonito na melhor das hipóteses.

Mas qual seria o propósito de citar o trecho do *post* além de apresentar os dois modelos de cidades possíveis aos olhos da usuária? Respondo: ressaltar a existência daquilo que – até então – pareciam obscurecer a cidade para a blogueira. Podemos considerar que a sua experiência da cidade previamente existia com todos os demais filtros que precisaram ser descortinados em sua nova percepção do Centro. Em outras palavras, a experiência da cidade do dia a dia, do cotidiano – sem “o estranhamento necessário” é híbrida⁷ e formada não só pela beleza dos monumentos e dos prédios, mas também pela sujeira, pelo depredo e pelos letreiros propagandísticos. Os prédios agenciam-se com os “letreiros propagandísticos” assim como as ruas agenciam-se com as pessoas.

“Por que você evita ir ao Centro?”, pergunto à Stéphanie, 26 anos, moradora da Praia de Iracema e recém graduada em Publicidade e Propaganda na Universidade de Fortaleza. “Porque é feio, sujo, tem muita gente. E quando eu vou para lá eu sempre me sinto perdida, é muita coisa, é muita *informação*”.

⁷ Pensar o hibridismo nas culturas é algo familiar ao trabalho de Canclini (2003:301). Ao observar as culturas urbanas, o autor afirma que “no movimento da cidade, os interesses mercantis cruzam-se com os históricos, estéticos e comunicacionais. As lutas semânticas para neutralizar, perturbar a mensagem dos outros ou mudar seu significado, e subordinar os demais à própria lógica, são encenações dos conflitos entre as forças sociais: entre o Mercado, a história, o Estado, a publicidade e a luta popular para sobreviver”. A tensão obviamente existe. O objeto da minha dissertação do mestrado envolve ver como elas se agenciam.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

A pedestre Camila, à sua maneira, parece ter a resposta aos anseios da entrevistada. Ela afirma que “é questão de costume. A primeira vez que eu vim eu passava mal. Quando eu era criança, eu passava mal. Aí você vai se acostumando. Aí, também, se você passar um período sem vim, tem que reacostumar”.

O que observo nessas primeiras idas ao campo e nas observações das interlocutoras são algumas particularidades que envolvem a experiência na região. É comumente apontado que o Centro de Fortaleza possibilita tanta informação que acabam elas mesmas por se tornarem um elemento importante (se não o mais importante) na experiência do transeunte. São pessoas, gritos, sujeira, placas de publicidade, equipamentos de som, ambulantes, ocasionais manifestações, eventos etc. É esta diversidade que chama a atenção no relatos que ouvi (e nas minhas próprias percepções).

O lócus não é apenas um cenário. Ele é também um *ator* que molda e interfere na experiência do transeunte. Não se trata só de uma pesquisa *na* cidade, mas, igualmente, *da* cidade. A cidade não é testemunha, mas cúmplice. Ela é, como diria a Canevacci (2004), antes um *sujeito* do que um objeto: uma co-protagonista das práticas sociais.

3 Práticas comunicativas no Centro de Fortaleza

Percorro um breve trecho de alguns poucos quarteirões da rua Major Facundo, a partir da rua Dr. João Moreira, próxima ao Passeio Público, ora desviando o caminho pela rua Barão do Rio Branco, até a rua Guilherme Rocha onde caminho em direção a praça do Ferreira.

Em seu início, assusta-me a quantidade de moradores de rua nas calçadas. Como um bom “fortalezense urbano-paranoico”, ando mais apressado com o olhar atencioso naqueles que me parecem suspeitos. No caminho, muitas casas abandonadas. O “depredo e a sujeira” da usuária do blog juntam-se aos espaços pouco frequentados do Centro. Observo os prédios e as construções do bairro: alguns nobres casarões construídos fazem referência ao



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

passado quando a região era de fato a mais próspera. Além dos sobrados de dois ou três andares, alguns prédios mais altos e casas velhas de um só pavimento.

O clima é de *pórtico* de uma *mancha* comercial⁸. A região é extremamente degradada com um aspecto quase desértico que contradiz a multidão presente mais adiante. Todavia, mesmo nessas áreas mais “abandonadas”, encontro sinais dos processos de “requalificação” que estão tão presentes nos últimos anos – intensificados agora com a aproximação da Copa de 2014⁹.

O primeiro prédio da rua Major Facundo é um rico e bom ornamentado casarão de dois andares que hoje é a sede da Associação Comercial do Ceará¹⁰. Mais adiante, apenas prédios abandonados. A minha sensação como pedestre é de sempre olhar para cima, ver os prédios e o depredo. Ocasionalmente olho para trás com um certo medo. Poucos transeuntes escolhem este caminho.

Não tarda, todavia para aparecer os primeiros sinais da grande movimentação que caracteriza a região. Adentro a *mancha*. A presença massiva de pedestres é um fator importante para identificar que estou de fato no Centro. No chão, muitos panfletos que, por

⁸ Entende-se *mancha* como “áreas contínuas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou completando – um atividade ou prática dominante” (Magnani, 2008:40). No caso particular deste trabalho, o Centro é uma grande *mancha* de comércio e de lazer da cidade. Os *pórticos*, por sua vez, são as áreas de entrada das *manchas*.

⁹ Um bom exemplo desse processo de “requalificação” é o Passeio Público. Onde já fora, há alguns anos, um local de prostituição conhecido da capital cearense. Transformou-se, por meio de intervenções políticas, em um parque “bem frequentado” (como disse o garçom do seu restaurante central). Todavia, o parque, apesar de encontrar-se no Centro, pouco parece com a atmosfera do bairro, quase que um “universo paralelo”. Espera-se do frequentador desse novo espaço, um certo capital simbólico e cultural (cf. Bourdieu, 1997) bem diferente daquele encontrado nas demais regiões do bairro.

¹⁰ Não cabe aqui discorrer longamente sobre essa associação. Mas ela, assim como outras que tratam de alguma forma da região do Centro de Fortaleza (como a Câmara dos Dirigentes Lojistas e o Fórum Viva o Centro!), replicam seus interesses em relação ao bairro. A maior reivindicação é sobre os ambulantes. Afirmam que eles são os maiores responsáveis pela “desordem urbana” no Centro e causam “concorrência desleal com o lojista”. A mídia local também reforça esse argumento e constantemente cita os ambulantes como o maior dos problemas da região. Em uma recente publicação d’O Diário do Nordeste, principal jornal do Ceará, o texto pergunta-se “Quando o Centro deixará de ser uma terra de ninguém?” (Diário do Nordeste de 18 de outubro de 2011) em relação ao uso do espaço público pelo comércio informal.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

ausência de lixeiras ou por despreocupação, foram descartados ali mesmo. Já não ando olhando os prédios, mas desviando dos camelôs que ocupam o espaço entre as ruas e as calçadas. Por vezes, as marquises das lojas apresentam, além das placas de identificação, produtos. Não raramente, preciso desviar a cabeça no meu percurso pelas ruas lotadas. Qualquer lugar, por mais improvável que possa parecer, transforma-se em um espaço de divulgação de produtos.

Estou na rua Barão do Rio Branco e não resta dúvidas que estou dentro da *mancha* comercial mais heterogênea da cidade. Há tanta coisa para descrever que sinto grande dificuldade em registrar tudo. Os prédios e arquitetura parecem pouco importar agora. É ao nível dos olhos que as informações palpitam, nem se quer me atrevo a olhar para cima. Pois, tenho que desviar dos camelôs, dos transeuntes, de tudo. Sou intensamente convocado ao consumo. As práticas comunicativas parecem ser uma voz ativa na polifonia urbana. Mas elas são, elas mesmas, tão diversas que a heterogeneidade fica ainda mais nítida.

Os camelôs parecem se adequar ao produto predominante da região. Em frente a uma loja de eletrodomésticos que mostra um televisor com cenas de uma novela da Globo, vendedores especializados em controle remotos e antenas. Certa vez vi um vendedor de antenas de tevê demonstrando com um microfone e um amplificador de som o processo de instalação do equipamento.

Uma experiência como transeunte perpassa necessariamente todos os meus sentidos. O cheiro e o gosto do mugunzá vindo de uma barraca improvisada na rua atravessam a minha percepção do espaço. Assim como não tarda para começar a ouvir a intensa orquestra de sons – que muitas vezes não fazem o menor sentido – nas ruas da região. São muitos os vendedores de *cds* e *dvds* piratas. E, na maioria dos casos, o produto é reproduzido em amplificadores de som. Paralelamente aos ambulantes, os lojistas contratam locutores para incentivar o consumo. Ou mesmo humoristas que aos berros declaram que “os nossos preços são uma piada!”.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Mas não há com se concentrar em apenas uma voz. São muitas. Eles formam um inesperado *remix* de muitas músicas e vozes distintas. O Padre Marcelo Rossi dialoga com o forró mais agitado que logo em seguida mistura-se com o som de uma loja de eletrodomésticos (comuns nessa rua) que também colocam a prova do consumidor a eficiência de seus aparelhos de som. “Olha o Mugunzá!”, “O cafezinho barato da...”, “...uma das mais completas clínicas odontológicas do Centro...”, “é o caminho, a verdade e a vida...”.

Entro na rua Liberato Barroso, uma rua de passagem. Ao contrário de sua função prevista de interligar as diferentes regiões comerciais entre os longos quarteirões do Centro, a rua tornou-se por excelência tanto ou mais comerciais que as ruas convencionais de automóveis e pedestres. O seu canteiro central foi ocupado por vendedores ambulantes que acabam por transformá-la em dois longos corredores de fluxos incertos cheia de esbarrões entre pessoas indo e vindo. Não se anda em linha reta, mas recortando os passantes.

Percebo quase que uma “formalidade” no comércio “informal”. Os camelôs organizam-se em pequenos estandes protegidos por guarda-sóis. Há produtos e anúncios em todos os espaços possíveis. Um cobrindo a visibilidade do outro. Concorre-se também com a publicidade dos lojistas que também invadem as ruas para interpelar ao máximo os transeuntes. Entregam-se muitos panfletos o tempo todo. Um profissional que conheci nessas idas ao Centro é o “fiscalizador de mercadorias”, uma espécie de vigilante que inibe pequenos furtos nos estabelecimentos que expõem seus produtos no passeio do pedestre.

Chego, finalmente, à praça do Ferreira. A liberdade do espaço me traz uma outra sensação. Percebo, inclusive que os pedestre próximos as zonas mais densas andam com mais pressa, recortando a multidão. Ao atravessar a praça, todavia, anda-se mais lentamente, em linha reta. Aqui, diferentemente das demais regiões da mancha, os transeuntes podem parar, sentar em um dos bancos e conversar.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Enquanto a visão dos prédios era desfavorecida pela atmosfera comunicacional das ruas anteriormente descritas, na praça ela volta a ganhar importância. Não à toa, é nessa região onde há os edifícios melhor preservados. Alguns, como a centenária Drogaria Oswaldo Cruz orgulha-se de manter os mesmos elementos art-decô da estrutura original do prédio. Logo adiante, ao contrário, a Riachuelo não parece ter a mesma preocupação: uma enorme placa de sinalização com um modelo com ares europeizados, estampa a publicidade do varejo. No mesmo edifício, um prédio de uns quinze andares, uma gigantesca empena também faz menção à loja logo abaixo. A modelo gigante dialoga à sua maneira com a Coluna das Horas no centro da praça que, por sua vez, dialoga com as fachadas preservadas e com as não preservadas. Há de fato uma polifonia da comunicação, uma heterogeneidade de discursos que demonstram ao mesmo tempo tensão e conexão.

4 Próximos passos

Neste trabalho propus não analisar, mas descrever a minha experiência pessoal no campo. O meu objeto, as práticas comunicativas, parecem, como indico em tom de hipótese, ser um elemento importante para experimentar o Centro. Descrevi, por meio de um trajeto relativamente curto uma grande quantidade de intenções comunicativas – das mais institucionalizadas (como a propaganda) aos vendedores ambulantes. Muitas outras ficaram à margem deste relato por simplesmente não haver sequer espaço para elas. Refiro-me, por exemplo, às sinalizações de rua, mais importantes aos motoristas do que, de fato, aos transeuntes. Contudo elas existem e também fazem parte do espaço.

Como próximo passo para a pesquisa, pretendo voltar ao campo em dezembro de 2011 e janeiro e fevereiro de 2012 para identificar e sistematizar melhor as modalidades de comunicação aqui parcialmente enumeradas. Do ponto de vista analítico, já percebo que as mesmas diferem de região a região. Há uma experiência particular nas ruas de automóveis e veículos; outra nas ruas de passagem; e, finalmente, outra na praça do Ferreira. O mesmo pode ser dito sobre a relação dos transeuntes com o espaço.



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

A mídia, conforme Canevacci (1993) alonga-se pela forma da cidade, transformando-a a sua imagem. E este é apenas um dos domínios em que a comunicação e a cidade interagem, tornando possível pensar uma a partir do contexto da outra. Esta concepção de que a mídia transforma as sociedade não é nova. Sodré (2002) experimenta a discussão sobre como a sociedade contemporânea rege-se pelas midiatisações, isto é, funcionando como uma prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível. Desta forma, o autor entende que a mídia passou a ser um espelho das práticas sociais (e não reflexo) tornando-se, portanto, uma nova forma de vida, denominada bios midiático que viria a somar aos outros bios aristotélicos¹¹.

Por fim, aponto algumas pequenas análises da pesquisa que já posso indicar a partir deste relato. Retomo a fala de D. Argélia: “Antes era tudo muito diferente. Não tinha nada disso aqui. Não tinha esses *cartazes*. Não tinha os *camelôs*”. O que mais me chamou a atenção em seu depoimento foi a importância dada aos cartazes e aos camelôs como os elementos estranhos à experiência no Centro em outras épocas. De fato, quanto mais vou a campo, fortaleço a hipótese que as novas práticas comunicativas são vozes importantes da metrópole contemporânea. Certamente, não são as únicas, mas, por vezes, a voz mais alta. Talvez, como nos afirma a blogueira do começo do texto, seja preciso, de fato, limpar “o depredo e a sujeira” e os “letreiros propagandísticos” para contemplar melhor a voz do concreto dos prédios e do asfalto das ruas. Mas não haveria graça, pois é a mistura entre esses muitos elementos que dá vida à cidade e define essa experiência heterogênea.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São

¹¹ Cf. Sodré (2002).



VIII POSCOM
Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio
23, 24 e 25 de novembro de 2011

Paulo: Edusp, 2003.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica*: ensaios sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

_____. Metrópole comunicacional. *Revista USP* / Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo – n. 63, set/nov 2004. São Paulo: USP, CCS, 2004.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

JACQUES, Paola Berestein. Cenografias e corpografias urbanas: espetáculo e experiência na cidade contemporânea. *Revista Observatório Itaú Cultural*. n. 5, p. 47-67. abr./jun. 2008 – São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

CAIAFA, Janice. Povoar as cidades. In: _____. *Aventura das cidades*: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: FGV, 2007a.

_____. Uma aventura própria das cidades. In: _____. *Aventura das cidades*: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: FGV, 2007b.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropolgia na Metrópole. In: _____ (org.). *Na Metrópole*: Textos de Antropologia Urbana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 2008.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho*: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.